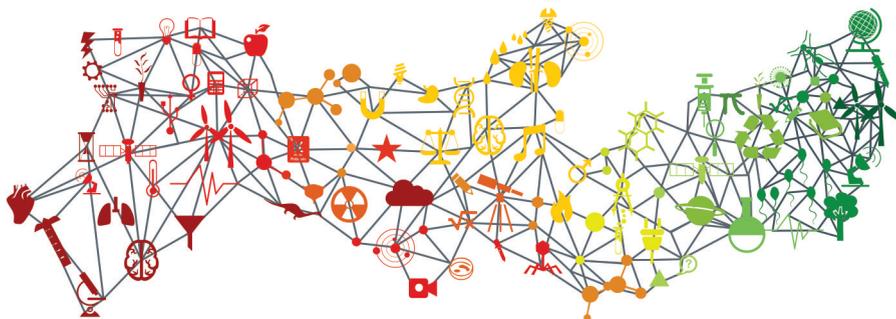




MEMORIAL
Notáveis Cientistas de
PERNAMBUCO



EDIÇÃO
2019

Série Sinopses Biográficas



Apoio



Assembleia Legislativa do
Estado de Pernambuco
A Casa de Todos os Pernambucanos



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência



ESPAÇO CIÊNCIA



APRESENTAÇÃO

A presente edição do Livreto-2019 da “Série Sinopses Biográficas” - cuja última edição ocorreu em 2017 -, do “Memorial Notáveis Cientistas de Pernambuco”, dando continuidade à sequência de publicações promovidas pela Comissão de Mérito instituída pela lei estadual nº 13.176 de 27/12/2006, que criou o Memorial, tem por objeto principal divulgar os resumos das trajetórias das carreiras científicas, na forma de Sinopses, dos Notáveis Cientista de Pernambuco.

Esta edição passa a incluir as seis Sinopses dos homenageados de 2018 e 2019, compondo assim a atual “Galeria do Memorial”, composta agora por 42 (quarenta e dois) cientistas homenageados.

Tendo em vista que as publicações desta série se destinam prioritariamente ao grande público estudantil jovem, informando e incentivando-os para a carreira científica, optou-se desde à primeira edição, prestar de forma lúdica, homenagens a esses ícones da ciência de Pernambuco, por meio de suas graciosas Caricaturas.

Dentro desta linha, e na qualidade de presidente da Comissão de Mérito desejo deixar aqui registrado minha satisfação de ter contribuído nesta fase atual do Memorial, contando uma breve história real de grande valor pedagógico:

“..... Com a morte do Arcebispo de Canterbury no Reino Unido, o rei Henry II teria que indicar, com aval do Vaticano, um novo arcebispo. O rei, porém, vivia em choque constante com a Igreja, haja visto, em parte, seu comportamento com escândalos e orgias sexuais. Mesmo através de protestos vigorosos da Igreja e da sociedade, resolve nomear um não religioso, mas seu maior amigo de farras, Thomas Becket (1118 - 1170), como novo arcebispo. Segundo seus planos, Becket assim nomeado, o apoiaria em tudo durante

seu tumultuado reinado. O que Henry II não contava, é que após nomeado, Becket veria a se tornar o mais rígido e fiel defensor da Igreja no Reino Unido... Thomas Becket foi perseguido e bem mais tarde cruelmente assassinado pelo rei...”

Como na história, o atual presidente do memorial aprendeu também a valorizar ainda mais seu cargo...

(Um excelente filme existe sobre esta história, intitulado “Becket, o favorito do Rei”, estrelado por Richard Burton, no papel de Becket, e Peter O’ Toole, no papel do rei).

As seções que se seguem, relatadas pelo coordenador do projeto que criou a “Caravana dos Notáveis Cientistas de Pernambuco”, descrevem inicialmente e de forma sucinta, um breve histórico sobre a lei que criou este Memorial, como também as composições dos Colegiados responsáveis pela gestão do Memorial e a atual composição da Comissão de Ciência, Tecnologia e Informática (CCTI) da ALEPE. Na sequência, descrevem-se as ações do projeto vinculado ao Memorial, intitulado “Caravana dos Notáveis Cientistas de Pernambuco”, em atuação no Espaço Ciência, registrando-se numa galeria de eventos, flagrantes fotográficos das atividades da Caravana, e como seção que finaliza este Livreto, se reproduz no ANEXO, o texto da Lei nº 13.176, de 28/12/2006.

Cabe aqui agradecer a colaboração dos membros da Comissão de Mérito (CM) e da Secretaria Executiva (SE) do Memorial, que de forma voluntária e solidária dedicam parte de seu tempo profissional às atividades do Memorial; agradecer o apoio da equipe da secretaria da CCTI da ALEPE, em especial a gestão de seu atual presidente, Deputada Fabíola Cabral (PP), que graças ao seu esforço e dedicação foi possível publicar a presente edição desta série; agradecer a equipe do Espaço Ciência em nome de seu Coordenador, Prof. Antônio Pavão, pelo continuado apoio e manutenção das atividades da “Caravana dos Notáveis Cientistas de Pernambuco”, integrando em parceria com as ações do Ciência Móvel, e em particular, pelo especial apoio que tem dado as celebrações promovidas pela CM do “Dia Universal do Pi”, ocorrida anualmente nos dias “14 de março”, data esta escolhida por analogia a datação do calendário Inglês “March, 14” (= 3,14....).

Celebrações Anuais Pioneiras no Hemisfério
Sul do “Dia Internacional do Número π ”



Por fim, agradecer, em especial, o continuado apoio financeiro recebido da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), por meio dos ARC's (n^{os} 0104-9.25/2016; 0129-9.25/2017; 0090-9.05/2018; 0083-9.05/2019), registrando aqui que sem estes apoios não teria sido possível publicar a Série Sinopses Biográficas que embasam e dão vida a este Memorial.

Recife, outubro de 2019

Hélio Teixeira Coelho

Presidente da Comissão de Mérito

Professor Titular da UFPE



PERNAMBUCO NA VANGUARDA
“Notáveis Cientistas de Pernambuco”
UM MEMORIAL DO SEU POVO

Por Ivon Fittipaldi – Professor Titular da UFPE

I – Breve Histórico

É sabido, e de forma inquestionável, que graças ao desenvolvimento das ciências, a humanidade vem construindo sua trajetória de progresso civilizatório, atingindo os atuais padrões de desenvolvimento econômico e social e, em particular, vem alcançando de forma continuada, melhoras crescentes na qualidade de vida das populações, gerando alimentos, graças ao conhecimento científico, para milhões de pessoas. É devido a incansável dedicação às descobertas científicas, que o homem tem assegurado sobrevivência no planeta, chegando a gigantescos aglomerados populacionais, nunca dantes imagináveis.

As justas e merecidas homenagens póstumas que o poder público presta aos expoentes da nossa história são, predominantemente, dedicadas aos militares e políticos que contribuíram na afirmação da nossa nacionalidade e, no campo intelectual, aos nossos escritores, poetas, intelectuais, religiosos e artistas, estes últimos, em geral, representados por: pintores, escultores, compositores, cantores, etc.. Observa-se, todavia, forte lacuna no reconhecimento daqueles que no anonimato de seus estudos e pesquisas, e na solidão de seus laboratórios, dedicaram a vida à descoberta científica.

É, portanto, dever cívico, divulgar o papel dos cientistas brasileiros que deram, no campo das ciências, uma nova fisionomia ao Brasil. Neste processo histórico, cientistas de Pernambuco se destacaram contribuindo de forma singular para o desenvolvimento do conhecimento científico e, ao mesmo tempo

em que enalteceram suas origens, promoveram o nome de Pernambuco nacionalmente e, em certa dimensão, internacionalmente.

Movidos por este sentimento cívico e de pernambucanidade, um grupo de pesquisadores submeteu, no início de 2006, ao deputado João Fernando Coutinho - na época presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia e Informática da ALEPE -, a proposta de criação, por meio de Lei Estadual, de um Memorial público de homenagens póstumas, a ser intitulado: "Notáveis Cientistas de Pernambuco: Um Memorial do Seu Povo", concebido com base nos seguintes objetivos:

- (i) Reconhecer e divulgar o importante papel dos cientistas de Pernambuco no desenvolvimento da ciência no seu tempo, buscando compreender o alcance de suas contribuições na construção do conhecimento universal;
- (ii) Valorizar um patrimônio intelectual existente, preservando a memória das contribuições à ciência gerada por esses pernambucanos; e, ainda,
- (iii) Estimular a vocação científica das novas gerações.

Com esta iniciativa, após algumas audiências públicas envolvendo uma maior participação da comunidade científica e a indispensável adesão da maioria dos deputados membros da ALEPE, foi promulgada no Diário Oficial do Estado de Pernambuco, de 28 de dezembro de 2006, a Lei Estadual nº 13.176, instituindo o referido Memorial.

Assim, a criação do Memorial, além de atender a um dos anseios da comunidade de pesquisadores de Pernambuco, se constituiu em ato genuíno, inédito e pioneiro entre os Estados brasileiros, revestido de grande significado de culto ao saber científico, na medida em que enaltece e exalta a vida daqueles que em Pernambuco se destacaram na ciência.



II - A Caravana da Ciência

“Levando ciência aos mais longínquos rincões do Estado”

Motivados pela existência da Lei Estadual nº 13.176/2006, um grupo de pesquisadores associados ao Espaço Ciência, coordenados pelo Prof. Ivon Fittipaldi, conceberam e submeteram à Chamada Pública de âmbito nacional, lançada em parceria entre o CNPq e a FACEPE (Edital CNPq/SECIS/MCTI/FAP's, nº 64/2009 – Espaços Científico-Culturais), o Projeto intitulado: “Caravana dos Notáveis Cientistas de Pernambuco”, tendo sido aprovado e se constituído nos Processos: APQ-1520- nº 6.08/10-FACEPE; e nº 559052/2009-O-CNPq.

O Projeto, com duração de dois anos, iniciou após liberação dos recursos, o que só ocorreu no primeiro semestre de 2011. Foi então estabelecido um cronograma e uma agenda de atividades que resultou na aquisição de equipamentos, acessórios e materiais didáticos, aqui sumarizados: i) Micro-Ônibus Mercedes-Benz decorado com adesivos alusivos à Caravana; ii) Reboque Baú para transporte de equipamentos; iii) 4 Tendas de 25 m² cada, para as exposições em campo aberto; iv) Perfis das Caricaturas dos Notáveis Cientistas do Memorial que compunham a Galeria à época; v) Produção em grande escala de Cartilhas e Jogos Educativos; vi) Três edições dos Livretos “Serie Sinopses Biográficas: Notáveis Cientistas de Pernambuco”; vii) Construções e Desenvolvimento do “Site Memorial dos Notáveis Cientistas de Pernambuco”, ancorado na página eletrônica do Espaço Ciência; e, ainda viii) Produção experimental de “3 Caricaturas na Forma de Bonecos Tridimensionais”.



Caricatura 3-D do Notável Físico Pernambucano, Mário Schenberg

A composição da Caravana (Micro-Ônibus Mercedes-Benz e Reboque Aco-plado) iniciou suas atividades em novembro de 2011 (transportando monitores; laboratórios; equipamentos de exposição; cenários de exposições, constituídos de Silhuetas das caricaturas dos Notáveis; tendas portáteis; e, demais acessórios), de forma integrada as expedições do “Projeto Ciência Móvel” do Espaço Ciência, passando a fazer parte do seu patrimônio. Devido a sua mobilidade, a Caravana vem participando nos últimos oito anos, de inúmeros eventos no perímetro da cidade do Recife, percorrido todos os municípios da região do Grande Recife, visitado cerca de 100 cidades e distritos do interior do Estado, muitas delas, com escolas públicas extremamente carentes em infraestrutura acadêmica, notadamente aquelas voltadas para a experimentação científica. Constata-se, portanto, que as visitas da Caravana, levam pela primeira vez, a exibição da experimentação científica



Distribuição espacial de parte dos Municípios visitados em Pernambuco pela Caravana

Desta forma, a Caravana tem mobilizado as escolas do interior de Pernambuco - que na sua quase totalidade são desprovidas de laboratórios de ciência -, levando aos jovens vocacionados para as áreas do conhecimento científico, o exemplo de notáveis que também ali nasceram e cresceram, vivendo em condições análogas de adversidades e, mesmo assim, realizaram seus sonhos de se dedicarem à ciência como profissão e se tornaram cientistas.

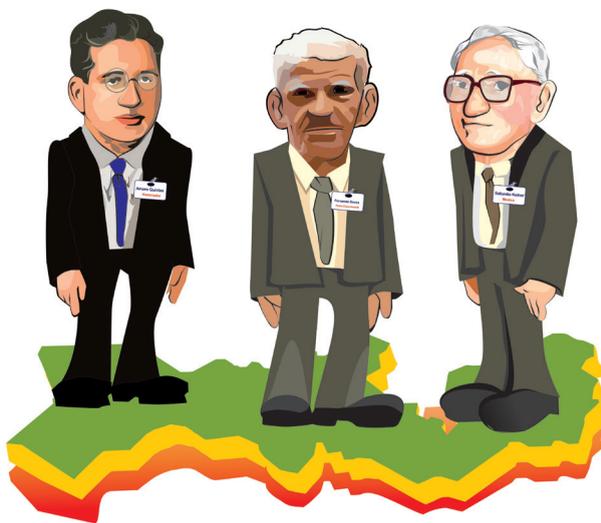


**Participação do Micro-Ônibus
Mercedes-Benz Reboque nas visitas aos
Municípios**

Além de sua expressiva atuação no Estado de Pernambuco, a Caravana tem se projetado nacionalmente participando de quatro edições das Reuniões Anuais da SBPC: a primeira na 64ª SBPC, realizada na UFMA, de 22 a 27 de julho de 2012, em São Luís do Maranhão; a segunda na 65ª SBPC, ocorrida localmente na UFPE, de 21 a 26 de julho de 2013, em Recife, onde teve uma participação marcante integrando às exposições do Espaço Ciência; a terceira na 68ª SBPC, realizada na UFSB, de 17 a 22 de julho de 2016, em Porto Seguro, Bahia, e quarta e última na 69ª SBPC, realizada na UFMG, de 16 a 22 de julho de 2017, em Belo Horizonte. Em 30 agosto de 2017, a Caravana viajou até Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense, participando de uma “Mostra de Ciência”, e pela relevância e destaque da sua presença, chamou atenção da mídia local, tendo sido tema de abertura de reportagem no programa “Bom dia Ceará” da Rede Globo, programa este, reconhecidamente, de grande audiência naquele estado. Durante estas participações fora de Pernambuco, a Caravana tem provocado grande visibilidade e admiração, constatado pelas inúmeras manifestações de estímulo e de elogios à iniciativa da ALEPE pela criação do “Notáveis Cientistas de Pernambuco: Um Memorial de seu Povo”, por meio da Lei 13.176/2006, com inúmeras referências e citações de que o exemplo de Pernambuco deveria ser seguido por outros estados da federação.

Além de sua expressiva atuação no Estado de Pernambuco, a Caravana tem se projetado nacionalmente participando de quatro edições das Reuniões Anuais da SBPC: a primeira na 64ª SBPC, realizada na UFMA, de 22 a 27 de julho de 2012, em São Luís do Maranhão; a segunda na 65ª SBPC, ocorrida localmente na UFPE, de 21 a 26 de julho de 2013, em Recife, onde teve uma participação marcante integrando às exposições do Espaço Ciência; a terceira na 68ª SBPC, realizada na UFSB, de 17 a 22 de julho de 2016, em Porto Seguro, Bahia, e quarta e última na 69ª SBPC, realizada na UFMG, de 16 a 22 de julho de 2017, em Belo Horizonte. Em 30 agosto de 2017, a Caravana viajou até Juazeiro do Norte, região do Cariri cearense, participando de uma “Mostra de Ciência”, e pela relevância e destaque da sua presença, chamou atenção da mídia local, tendo sido tema de abertura de reportagem no programa “Bom dia Ceará” da Rede Globo, programa este, reconhecidamente, de grande audiência naquele estado. Durante estas participações fora de Pernambuco, a Caravana tem provocado grande visibilidade e admiração, constatado pelas inúmeras manifestações de estímulo e de elogios à iniciativa da ALEPE pela criação do “Notáveis Cientistas de Pernambuco: Um Memorial de seu Povo”, por meio da Lei 13.176/2006, com inúmeras referências e citações de que o exemplo de Pernambuco deveria ser seguido por outros estados da federação.

Perfis das Caricaturas dos Notáveis



As atividades desenvolvidas pelo Projeto Caravana revelam que as metas previstas originalmente foram, e continuam sendo, alcançadas, se constituindo em ação estratégica do Espaço Ciência no seu papel de divulgação da ciência. A Caravana, com seu Micro-Ônibus Mercedes-Benz e Reboque é atualmente o único veículo do projeto Ciência Móvel do Espaço Ciência, tendo atingido um público estudantil, ao longo destes sete últimos anos, que já ultrapassam o número de 200 mil jovens!



Flagrantes fotográficos das atividades da CARAVANA nas exposições





COMISSÃO DE MÉRITO

Professor Dr. Hélio Teixeira Coelho (presidente)

Representante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/ SBPC

Professor Dr. Ivon Palmeira Fittipaldi

Representante da Academia Pernambucana de Ciências/ APC

Professora Dr^a. Helen Khoury

Representante da Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE

Professor Dr. Emídio Cantídio de Oliveira Filho

Representante da Universidade Rural de Pernambuco/UFRPE

Professora Dr^a. Clara Maria Silvestre M. de Freitas

Representante da Universidade de Pernambuco/UPE

Professora Dr^a. Galba Maria de Campos Takaki

Representante da Universidade Católica de Pernambuco/ UNICAP

Professor Dr. Oscar Manoel Loureiro Malta

Representante da Academia Brasileira de Ciências/ ABC

SECRETARIA EXECUTIVA

João de Souza Barros (coordenador)

Indicado pela ALEPE

Professora Dr^a. Rejane Mansur

Indicada pela FACEPE

Professor Dr. Fernando Antônio Nóbrega Santos

Indicado pela SBPC

Professor Dr. Antônio Carlos Pavão

Indicada pelo Espaço Ciência

COLABORADORES VOLUNTÁRIOS DO PROJETO MEMORIAL

Thiago de Salazar e Fernandes

Professor e Pesquisador do Dep. de Biofísica da UFPE

Frederico Toscano Barreto Nogueira

Analista de Sistemas do MCTI

Décio Valença Filho

Engenheiro Eletricista, Autor do Livro “Subversões Matemáticas: Para Jovens de 8 a 80 Anos” Recife, Editora CEPE-2014

EQUIPES DE APOIO DO ESPAÇO CIÊNCIA

Roberta Cristina da Silva

Coordenadora da equipe da Caravana

Fabiana Coelho de Souza Leão

Jornalista

GILSON RODRIGUES COTRIM

Designer

**MEMBROS DA COMISSÃO DE CIÊNCIA TECNOLOGIA
E INFORMÁTICA DA ALEPE**

TITULARES

Deputada Fabíola Cabral (PP)

Presidente

Deputado William Brígido (PRB)

Vice-presidente

Deputado Joel da Harpa (PP)

**Deputado Professor Paulo Dutra
(PSB)**

Deputado Sivaldo Albino (PSB)

SUPLENTES

Deputado Adalto Santos (PSB)

Deputado Antônio Fernando (PSC)

Deputado Joaquim Lira (PSD)

Deputado Romero Albuquerque (PT)

Deputada Teresa Leitão (PT)

EQUIPE DE APOIO ADMINISTRATIVO DA ALEPE

João de Souza Barros

Coordenador

Ana Glória Flor da Silva

Assessora

Ruan Belarmino Moura da Silva

Estagiário

SUMÁRIO

CIÊNCIAS EXATAS, DA TERRA E ENGENHARIAS	19
José Leite Lopes	20
Gilberto Osório de Andrade... ..	23
Mário Schenberg	26
Luiz de Barros Freire	29
João de Vasconcelos Sobrinho	32
Leopoldo Nachbin	35
Joaquim Maria Moreira Cardoso	38
Jaime de Azevedo Gusmão Filho	40
Ricardo de Carvalho Ferreira	42
Ruy Luís Gomes	47
Paulo José Duarte	51
Sebastião Simões Filho	53
Don Carlo Borghi.....	57
Fernando de Souza Barros.....	61

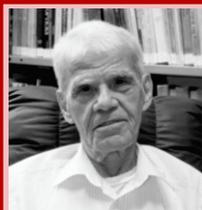
CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS	65
Gilberto de Mello Freyre	66
Paulo Reglus Neves Freire	69
Manoel Correia de Andrade	72
Josué Apolônio de Castro	75
Evaldo Bezerra Coutinho	78
Celso Monteiro Furtado	81
Luiz Pinto Ferreira	84
Pe. José Nogueira Machado	86
Pe. Paulo Gaspar de Meneses	89
Ariano Vilar Suassuna.....	92
Nelson Nogueira Saldanha	95
Zeferino de Jesus Barbosa.....	98
Luiz Antônio Marcuschi.....	102
Amaro Soares Quintas.....	106

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE.....	110
Aluízio Bezerra Coutinho	111
Nelson Ferreira de Castro Chaves	113
Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira	116
Augusto Chaves Batista	119
Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho	121
Aggeu de Godoy Magalhães	124
Naide Regueira Teodósio	127
Oswaldo Gonçalves de Lima	130

Dárdano de Andrade Lima	133
Frederico Simões Barbosa	136
Adonis Reis Lira de Carvalho.....	138
Suely Lins Galdino.....	142
Amaury Domingues Coutinho	146
Salomão Kelner.....	151

LEI Nº 13.176, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2006	156
GALERIA DE FOTOS	161

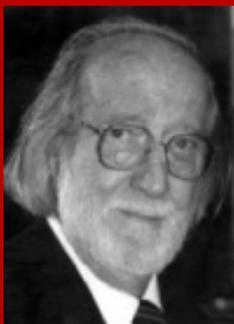
CIÊNCIAS EXATAS, DA TERRA E ENGENHARIAS



Fernando de Souza Barros

Físico Experimental

Homenageado em 2019



José Leite Lopes

(1918–2006)

Físico Teórico

Homenageado em 2007

José Leite Lopes nasceu em Recife no dia 28 de outubro de 1918. Filho do comerciante José Ferreira Lopes e de Beatriz Coelho Leite. Leite Lopes perdeu a mãe três dias após seu nascimento, vítima da gripe espanhola, e foi criado pela avó Claudina.

Realizou seus estudos secundários no Colégio Marista, em Recife. Em 1935 ingressou na Escola de Engenharia de Pernambuco, no curso de Química Industrial. Entrou para o curso de Física da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, em 1940, concluindo o mesmo dois anos depois. Neste mesmo período foi professor do ensino secundário no Instituto La Fayette e trabalhou no Instituto de Biofísica, a convite do professor Carlos Chagas, tendo recebido uma Bolsa Guilherme Guinle.

Em 1943 realizou trabalhos de pesquisa no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo como bolsista da Fundação Zerrener. No ano seguinte, devido a uma bolsa de dois anos concedida pelo governo americano, iniciou seu Doutorado na Universidade de Princeton (USA). Lá trabalhou com Joseph M. Jauch e iniciou seu trabalho de tese sob a orientação de Wolfgang Pauli (prêmio Nobel de Física em 1945 e um dos fundadores da mecânica quântica). Teve a oportunidade de assistir cursos ministrados por Pauli, Reichenbach e Einstein. Em 1946 recebeu seu título de Ph.D. e, neste mesmo ano, foi nomeado professor de Física Teórica e Física Superior da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Mantinha comunicação regular com Cesar Lattes, que, em 1947, juntamente com Occhialini e Powell, realizou a descoberta do Meson Pi, utilizando radiação

cósmica incidindo em Emulsão Nuclear. Aproveitando a publicidade que se estabeleceu em torno desta descoberta, Leite Lopes, Mário Schenberg, Lattes, e outros pesquisadores resolveram criar um centro de pesquisa. Assim, em 1949, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) foi fundado. Ganhou uma bolsa de pesquisa da Fundação Guggenheim, nos anos de 1949-1950, e foi, a convite de Robert Oppenheimer (diretor do Projeto Manhattan para o desenvolvimento da Bomba Atômica na época da Segunda Guerra Mundial), trabalhar no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Lá escreveu um trabalho, junto com Richard Feynman (laureado com o prêmio Nobel de Física em 1965), relativo à descrição do Deuteron, pela teoria pseudo-escalar, com um tratamento adequado à singularidade da força tensorial na origem.

Um de seus mais famosos artigos, **A Model** of the Universal Fermi Interaction, publicado em 1958, serviu de base para vários outros estudos, e as teses nele apresentadas foram comprovadas pelos cientistas Abdus Salam, Steve Weinberg e Sheldon Glashow, que foram premiados, em 1979, com o prêmio Nobel de Física por um trabalho inspirado pelo desenvolvido por Leite Lopes.

Em 1964 foi perseguido pelo governo militar, e passou a viver como exilado político na França, onde foi convidado, por Maurice Lévy, a lecionar como Professor Associado da Faculdade de Ciências de Orsay, onde permaneceu até 1967. Neste período, influenciou e estimulou cinco jovens engenheiros pernambucanos a seguirem carreira científica na Física, tendo sido estes, posteriormente, os fundadores do atual Departamento de Física da UFPE. Por iniciativa deste departamento, a UFPE, em 1981, concedeu a Leite Lopes o título de Doutor Honoris Causa.

Novamente perseguido pelos militares, foi uma das vítimas do famigerado Ato Institucional nº 5 (AI-5). Teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado compulsoriamente em 1969.



Aceitou então, a partir de 1970, o convite da Universidade de Strasbourg, onde ficou até 1985, quando retornou, definitivamente, ao Brasil para dirigir o CBPF, até 1989.

Deixou-nos, aos 87 anos, mas a lembrança de um homem com vocação para o ensino de ciências, que dedicou toda sua vida à criação de um ambiente científico no Brasil e preocupado com o papel ético e social do cientista, estará sempre viva em nossa memória. Hoje em dia, o Espaço Ciência de Pernambuco presta homenagem a este grande cientista, e notável intelectual voltado para as questões sociais do Brasil, enaltecendo, nos tempos de festas, sua imagem como Boneco do Carnaval de Olinda.

Gilberto Osório de Andrade

(1912–1986)

Geomorfologista

Homenageado em 2007



Gilberto Osório de Andrade nasceu no dia 23 de julho de 1912, em Recife (PE). Diplomou-se, em 1933, no curso de bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais da então Faculdade do Recife, onde foi professor de Direito Constitucional durante a década de 1940.

Como docente, consagrou-se como grande professor de Geografia Física. Foi ainda professor Catedrático de Geografia Física na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Até poucos anos antes de morrer, ministrou aulas e orientou alunos do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Neste curso, do qual foi um dos fundadores, juntamente com Rachel Caldas Lins, Mário Lacerda de Melo e o igualmente notável cientista pernambucano Manoel Correia de Andrade, ministrou duas disciplinas: Bases e Métodos da Geomorfologia e Morfoclimatologia.

Foi Deputado Estadual pela UDN e líder de sua banca no quadriênio do governo de Barbosa Lima Sobrinho. Ocupou, por algum tempo, as pastas do Governo e da Educação e Cultura no governo Etelvino Lins. Possuidor de uma oratória impecável, os seus argumentos e o nível elevado do português que empregava durante a exposição de suas idéias não davam margem a ataques verbais de seus oponentes. Mesmo sendo, politicamente, um homem de Direita foi o único dos parlamentares pernambucanos que teve a coragem de defender, na Assembléia Legislativa, os deputados do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que haviam sido cassados e estavam sendo torturados pela Polícia Política Estadual. Desiludido com o mundo político, não fez nenhum esforço para ser

reeleito Deputado Estadual.

Como jornalista, dirigiu o Jornal Pequeno e colaborou no Jornal do Comércio e outros órgãos da Imprensa.

O seu interesse pelos campos da História e Geografia nasceu da sua paixão por leitura. Como historiador e geógrafo, Gilberto Osório foi um autodidata. Sua passagem literária pela história ficou marcada especialmente pelos livros que escreveu: “A Cólera-Morbo – um momento crítico da História da Medicina em Pernambuco”, “Montebelo, os Males e os Mascates: Contribuição para a História de Pernambuco na segunda metade do século XVII”, “Mourão, Rosa e Pimenta – Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a Medicina no Brasil” e “Pirapama- um estudo histórico e geográfico”, que redigiu com Rachel Caldas Lins.

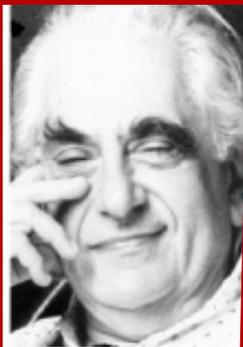
A contribuição de Gilberto Osório de Andrade à Geografia Física foi importante. Seus estudos concentraram-se em dois ramos dessa parte da Geografia: a Geomorfologia e a Climatologia. Participou ativamente do Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1956, onde apresentou o trabalho intitulado “Furos, Paranás e Igarapés – Análise genética de alguns elementos do sistema potamográfico amazônico.”

Dentre as suas obras destacam-se: “Migrações internas e o Recife”, “Propósito de Universidade”, “Os Fundamentos da Neutralidade Portuguesa”, “A Serra Negra”, “Inéditos de frei Jaboatão”, “A supraconstitucionalidade da declaração de direitos”, “João Pais do Cabo: O Patriarca, seus filhos, seus engenhos.”

Também foi poeta, pertenceu a Academia Pernambucana de Letras, ao Conselho Estadual de Educação, do qual foi presidente, e foi pesquisador do Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco.



No dia 30 de Julho de 1986, em Recife, aos 74 anos, Gilberto Osório faleceu. E teve seu último pedido, feito à Rachel Caldas Lins, atendido: “Não coloque sapatos nos meus pés. Não me cubra de flores. Não faça do meu enterro uma festa. Deixe-me ir, sem estardalhaço, para a Casa do Pai.”



Mário Schenberg

(1914-1990)

Físico Teórico

Homenageado em 2008

Mário Schenberg, brasileiro de origem judaica, nasceu no Recife no dia 2 de julho de 1914. Atuou como importante físico teórico do Brasil e também como político e crítico de arte.

O interesse pela ciência surgiu por volta dos dez anos. Começou se interessando pela tecnologia - lia sobre aviões, navios e motores. Não tinha idéia do que era ciência até seu último ano no ginásio, quando começou a estudar física, química e história natural.

Começou a sua educação superior na Faculdade de Engenharia do Recife, estimulado pelo Prof. Luiz Freire, também um notável cientista pernambucano. Transferiu-se, no terceiro ano do curso, para a Universidade de São Paulo, onde, em 1935, formou-se em engenharia elétrica. No ano seguinte, formou-se na primeira turma de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde ficou trabalhando como assistente de Gleb Wataghin, orientador de seus primeiros trabalhos. Em 1939, partiu para a Europa, onde trabalhou com o físico italiano Enrico Fermi no Instituto de Física da Universidade de Roma. Da Itália foi para a Suíça, onde trabalhou com Wolfgang Pauli. Com a aproximação da guerra, Schenberg voltou a Paris, onde trabalhou com Frédéric Joliot-Curie.

Em 1940, voltou para o Brasil, e neste período foi o primeiro brasileiro a receber uma bolsa da Fundação Guggenheim. Seguiu para os Estados Unidos, onde fez seus primeiros trabalhos de astrofísica, juntamente com o físico americano George Gamow, com quem desenvolveu o Efeito Urca, um mecanismo que explica o processo de explosão de estrelas supernovas. Neste mesmo

período, teve contato também com Albert Einstein. Em 1944 voltou ao Brasil, permanecendo na USP até 1948, quando foi para Bruxelas, período no qual trabalhou em projetos relacionados a raios cósmicos e mecânica estatística por 5 anos além de colaborar com o grupo de Giuseppe Ochialini.

Foi diretor do departamento de Física da USP entre 1953 e 1961 e conseguiu, apesar da grande resistência tanto dos físicos como dos matemáticos da instituição, convencer o reitor a comprar o primeiro computador da USP.

Durante a década de 1960, lecionou também no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas no Rio de Janeiro, tendo sido membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e da Academia de Ciências da América Latina, em Caracas. Em 1983, recebeu o Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, na área de física.

Schenberg teve também um papel importante no cenário político-econômico brasileiro, tendo sido eleito deputado federal duas vezes. Foi eleito pela primeira vez em 1946, pelo Partido Comunista Brasileiro, que logo após sua eleição, foi considerado ilegal, o que lhe rendeu a cassação do mandato e dois meses de prisão. Em 1962, foi eleito novamente, desta vez pelo Partido Trabalhista Brasileiro, mas nem mesmo chegou a exercer o seu mandato, sendo acusado de pertencer ao Partido Comunista. Logo após o golpe de 1964, Schenberg foi preso, e permaneceu na prisão até adoecer. Os processos contra ele foram arquivados pelas autoridades brasileiras devido à quantidade expressiva de apelos e protestos de cientistas e intelectuais do Brasil e de várias partes do mundo.

Publicou trabalhos nas áreas de termodinâmica, mecânica quântica, mecânica estatística, relatividade, astrofísica e matemática. Seus trabalhos científicos produzidos entre 1936 e 1946 foram reunidos no livro **Obra científica de Mário Schenberg** e ganhou o Prêmio Jabuti na categoria de Ciências Exatas, Tec-



nologia e Informática em 2010. Conviveu com vários artistas Brasileiros e estrangeiros, como Di Cavalcante, Cândido Portinari, Pablo Picasso e Clarice Lispector. Tendo atuado também como crítico de arte, escreveu vários artigos sobre artistas contemporâneos brasileiros.

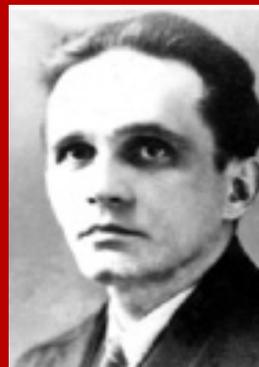
Schenberg morreu em São Paulo no dia 10 de novembro de 1990, mas deixou ao mundo a imagem de um homem fantástico, inteligente, intuitivo, que via a vida sem separações entre a ciência, atividades políticas e filosóficas, mas como uma coisa só, marcada pela personalidade de cada um manifestada em seus atos. Um homem idealista, corajoso, que lutou por seus objetivos sem se deixar desanimar pelos obstáculos, pois, como ele mesmo dizia: “[...] todo idealismo digno desse nome anseia por se traduzir em ação concreta, e só se pode agir no meio em que se vive.”.

Luiz de Barros Freire

(1896–1963)

Engenheiro Civil

Homenageado em 2009



Luiz de Barros Freire nasceu em Recife, em 16 de março de 1896. Foi uma das grandes figuras do pensamento científico em Pernambuco em meados do séc. XX. Fez o curso de Humanidades e o de Engenharia Civil, na Escola de Engenharia de Pernambuco, criada pelo governador Barbosa Lima com a finalidade de fornecer a mão-de-obra qualificada ao estado, no momento em que ocorria certo desenvolvimento industrial.

Em 1918, formou-se em Engenharia Civil, quando se voltou para o magistério, tendo conquistado, por meio de concurso público, a cadeira de Matemática da Escola Normal. Além disso, em 1920, ingressou como professor contratado da Escola de Engenharia de Pernambuco, onde havia estudado.

Foi casado com Branca Palmira Freire, e desse casamento nasceu, em 1931, seu filho Marcos de Barros Freire, que se destacou no cenário político do estado de Pernambuco na década de sessenta.

Em 1934, aprovado em concurso para professor catedrático de Física da Escola de Engenharia de Pernambuco, recebeu o título de Doutor em Ciências Físicas e Matemática. Foi também Diretor Técnico de Educação de Estado da Associação Brasileira de Educação do Rio de Janeiro, e ocupou o cargo de Presidente do Instituto Tecnológico de Pernambuco, órgão do Governo do Estado.

Foi professor catedrático da Faculdade de Filosofia Manuel da Nóbrega (em

1943), da Faculdade de Ciências da Universidade do Distrito Federal, hoje Estado do Rio de Janeiro, da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, e professor honorário da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul.

Foi designado para fazer parte, como examinador, de vários concursos. Fez parte da comissão julgadora dos prêmios de física conferidos pelo Ministério das Relações Exteriores. Foi também Presidente da Comissão de Professores Universitários de Física do Brasil, reunida em São Paulo e destinada a indicar o merecedor do “Prêmio Moinho Santista”, dentre os que se destacaram na Pesquisa de Física no País.

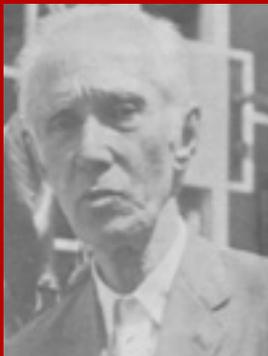
Em 1951, foi um dos fundadores do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), do qual permaneceu membro-conselheiro até a sua morte. Também foi membro do Conselho Orientador do Instituto da Matemática Pura e Aplicada (IMPA), órgão do CNPq, e membro fundador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Tomou parte em Congressos, Simpósios e Colóquios nacionais e internacionais, valendo ressaltar o Segundo Colóquio Internacional de Lógica Matemática, realizado em 1952 (mesmo ano em que fundou o Instituto de Física e Matemática com o apoio da Universidade do Recife), no Instituto Henri Poincaré, na França. Igualmente fez parte do Comitê Internacional do jubileu Científico do professor Arnaud Denjoy, da Sorbonne e do Instituto da França. Realizou viagens de estudo à Europa, sendo a última, em 1958, na qualidade de Delegado do CNPq. Foi também membro da “**American Mathematical Society**” e do “**Conimbrigensis Instituti Academia.**”

Luiz Freire publicou no Boletim de Engenharia, onde se pode destacar o trabalho “Equação Geral das Escalas Termométricas”, que obteve elogiosas referências do físico James Chappuis, professor da **École Centrale des Arts et Manufactures** de Paris. Escreveu também para a Gazeta de Matemática de Lisboa e para a



Revista Brasileira de Matemática, onde foi publicado o trabalho A Bossa das Matemáticas.

Assim, Luiz Freire destacou-se com professor, formador de estudiosos na sua área de atuação, organizador e dirigente de diversas instituições de ensino e pesquisa. Foi um exemplo de cultura, idealismo, vocação, e segundo o professor José Leite Lopes, de “arquiteto de valores”. Faleceu no dia 17 de julho de 1963, aos 67 anos.



João de Vasconcelos Sobrinho

(1908–1989)

Agrônomo

Homenageado em 2010

João de Vasconcelos Sobrinho nasceu na cidade de Moreno, Região Metropolitana do Recife, no dia 28 de abril de 1908. Órfão de pai e mãe, recebeu instrução e alimentação de religiosos, chegando a estudar em seminário por 11 anos. Formou-se, em 1928, em Engenharia Agrônoma, pela Escola Superior de Agricultura de São Bento, hoje Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Aos 20 anos, Vasconcelos Sobrinho, redescobriu o Pau-brasil, ao lado do botânico alemão Dom Bento Pickel, no Engenho São Bento, em São Lourenço da Mata. A espécie havia sido considerada extinta na natureza no início do século 20. O local da descoberta foi transformado, em 1975, na primeira estação ecológica do país, abrigando um bosque com mais de 500 exemplares de Pau brasil. A Estação Ecológica de Tapacurá realiza atividades de produção de mudas de espécies frutíferas e florestais de interesse da Mata Atlântica, com destaque para o Pau brasil, Pau Jangada e Ipê.

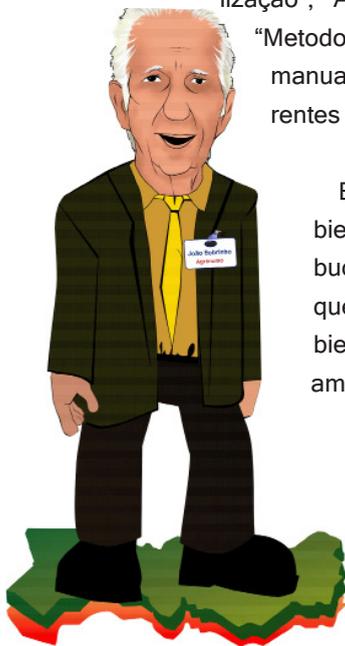
Pioneiro na área de estudos ambientais no Brasil, foi um dos responsáveis pela criação da UFRPE, da qual foi reitor em 1963, quando introduziu as disciplinas de Desertologia e Ecologia Conservacionista (primeira do gênero ministrada no Brasil). Criou e dirigiu o Jardim Zoobotânico de Dois Irmãos, inaugurado em 1939.

Também foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, do Instituto Brasi-leiro de Desenvolvimento Florestal, do Jardim

Botânico do Recife e da Associação Pernambucana de Defesa do Ambiente. Exerceu diversos cargos, como: diretor do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, consultor da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Titular de Botânica da UFRPE, professor catedrático da cadeira de Botânica Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), diretor do serviço de Inspeção Florestal e Proteção à Natureza de Pernambuco e diretor do Centro Pernambucano da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), foi um dos primeiros cientistas a alertar sobre a formação de deserto em algumas regiões brasileiras, além da possibilidade de chuva ácida devido a poluição atmosférica. Foi convidado para participar da Conferência das Nações Unidas sobre desertificação em Nairóbi, no Quênia. Empenhou-se também na campanha pelo reflorestamento do Pau-brasil.

Publicou cerca de 30 títulos sobre ecologia e conservação dos recursos naturais, entre os quais: “As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização”, “As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização”, “Metodologia para identificação dos processos de desertificação: manual de indicadores” e “Processos de desertificação ocorrentes no Nordeste do Brasil: sua gênese e sua contenção”.



Em sua homenagem, a Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (CPRH) do estado de Pernambuco, desde 1990, criou o **Prêmio Vasconcelos Sobrinho**, que homenageia, em comemoração ao mês do Meio Ambiente, trabalhos relevantes em prol da defesa do meio ambiente.

O dia de seu aniversário - 28 de abril - foi instituído por Decreto Presidencial como o Dia Nacional da Caatinga. Existe também em sua homenagem o Parque Ecológico Professor João Vasconcelos Sobrinho, na Serra dos Cavalos, em Caruaru (PE).

Além de cientista e intelectual, destacou-se como alguém que despertou o amor pelo meio ambiente e que disseminou práticas efetivas nesse sentido. João Vasconcelos Sobrinho faleceu em Recife, aos 81 anos, no dia 4 de maio de 1989.

Leopoldo Nachbin

(1922-1993)

Matemático

Homenageado em 2011



Leopoldo Nachbin nasceu em 7 de janeiro de 1922 em Recife, Pernambuco. Filho dos judeus imigrantes Jacob Nachbin, historiador e jornalista polonês, e da austríaca Léa Drechter Nachbin, ficou órfão de pai aos nove anos e foi criado por sua mãe, que era muito zelosa com relação aos estudos do filho. Coursou o primário no grupo escolar João Barbalho. Fez o curso secundário no Ginásio Pernambucano, e foi neste período que começou a se interessar pela matemática.

Em seu primeiro ano do ensino secundário, Leopoldo quase foi reprovado em matemática. No ano seguinte, fez um grande esforço para entender o que era a mesma, acabando por gostar da disciplina e se destacar dentre os alunos. Como em Recife não existia um suporte eficiente para estudos nessa área, seu professor, Luiz Ribeiro, aconselhou sua mãe a lhe mandar para o Rio de Janeiro para melhor desenvolver sua aptidão.

Mudou-se então para o Rio, em 1939, e neste mesmo ano entrou para a Escola Nacional de Engenharia. Como não era permitido a um aluno frequentar dois cursos simultaneamente em entidades de ensino superior públicas, Leopoldo participava de aulas regulares e assistia, como aluno ouvinte, às aulas de matemática, ministradas por professores recentemente vindos da Itália, na Faculdade Nacional de Filosofia. Aos 19 anos (1941), teve seu primeiro trabalho publicado nos Anais da Academia Brasileira de Ciências, que foi apresentado por Gabriele Mammana, um dos grandes matemáticos que lhe serviram de inspiração.

Em 1942, publicou na Itália, um trabalho pioneiro sobre Espaços Vetoriais Topológicos, mesmo ano em que recebeu o prêmio **Licínio Cardoso**, instituído pela Fundação Licínio Cardoso e destinado a alunos da Escola Nacional de Engenharia, pela qual, em 1943, recebeu seu título de Engenheiro Civil. Formou-se, mas não chegou a trabalhar como engenheiro. Após o término de sua graduação, ficou trabalhando como professor assistente na cadeira de Cálculo, posteriormente o professor Djalma Hasselman, da Faculdade Nacional de Filosofia, lhe conseguiu um emprego como professor de Física no Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR) da Aeronáutica, dando assim continuidade a sua carreira como professor. Em seguida, estudou e pesquisou na Universidade de Chicago, voltando ao exterior em várias outras ocasiões, desenvolvendo avançadas pesquisas e ministrando cursos em Universidades de Chicago, Princeton, Brandeis e Rochester, nos Estados Unidos, e de Paris, na França.

Ingressou na Fundação Getúlio Vargas em 1946. Em 1947, foi contratado como professor regente na Faculdade Nacional de Filosofia, mesmo ano em que defendeu sua tese de livre-docência na área de Topologia, assumindo, no ano seguinte, a cadeira de Análise Matemática.

Foi o criador da teoria de Espaços Hewitt-Nachbin, empregada na matemática pura. Em 1949 participou da fundação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Publicou, em 1950, um dos seus trabalhos mais citados na **Transactions of American Mathematics Society**, sobre o teorema de Hahn-Banach para aplicações em espaços normados, até a presente data com mais de 180 citações. Participou também da fundação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, IMPA, em 1952.

Em 1956, casou-se com Maria da Graça Mousinho, com quem teve três filhos: André, Lea e Luís.

Foi o primeiro matemático brasileiro a conseguir bolsa de estudo de fundações norte-americanas e também o primeiro a receber o prêmio Moynihan San-



tista (1962), dado a cientistas brasileiros de destaque. Foi professor visitante em muitas universidades européias e americanas e o primeiro conferencista brasileiro convidado para um Congresso Internacional de Matemáticos, o de Estocolmo, Suécia (1962). O título da conferência “**Résultats récents et problèmes de nature algébrique en théorie de l’approximation**” tratava de seus trabalhos sobre Álgebras Topológicas, Funções Diferenciáveis e Aproximação Polinomial Ponderada. Recebeu, entre vários outros, o prêmio Bernardo Houssay de Matemática, concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1982, sendo primeiro matemático a receber tal distinção. Teve quatro livros editados no exterior: *The Haar Integral* (1965), *Topology and Order* (1965), *Elements of Approximation Theory* (1967) e *Topology on Spaces of Holomorphic Mappings* (1969). Publicou quase cem artigos em revistas de matemática nos Estados Unidos, França, Itália e outros países.

Leopoldo Nachbin faleceu no Rio de Janeiro, no dia 3 de abril de 1993, aos 71 anos.



Joaquim Maria Moreira Cardoso

(1897–1978)

Engenheiro Civil

Homenageado em 2012

Calculista e Engenheiro Civil: Joaquim Maria Moreira Cardoso, filho de José Antônio Cardoso e Elvira Moreira Cardoso, nasceu no dia 26 de agosto de 1897, na cidade do Recife, Pernambuco. Joaquim Cardoso começou a estudar engenharia em 1915, logo após o curso secundário no Ginásio Pernambucano. Formou-se quinze anos depois, por causa da morte do pai e das dificuldades econômicas que o levaram a trabalhar como topógrafo. Em 1930, concluiu o curso de engenharia civil na Escola de Engenharia do Recife, tendo trabalhado nesse período como desenhista em projetos de irrigação e perfuração de poços tubulares e executado cálculos das curvas parabólicas verticais da primeira rodovia com pavimentação em concreto no Nordeste.

A partir de 1931, trabalhou na Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas, sobretudo como engenheiro rodoviário, integrando-se, posteriormente, à equipe do arquiteto Luiz Nunes, então contratado pelo Governo do Estado de Pernambuco, para organizar a Diretoria de Arquitetura e Construção, a primeira instituição governamental criada no Brasil com essa finalidade.

Foi professor da Escola de Engenharia do Recife e foi um dos fundadores da Escola de Belas-Artes do Recife. Cardoso renovou a concepção estrutural do concreto armado e os métodos de cálculo, contribuindo assim para a evolução da engenharia civil no País.

Começou, em 1939, a trabalhar em conjunto com Lúcio Costa e Burle Marx. Dois anos depois, conheceu Oscar Niemeyer e fez o cálculo estrutural para o Conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte. A partir de 1956, quando Oscar Niemeyer foi nomeado diretor do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da

Novacap, começou sua impressionante atuação profissional como engenheiro calculista da maioria dos seus projetos arquitetônicos de formas arrojadas em Brasília. Entre esses, destacam-se: Palácio da Alvorada, Congresso Nacional, Palácio do Itamaraty, Supremo Tribunal Federal, Catedral de Brasília, Ministério do Exército, Tribunal de Contas da União, Cine Brasília, Igreja Nossa Senhora de Fátima e o Museu de Brasília. No Rio de Janeiro, ele calculou o monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial e o Maracanãzinho. Em São Paulo, a fábrica de biscoitos Duchen, que obteve o prêmio da Bial de São Paulo, a Chácara Flora do Instituto dos Bancários, o Laboratório de Motores, as Oficinas e o túnel aerodinâmico do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. No Recife, executou os projetos estruturais dos edifícios Bandepe e Bancipe, e dos prédios residenciais luxuosos da orla de Boa Viagem como Miguelangelo, Portinari e Valásques. Também projetou o Pavilhão Luís Nunes, atual sede do IAB (no passado Instituto de Verificação de óbitos da antiga Escola de Medicina), a Escola Alberto Torres e a Caixa d'Água de Olinda.

Cardozo pode ser considerado um intelectual (cientista) eclético, pois além de sido um notável engenheiro calculista, se eternizou como poeta, contista, desenhista e editor de revistas especializadas em arte e arquitetura. Como poeta, teve suas primeiras poesias datadas de 1924. Conviveu com poetas pernambucanos, como Ascenso Ferreira, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Publicou vários livros entre 1946 e 1975, usando como tema principalmente seu Recife natal e o Nordeste brasileiro.



Em 6 de setembro de 1977, tomou posse na Cadeira 39 da Academia Pernambucana de Letras. Cardozo doou sua biblioteca, com aproximadamente 7.500 títulos, à Universidade Federal de Pernambuco. Recebeu muitas homenagens, entre elas, o título de doutor honoris causa pela (UFPE) e morreu em Olinda, vítima de arteriosclerose, no dia 4 de novembro de 1978.



Jaime de Azevedo Gusmão Filho

(1932–2013)

Engenheiro Civil

Homenageado em 2013

Jaime de Azevedo Gusmão Filho nasceu em 06 de Janeiro de 1932, na cidade de Caruaru. Filho de Jaime de Azevedo Gusmão e de Odaléia Porto Gusmão. A escolha pela engenharia veio ainda no Colégio. Segundo o próprio Jaime, escolheu uma profissão que o permitisse ajudar a melhorar a vida de muitas pessoas, com a realização de obras coletivas de grande alcance social. Em 1950, Jaime ficou entre os primeiros classificados no vestibular para o curso de Engenharia Civil na Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde estudaria pelos próximos dois anos.

Entusiasmado pela Física, Jaime Gusmão foi aluno de Luís de Barros Freire (também homenageado neste Memorial em 2009) que, como tinha o dom de identificar e estimular jovens talentos para a carreira científica, encaminhou Jaime Gusmão para o Rio de Janeiro, onde estudou por dois anos. Jaime cursou o terceiro e o quarto ano da graduação na Escola Nacional de Engenharia. Enquanto isto, também estudava Física no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), na Urca, com bolsa do CNPq, pois gostava muito de Física e tinha dúvidas sobre a sua carreira. Nesta fase de sua formação no CBPF, Jaime foi aluno de excelentes professores, como César Lattes e o pernambucano, José Leite Lopes, igualmente homenageado na Galeria dos Notáveis Cientistas Pernambucanos em 2007.

Na opinião de Jaime, a Engenharia possibilitava ajudar milhares de pessoas, através de construções e melhorias de infraestrutura, como saneamento básico, instalações elétricas e habitação, sem falar em estradas, pontes e barragens. Jaime voltou, então, ao Recife, em 1954, quando cursou o quinto ano de

engenharia e se formou Engenheiro Civil aos 22 anos de idade, em dezembro de 1954. Em fevereiro de 1955, Jaime Gusmão retorna ao Rio de Janeiro, quando foi aluno do primeiro curso de Especialização em Engenharia de Solos realizado no Brasil, coordenado por Antônio Noronha. Jaime ficou encantado com as aulas de Mecânica dos Solos, ministradas pelo professor Odair Grilo. Após esse curso, Jaime decidiu que dedicaria sua carreira de engenheiro à área de Mecânica dos Solos e Fundações.

Entre 1958 e 1960, recém-casado, o engenheiro obteve bolsa da CAPES para estudar na Universidade de Illinois, em Chicago, onde fez seu Mestrado em Mecânica dos Solos e Fundações, tendo a oportunidade de estudar com professores notáveis, como Ralph Peck, Dan Deere e Newmark, este chefe do departamento de Engenharia Civil, além de aulas com igualmente famosos professores, a exemplo de Tchebatoriof, Bjerrum e o grande Terzaghi, que é considerado o pai da Mecânica dos Solos.

-Voltou ao Recife, em 1960, e retomou o cargo de professor da UFPE, onde ajudou a fundar a disciplina de Mecânica dos Solos e Fundações, lecionando a mesma por 42 anos. No final da década de 70, coordenou a recuperação de Olinda, através da criação de um laboratório de engenharia geotécnica da UFPE. Segundo Jaime, “Na época, a sociedade pressionava o governo por conta dos deslizamentos, que derrubavam patrimônios históricos da cidade.”

Em 1979, com professores formados pela COPPE-RJ, fundou lá o curso de pós-graduação em Geotecnia, inicialmente com Mestrado, depois com Doutorado. As aulas na COPPE-RJ ocuparam dois dias de sua semana até os últimos anos de sua carreira.

Jaime teve mais de 100 trabalhos publicados, dentre artigos e comunicações em anais de congressos. Escreveu 10 livros entre técnicos e assuntos diversos, como: “Fundações: do conhecimento geológico à prática da engenharia” e “Desempenho de obras geotécnicas”. Suas pesquisas, junto com colaboradores, incluíram estudos sobre deslizamentos, riscos geológicos,



solos especiais, como argila mole, solos expansivos e solos colapsáveis, resíduos sólidos e contaminados, recuperação de rejeitos e métodos infinitesimais em Mecânica dos Solos. O professor foi um dos pioneiros no mapeamento de encostas para prevenção de deslizamentos na Região Nordeste. Entre as suas linhas de pesquisa estavam os estudos dos morros de Olinda e da Região Metropolitana do Recife. Jaime presidiu e dirigiu as principais entidades da sua classe de profissionais das engenharias, como o CREA-PE (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), Clube de Engenharia de Pernambuco, e a Associação Brasileira de Mecânica dos Solos (ABMS). Participou, também, do Confea (Conselho Federal de Arquitetura, Engenharia e Agronomia). Trouxe para Recife, em 1982 o “VII Congresso Brasileiro de Mecânica dos Solos e Engenharia de Fundações”. Além disso, ajudou a trazer para o Brasil, em 1989, o “12º Congresso Internacional de Mecânica dos Solos e Engenharia de Fundações”, no Rio de Janeiro.

Tornou-se livre docente pela UFPE, em 1995, apresentando o trabalho “Fundações: do Conhecimento Geológico à Prática da Engenharia”. Em 1985, recebeu do então prefeito Joaquim Francisco, o título de comendador da Ordem do Mérito Capibaribe da Cidade do Recife, pelos relevantes serviços prestados à cidade. A Câmara dos Vereadores o homenageou, em 2001, concedendo-lhe a Medalha de Honra “José Mariano” e o “Diploma de Cidadão do Recife”.

Em 2011, o engenheiro sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e veio a falecer na manhã de 01 de janeiro de 2013, aos 81 anos, após uma parada respiratória. Jaime se orgulhava de fazer com que suas obras cumprissem a função social que ele pregava como Engenheiro.

Ricardo de Carvalho Ferreira

(1928 – 2013)

Químico Teórico

Homenageado em 2014



Ricardo de Carvalho Ferreira nasceu em Recife, em 16 de janeiro de 1928. Filho de Antônio Ferreira, um representante comercial, e Luiza de Carvalho Ferreira, professora do segundo grau. Desde sua infância, Ricardo se interessava por literatura e investigação científica. Na adolescência, estimulado pelo pai, costumava ler tudo o que chegava em suas mãos, fase em que passou a ter certa predileção por Monteiro Lobato, Eça de Queiroz e Euclides da Cunha.

Durante sua formação escolar secundária em 1942, Ricardo teve Dr. Tolentino de Carvalho e Dr. Newton Maia, respectivamente, como seus professores de Física e Matemática, os quais exerceram uma influência acentuada sobre a sua formação básica. Ao mesmo tempo, Ricardo havia começado a ler revistas científicas e livros como: *The Birth and Death of the Sun*, de Gamow, e *The Mysterious Universe*, de James Jean. Na época foi apresentado por David B. Moore, um inglês amigo de seu pai, com uma assinatura do famoso periódico *Nature*. Isso foi em 1945, o ano da bomba atômica e Ricardo já como aluno do curso superior, fazia a disciplina de físico-química ministrada pelo Dr. Hervásio G. de Carvalho. Também participou de duas palestras notáveis sobre a energia nuclear proferidas por este cientista. Naquela época, ou um pouco antes, ele tinha como seu amigo, Ruy Maia, e montou um laboratório de química em sua pequena casa, que confirmou sua inclinação para a química.

Notavelmente, Ricardo Ferreira publicou seu primeiro trabalho quando tinha apenas 19 anos de idade. Em 1952, quando terminou o seu curso de graduação em química na Universidade Católica de Pernambuco, ele já havia publicado 8 artigos científicos. Neste período, vale a pena destacar seus artigos, *Acidity and the Systems of Acids and Bases* e *Sur l'Inexistência de l'Ion Perbromique*,

publicados, respectivamente, no Journal of Chemical Physics (1951) e no Bulletin de la Société de Chimie, França (1950). A atividade ótica foi o seu primeiro interesse no estudo de biofísica molecular. No início dos anos 50, ele publicou na Nature seu artigo Resolution of the Racemic Mixture by Symmetric Agents (Nature 171, 30,1953).

Nos anos seguintes, entre 1964 e o ano 1971, como professor visitante da Indiana University e da Columbia University, assim como professor de química no Earlham College, ele começou a ocupar-se mais sistematicamente com temas sobre a ligação química e sobre outros vários problemas relacionados com a atividade ótica de moléculas de interesse biológico. Parte dos resultados obtidos não foram publicados na literatura especializada da época, mas estão registrados em suas intensas correspondências científicas. Trata-se de um assunto atual e de extremo interesse para o entendimento da evolução molecular e a biogêneses. Seu interesse na Teoria da Evolução o levou a escrever o livro Henry Walter Bates e a Teoria da Evolução, publicado pela Editora da Universidade de Brasília. O seu envolvimento com essas ideias mostra o pioneirismo químico e a intuição física de Ricardo Ferreira.

Desde os anos 1970 Ricardo Ferreira publicou mais de 20 artigos sobre atividade enzimática, sobre a estrutura e evolução das hemoglobinas, sobre evolução molecular e biogêneses, além de ter orientado teses de doutorado em biofísica molecular. Ainda nas décadas de 1960 e 1970, um grande número de seus artigos foram publicados sobre o conceito químico da eletronegatividade dos átomos, sobre moléculas, fases metálicas e sobre o caráter da ligação química do ponto de vista da teoria dos orbitais moleculares, como também orientado várias teses e dissertações nessas linhas de pesquisa. É interessante notar que na extensa lista de contribuições de Ricardo Ferreira não há escala privilegiada de dimensões físicas das estruturas moleculares. Encontramos obras que lidam com as espécies H_2 em campos magnéticos intensos, os biopolímeros como as hemoglobinas, serinoproteases e os ácidos nucleicos, passando por toda uma gama de sistemas intermediários como os compostos de boro, compostos de flúor, cloro e bromo, os complexos de mercúrio e de íons terras raras.

Ao longo de sua carreira acadêmica Ricardo Ferreira passou a ser considerado

cientista e professor, que trouxe para o Brasil a Química Quântica. Isso criou um fator multiplicativo extraordinário, como pode ser atestado pelos seus ex-alunos em todo o país. Devido ao valor da sua produção científica e atuação acadêmica, uma intensa correspondência com vários cientistas de outros países foi por ele mantida. Foi convidado para participar de inúmeras conferências nacionais e internacionais, e muitas vezes para apresentar conferências plenárias. Por isso Ricardo Ferreira foi atuou colaborando como pesquisador/professor associado em várias instituições de pesquisa e ensino no Brasil e em outros países, tais como: o Instituto de Tecnologia da Califórnia, Universidade de Indiana, Universidade de Columbia e Earlham College, nos Estados Unidos, l'Université de Genève e da Universidade de Oxford na Europa; e, no Brasil, nas instituições: Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, Universidade de São Paulo, e Universidade de São Carlos.

A carreira acadêmica e de pesquisador de Ricardo foi toda vinculada e desenvolvida até sua aposentadoria, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da qual recebeu o título de Professor Emérito. Entre suas honrarias acadêmicas e funções relevantes devemos mencionar: Membro da Academia Brasileira de Ciências eleito em 1977, Membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo desde 1980, Honorary Fellow, Magdalen College de Oxford em 1975, Membro do Conselho Editorial dos periódicos Ciência Hoje, Ciência e Cultura, Inorganica Chimica Acta, e da conceituada e moderna revista Química Nova, que lhe dedicou um número especial por ocasião de seus 60 anos, com um artigo de abertura escrito por Linus Pauling, detentor dos prêmios Nobel de Química de 1954 e Nobel da Paz em 1962; foi presidente da Sociedade Brasileira de Química, membro do Comitê Consultivo de Química do CNPq, no período de 1976 a 1977, e do Conselho Consultivo Técnico Científico do CNPq, de 1984 a 1985.

Como reconhecimento de sua brilhante carreira Ricardo Ferreira recebeu em vida várias homenagens, prêmios e honrarias acadêmicas, ou sejam: Prêmio Rheinboldt-Hauptmann, concedido em 1988 pela Universidade de São Paulo; em



1995 conquistou o prêmio Almirante Álvaro Alberto, concedido pelo CNPq e a medalha da Ordem Nacional do Mérito Científico, categoria Grã-Cruz, concedida pelo Presidente da República; recebeu em 1977 a medalha Simão Mathias da Sociedade Brasileira de Química; e os títulos de Doutor Honoris Causae, concedidos pelas Universidade Federais, de Alagoas, em 2001, e do Rio Grande do Norte, em 2006.

Ricardo com sua liderança científica nacional e internacional, desempenhou papel crucial na consolidação do grupo de pesquisa que originou o atual Departamento de Física e foi o incentivador e principal fundador do Departamento de Química Fundamental, ambas unidades acadêmicas da UFPE. O legado deixado por Ricardo Ferreira para a ciência no Brasil e a formação de recursos humanos, em particular em Pernambuco, além do seu espírito profundamente humanista e de sua consciência política, são de valores inestimáveis. Sua intensa atividade científica e sua obra são exemplos para todos os futuros acadêmicos. No plano estadual, em reconhecimento a essa singular contribuição de Ricardo Ferreira a Pernambuco, o Conselho Superior da FACEPE em 2014, por ocasião dos eventos em comemoração do jubileu de 25 anos de sua criação, instituiu o prêmio intitulado: Prêmio Ricardo Ferreira ao Mérito Científico, promulgado pelo Governador através do Decreto Estadual, nº 41.383, de 19/12/2014. No plano nacional, a relevância do legado deixado por Ricardo à ciência brasileira, foi reconhecido post mortem pela CAPES (em parceria com a fundação paulista Conrado Wessel), ao homenageá-lo nominando para o ano de 2016: Grande Prêmio Capes de Tese Ricardo de Carvalho Ferreira, ao concurso de melhor tese de doutorado defendida em 2015, nas áreas das Engenharias, Ciências Exatas e Multidisciplinares-Materiais e Biotecnologias.

Em julho de 2012 o asteroide 2002 FR1 foi denominado Ricardoferreira em sua homenagem. Em 1882 o asteroide 223, denominado Rosa, havia sido descoberto por Johann Palisa. Rosa Maria, mãe de seus quatro filhos (Rejane, Ricardo, Roberta e Rebeca), falecida poucos anos antes do seu falecimento, foi sua eterna companheira e amiga. E como se vê Ricardo e Rosa voltaram a se encontrar no Cosmos, sobre o qual ele tanto gostava de conversar.

Ruy Luís Gomes

(1905 - 1984)

Físico Matemático

Homenageado em 2015



Ruy Luís Gomes nasceu na cidade de Porto, Portugal, em 5 de dezembro de 1905. Filho de Maria José de Medeiros Alves e de Antônio Luiz Gomes, este foi político, reitor da Universidade de Coimbra e ministro de Estado. Nascido de uma família aristocrática, desde cedo recebeu uma educação primorosa, tendo tido inclusive uma preceptora inglesa de quem recebeu bons ensinamentos.

Na Universidade de Coimbra concluiu o curso de matemática com brilhantismo. Ainda como estudante publicou em 1928 seu primeiro artigo científico intitulado “O acaso nos nascimentos dos sexos”. Herdou do pai certo interesse pela política. Ainda jovem se envolveu com as ideias marxistas, devido, em parte, às injustiças políticas vigentes em Portugal de então.

Em 1926 foi nomeado na universidade de Coimbra, Assistente Livre. Em 1928 obteve o doutoramento com a tese “Desvio das trajetórias dum sistema holônomo”. No ano seguinte tornou-se professor assistente na Universidade do Porto. Após concurso público, tornou-se em 1933, Professor Catedrático naquela universidade.

A obra científica de Ruy Gomes teve seu apogeu nos anos de sua juventude. Neste período correspondeu-se com cientistas famosos, tais como Tullio Levi-Civita, Louis de Broglie, John von Neumann, entre outros. Publicou uma vasta obra, em várias revistas internacionais, nas áreas de matemática e física teórica. Questões quânticas foram por ele abordadas em 1936 e um ano antes discutiu vários aspectos da relatividade restrita. Foi citado algumas vezes pelo prêmio Nobel, de Broglie, nas suas aulas no Institut Poincaré. Em Portugal seu nome já ocupava uma alta posição nos meios científicos. Passou a ser conhecido e

respeitado por toda sua comunidade científica. No exterior também despontava como um nome respeitado.

A partir de 1936, Ruy Gomes passou também a se interessar pela Filosofia, notadamente, após sua amizade com o filósofo Abel Salazar de quem era grande admirador. Ruy Gomes foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de matemática (1940), do Centro de Estudos Matemáticos do Porto (1942), anexo ao qual funcionava o Seminário de Física Teórica, dirigido pelo físico austríaco Guido Beck, e posteriormente por Alexandre Proca, do Institut Poincaré, entre outras instituições em Portugal. Seu interesse científico em astronomia impulsionou-o à criação do Observatório Astronômico do Porto.

A partir de 1945, Ruy Gomes entra na vida política, notadamente pelo agravamento da situação política, devido à ditadura que perseguia toda a vanguarda científica portuguesa. Muitos cientistas conhecidos foram forçados a deixar aquele país naquele período. Devido às suas posições políticas contrárias ao regime político, em 1947 foi demitido da Universidade do Porto pela ditadura de Salazar. Nesta situação, na condição de “*professor sem escola*” manteve-se como pôde, até seu exílio na América do Sul. Em 1951 candidatou-se à Presidência da República, mas depois de perseguições – inclusive agressões físicas sofridas em 1951 no comício do Cine-Victória que o levou ao hospital –, e prisões pela ditadura vigente, teve que renunciar a pretendida candidatura.

Publicou vários livros científicos de reconhecido mérito, como “A integral de Riemann” em 1949 e “A integral de Lebesgues - Stieltjes” em 1952. Para prestigiar a ciência portuguesa, muitas vezes publicou na *Portugaliae Mathematica* (1937) e na *Gazeta de Matemática* (1939).

Em 1958, Gomes viu-se forçado a tomar a difícil decisão de abandonar Portugal, aceitando um convite do seu grande amigo Antônio Monteiro para ensinar em Bahia Blanca, Argentina. Lá reencontraram-se, para escreverem na América do Sul, com outros cientistas portugueses



exilados, singularíssimas páginas da “Diáspora Científica”. E ali concretizaram o clarividente projeto de promoção da investigação matemática traçado para Portugal e inviabilizado pela ditadura.

Ruy Luís Gomes, na Universidad del Sur (de 1958 a 1962) e posteriormente, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), (de 1962 a 1974), orientou a investigação científica de matemáticos e a formação em física-matemática dos engenheiros fundadores do atual Departamento de Física da UFPE, participou da fundação e organização do curso de Mestrado em Matemática, tornando-se seu coordenador, co-fundador da coleção “Notas e Comunicações de Matemática”, dedicada exclusivamente à publicação de originais e das “Notas de Curso”, coleção destinada a editar cursos de pós-graduação. Na UFPE fundou e liderou por anos, a formação do que ficou conhecido como a Escola Portuguesa do Recife, da qual faziam parte nomes de reconhecidos matemáticos, como Manoel Zaluar Nunes, Alfredo Pereira Gomes e José Morgado.

A sua obra permanece reconhecida nestes países. Na Universidade Federal de Pernambuco há um “Auditório Ruy Luís Gomes”, a “Biblioteca Ruy Luís Gomes”, a “Olimpíada Pernambucana de Matemática Ruy Luís Gomes”, e o prêmio com seu nome para o melhor aluno do Vestibular de Matemática. Em 1970, o Departamento de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, dinamizado por portugueses, foi reconhecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como Centro de Excelência. Em 1983, Ruy Luís Gomes reconhecia com emoção ter acabado por concretizar no Brasil as tentativas ligadas ao CEMP de criação de uma Escola de Matemática, regozijando-se por “o Departamento de Matemática da Universidade Federal Pernambuco ser considerado um dos melhores centros do Brasil! ”.

Ruy Luís Gomes tinha uma visão clara e futurística do importante papel da ciência no desenvolvimento das sociedades modernas, que pode ser resumida por sua convicção ao pronunciar em Palestra radiofônica em maio de 1944: “A ciência pura não se poderá desenvolver em boas condições de continuidade e eficiência sem entrar em íntima colaboração com a indústria, fornecendo-lhe resultados e recebendo em troca sugestões para novos problemas”.

Após o 25 de Abril de 1974, o Professor Ruy Luís Gomes retorna a Portugal aclamado pela comunidade científica portuguesa, tornando-se reitor da Universidade do Porto. Em 1978, por iniciativa conjunta dos Departamentos de Matemática e Física, a UFPE concede a Ruy Luís Gomes o título de Professor Emérito.

Ruy Luís Gomes morre aos 79 anos de ataque cardíaco, no Outono Europeu de 1984, na cidade do Porto, deixando uma obra científica com a marca do seu superior talento, reconhecida internacionalmente pelos mais rigorosos padrões, e o legado de um eterno defensor pelas causas da Paz, da Justiça e da Liberdade, tão fundamentais ao destino da Humanidade.

Paulo José Duarte

(1914 - 1995)

Químico Industrial

Homenageado em 2016

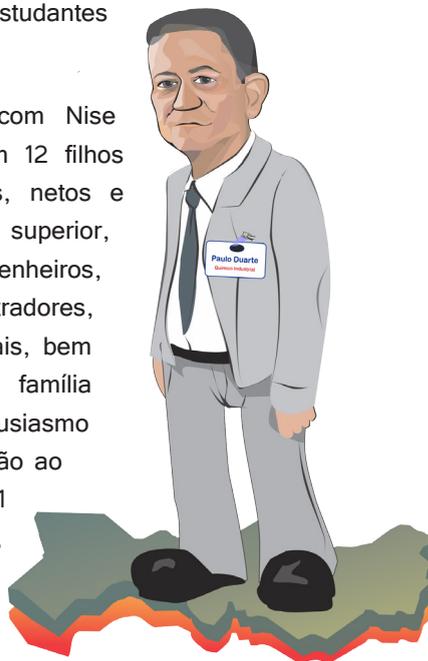


Paulo José Duarte nasceu no dia 12 de abril de 1914, no município de Cortês, Pernambuco, localizado a 100km do Recife, quando seu pai, Norberto Duarte, estava trabalhando na Usina Pedrosa, o qual exerceu grande influência em sua vida. Completou curso secundário no Ginásio Pernambucano e diplomou-se com 22 anos como Químico Industrial pela Escola de Engenharia de Pernambuco, que veio a originar o Departamento de Engenharia Química da UFPE. Após dois anos de formado, em 1939, entra na carreira de magistério como Assistente da Cátedra de Química Analítica Quantitativa, na Escola de Engenharia de Pernambuco, onde encontrou sua maior vocação. Três anos depois já era Professor Catedrático Interino da mesma disciplina, bem como professor de Química Inorgânica, Química Orgânica e Geoquímica. Em 1964, torna-se também Doutor em Ciências Físicas e Matemática e posteriormente adicionou o grau de Engenheiro Químico a sua educação. Este grande professor da Universidade Federal de Pernambuco foi autor de 56 trabalhos científicos e de duas patentes. Um professor polivalente, que durante 42 anos não cessou em ampliar seus conhecimentos e de se dedicar ao desenvolvimento dos cursos de Química Industrial e Engenharia Química da UFPE. Como um grande líder, Prof. Paulo Duarte se torna fundador e o primeiro Diretor da Escola de Geologia da UFPE, em 1957, que lhe levou também a ser consultor da Fosforita Olinda S.A. Neste último caso, obteve o cargo por ter se notabilizado como o descobridor da jazida de fosfato que deu lugar à Usina de Beneficiamento de fosfato. Um magnífico empreendimento que demonstra o pioneirismo de Dr. Paulo. Destacou-se em suas contribuições no desenvolvimento industrial de Pernambuco através de seus trabalhos como Químico da Fábrica de Conservas Peixe, do Instituto de Bioquímica e Medicina Experimental, da Fábrica de

Sabões, Óleos e Glicerina Lubosa S.A. e Consultor da Usina Frei Caneca entre demais consultorias à indústrias.

A sua profunda dedicação a todas as profissões relacionadas a Química, levou-o a estar presente em quase todos os eventos que marcam a evolução da Química em nosso Estado. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Química (ABQ) em Pernambuco e posteriormente seu Presidente, sempre contribuindo fortemente com um espírito de entusiasmo singular. Foi um dos fundadores do Grupo Pernambucano de História e Filosofia da Química, Presidente do Grupo e o seu próprio esteio. Pertenceu a nove associações científicas com grande liderança e visão, procurando trazer para a diretoria diversos químicos e contribuições, bem como presente com seu suporte. Foi assim na ABQ, no GPMFQ e foi assim também nas memoráveis Semanas de Química Fundamental e Tecnológica. Acompanhou de perto a criação do Departamento de Química Fundamental da UFPE. Relativamente poucos foram os Congressos, Simpósios e Seminários de Química que não contaram com a participação e o apoio entusiasta do Prof. Paulo, principalmente na edição de inúmeros e elaborados discursos representando a UFPE, promovendo junto aos Químicos o desenvolvimento da Educação, da Ciência e Tecnologia, sejam eles perante estudantes ou profissionais.

Prof. Paulo José Duarte, foi casado com Nise Silva Duarte por mais de 50 anos, tiveram 12 filhos e atualmente 86 descendentes entre filhos, netos e bisnetos. Entre os filhos, todos com nível superior, e seus netos encontram-se Médicos, Engenheiros, Agrônomos, Arquitetos, Designers, Administradores, Advogados, Sociólogos e diversos profissionais, bem como Engenheira Química e Geógrafa. A família presenciou e apoiou este seu enorme entusiasmo pela vida acadêmica, bem como sua dedicação ao trabalho. Prof. Paulo Duarte morreu aos 81 anos de idade, em 25 de outubro de 1995, em Recife.

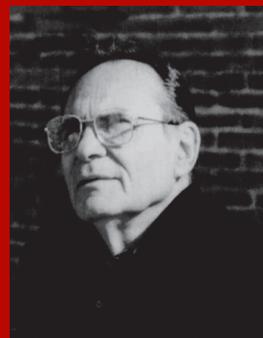


Sebastião Simões Filho

(1927 - 1991)

Engenheiro Químico Industrial

Homenageado em 2016



Sebastião Simões Filho nasceu em 11 de junho de 1927, em Taperoá, município da região do Cariri, no agreste da Paraíba. Após sua formação primária, desenvolveu toda sua educação básica e superior no Recife, bem como parte importante de sua obra e carreira profissional dedicadas a Pernambuco, caracterizando assim a sua pernambucanidade. Coursou o ginásio, como aluno interno do Colégio Americano Batista, mesmo educandário que à época era um verdadeiro celeiro de jovens talentos e onde estudaram Cientistas Notáveis, a exemplo de Gilberto Freyre (1900-1987). Concluída sua formação básica, entrou mais tarde para o curso de Química Industrial da então Escola Superior de Agricultura. Desse curso originou-se uma nova instituição, a Escola de Química de Pernambuco, cuja criação foi apoiada pelos estudantes sob a liderança de Sebastião, que presidia o Diretório Acadêmico, no período de 1947 a 1948. Por essa razão, ele costumava dizer, com ar entre irônico e orgulhoso, “ter fundado a escola em que se formara”. Graduiu-se em 1948, tendo passado um ano na Escola Nacional de Química, no Rio de Janeiro.

Ainda na universidade, cogitou tornar-se pesquisador, tendo colaborado com o Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima em estudos de processos fermentativos. Depois, como químico, Sebastião Simões seguirá uma carreira bastante diversificada, com passagens mais prolongadas em indústrias de fertilizantes, solventes, bebidas, polímeros e álcool combustível, área em que exerceu destacável pioneirismo. A essa experiência industrial agregará, mais tarde, uma extensa atuação em gestão e planejamento.

Sebastião inicia sua carreira profissional no chão de fábrica, trabalhando

primeiro no tratamento de esgotos de Campina Grande, na Paraíba, e em seguida na operação da fábrica de ácido sulfúrico da Profertil em Pernambuco. Em 1955, parte para São Paulo: é a época da grande arrancada brasileira para a industrialização. Emprega-se na recém-criada Petrobrás, e estagia em Toulouse, na França, para preparar o que viria a ser a Petrofertil, empresa estatal criada para atuar no campo dos fertilizantes fosfatados e nitrogenados. Pouco depois, tendo discordado da condução do projeto, transfere-se para a Copebrás, empresa também do ramo de fertilizantes.

Ainda em São Paulo, Sebastião conhece a estudante de bioquímica Danielle Ardailon, nascida na Argélia, que se torna sua esposa em 1961, e com quem tem três filhos, Vasco, Diogo e Martim.

Simões retorna ao Nordeste em 1961, convidado para dirigir a implantação da Coperbo (Companhia Pernambucana de Borracha Sintética), empreendimento que, na ocasião, representava extraordinário desafio. A fábrica iria utilizar o excedente de álcool das usinas de açúcar da região, e o projeto é visto como transformador da economia de Pernambuco. Havia grande pioneirismo na empreitada e o projeto desempenhou papel importante na formação de técnicos e engenheiros e na disseminação de modernos padrões industriais na região. A massa crítica acumulada nesses anos iniciais – com a decisiva contribuição de Simões – permitiu que anos depois, já na década de 1980, a companhia pudesse desenvolver tecnologia própria para a produção de alguns derivados de etanol, a qual deu origem a mais um empreendimento industrial pioneiro em Pernambuco, a Companhia Álcoolquímica Nacional. Entretanto, para Sebastião Simões, a aventura da Coperbo encerra-se bruscamente com o golpe militar de primeiro de abril de 1964, antes mesmo da inauguração da planta, que só ocorreria em 1965.

De volta a São Paulo, retoma sua posição na Copebrás e, em seguida, atua como consultor técnico-científico na Serete Engenharia, em projetos tecnológicos e de planejamento.



Em 1969, passa a trabalhar para a Ciquine (Companhia de Indústrias Químicas do Nordeste), empresa petroquímica sediada na Bahia. Sua posição política de oposição ao regime militar levou Sebastião Simões e sua esposa à prisão em São Paulo, no início de 1971. Estranhamente, o interrogatório a que foi submetido centrou-se em suas ideias sobre a indústria petroquímica brasileira.

Ainda em 1971, transfere-se para Salvador, e passa a dedicar-se ao planejamento conceitual do Polo Petroquímico de Camaçari, em parceria com o economista Rômulo de Almeida. Dirige a seguir a implantação de uma das principais empresas do Polo, a Polialden. Convidado a dirigir a sucursal nortenordeste do Banco Econômico, retornou ao Recife em 1976. Nessa época, reaproxima-se de Taperoá, experimentando na fazenda Jaramataia técnicas inovadoras para a sustentabilidade da pecuária no semiárido. Numa dessas iniciativas, introduz em Taperoá uma fabricação de queijos de qualidade.

Em 1979, deixa o Banco Econômico para dedicar-se a seu último projeto industrial: a construção da destilaria Japungu, na Paraíba, que se notabilizou pelo arrojo conceitual da unidade industrial de alta eficiência energética e pelo aproveitamento integral dos subprodutos da cana, inclusive para a produção animal. Simões preconizava para o Proálcool muito mais do que um programa de substituição de combustível para automóveis. Defendia, como especialista no tema, a oportunidade de o Brasil desenvolver, de forma autônoma e pioneira, uma química dos carboidratos baseada nos recursos renováveis da biomassa, em contraposição à química dos hidrocarbonetos fósseis.

Além de suas marcantes contribuições na implantação de indústrias no Nordeste e produção intelectual no campo da química industrial, Sebastião Simões participou de diversas comissões nacionais, como a do Plano Nacional de Fertilizantes. Igualmente, integrou o conselho de administração de várias empresas, incluindo o do Lafepe (Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco), governador Miguel Arraes no início dos anos 1960, e também, curiosamente, o conselho de administração da Coperbo, empresa da qual fora afastado compulsoriamente em 1964.

Seu último desafio como gestor, confirmando seu profundo compromisso e sensibilidade com a Ciência e Tecnologia, foi a implantação da Fundação de

Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe), da qual foi o primeiro presidente, de dezembro de 1989 a março de 1991. Sob sua liderança criou-se a primeira fundação pública de fomento à pesquisa da região Nordeste, destinada a promover o desenvolvimento científico e tecnológico de Pernambuco por meio da concessão de bolsas de estudos, auxílios a pesquisadores e custeio de projetos de desenvolvimento e de transferência de tecnologias inovadoras aos setores empresariais. Estruturada como uma instituição ágil e transparente, com modalidades de apoio inovadoras e programas orientados para a indução de um desenvolvimento integrador, deu à Facepe características que na ocasião fizeram da Fundação uma referência no fomento à pesquisa no Brasil. Em reconhecimento a essa singular e genuína contribuição de Sebastião Simões, o Conselho Superior da Facepe em 2014, por ocasião dos eventos de comemoração ao seu jubileu de 25 anos de criação, instituiu o prêmio intitulado “Prêmio Sebastião Simões de Mérito à Inovação Tecnológica”, promulgado pelo Governador do Estado de Pernambuco nos termos do Decreto Estadual, nº 41.383, de 19/12/2014.

Sebastião Simões deixa, como engenheiro químico industrial, um legado inestimável de pioneirismo no campo da pesquisa, da gestão e do desenvolvimento de empreendimentos de grande porte, atuando como precursor do uso dos recursos renováveis da biomassa, com a constante visão, presente e futura, dos benefícios que a Ciência e Tecnologia podem trazer para o bem-estar social.

Sebastião Simões Filho morreu subitamente, em 16 de março de 1991, no dia seguinte ao de sua saída da presidência da Facepe. Na véspera, recebera calorosa homenagem da comunidade científica pernambucana.

Don Carlo Borghi

(1910 - 1984)

Físico

Homenageado em 2018



Dom Carlo Borghi nasceu em 3 de julho de 1910 em Barlassina, província de Monza, próximo a Milão, Itália. Em 1922 entra no Seminário de Monza, seguindo-se o Seminário de Milão e a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Em 1933 é ordenado sacerdote em Milão e passa a se chamar Dom Carlo Borghi. Desde cedo, seus superiores descobriram nele um grande talento para o magistério, principalmente no ensino da matemática. Assim em 1934 foi enviado para ensinar álgebra no Seminário de San Pietro em Seveso. Seu sucesso foi tal, que em 1934 o enviaram ao curso de Láurea em Ciência Física na Universidade Estatal de Milão. Lá colaborou com o professor Giovanni Gentile Junior, muito respeitado na comunidade científica e filho do filósofo do fascismo italiano Giovanni Gentile. Em 1939 recebe láurea em física teórica com a tese sobre a instabilidade dos nêutrons e a determinação de sua meia vida. Sua pós-graduação foi ainda feita nesta universidade.

Com a deflagração da segunda guerra mundial, em 1940 torna-se tenente capelão militar, e foi enviado aos Alpes, onde lutou até 1941. Na primavera de 1942, foi então enviado para o norte da África, em Tobruk, Líbia. Foi citado em boletim de guerra e condecorado por ações militares. Ferido volta à Itália. E por indicação do professor Gentile, na época gravemente doente, é escolhido no período de 1942-1944 para ensinar física teórica na Universidade Estatal de Milão. Nesse período dedica-se também ao estudo da história da ciência e problemas filosóficos, colaborando com a revista "Sintesis", fundada em 1944. A guerra, o uso da energia nuclear em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, o afetaram psicologicamente. Em 1945 deixa a universidade e pede ao cardeal Schuster para retornar a servir à Igreja. Na nova função, entre

1945 e 1952, torna-se pároco de Calco (Lecco), vizinho ao lago di Como, no norte da Itália. Em 1952 é chamado à Roma e indicado como conselheiro científico do Papa Pio XII. Nesta fase retoma suas pesquisas em física teórica com estudos sobre a produção de nêutrons mediante fusão a frio. Costumava dizer “semel accademicus, semper accademicus”, isto é, “uma vez professor, professor sempre”.

Em 1960, foi enviado ao Brasil para criar na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, um centro de pesquisas em física nuclear. Não está claro se aí houve uma interferência do Vaticano nesse processo, pois suas convicções políticas mais à direita se contrapunham àquelas do então arcebispo, Dom Hélder Câmara, mais à esquerda. Naquela época, as condições de ensino e pesquisa em física naquela universidade eram bem incipientes, para não dizer “inexistentes”. Assim em 01 de junho de 1962 ingressa na então Universidade do Recife (UR) ainda com aquela missão de fundar um centro nuclear. Uma trajetória sua de sucesso começa nessa época. Tal centro começa a tomar corpo no prédio do então Instituto de Física e Matemática (IFM) que funcionava numa antiga casa, situada na rua do Progresso, no bairro da Boa Vista. Esta casa tinha um belo quintal repleto de mangueiras centenárias. O IFM foi criado e dirigido pelo professor Luiz Freire, tendo o Pe. Borghi, como coordenador do setor de física.



Em 1962 a primeira turma de bolsistas de iniciação científica do CNPq foi recrutada pelo Pe. Borghi na Escola de Engenharia de Pernambuco para gerar os primeiros profissionais a trabalharam na área nuclear em Pernambuco. Nesta turma e nas que se seguiram destacaram-se nomes como Hélio Teixeira Coelho, Clemente Carneiro, Sueldo Vita, Fernando Ribeiro, Francisco Bezerra Coutinho, que continuaram ligados à pesquisa nuclear, e de outros nomes, como Clementino Amazonas Pontual, Altino Ventura Filho, Cláudio Luís Dubeux Neves que posteriormente seguiram outros caminhos. No

IFM eram dados cursos avançados em Mecânica

Analítica, Relatividade, Eletrodinâmica Clássica, entre outros. O Pe. Borghi, Luiz Freire e o Pe. José de Nogueira Machado eram seus principais professores de física, tendo Ruy Luiz Gomes como professor de física matemática. Após a graduação em Engenharia, estes bolsistas eram enviados ao então Instituto de Energia Atômica (IEA)/ Universidade de São Paulo para um curso intensivo de um ano na área nuclear, com ênfase na parte experimental.

Em 03 de Dezembro de 1963 a pedra fundamental do centro nuclear é lançada e sua conclusão ocorre em 01 de abril de 1968, tendo à frente a firme determinação do Pe. Borghi. Já em 1965 o Pe. Borghi é nomeado seu coordenador. É sob sua influência que neste centro instala-se o reator nuclear subcrítico, conhecido como RESUCO, projetado no IEA, tendo inclusive alguns desses ex-alunos acima mencionados, como auxiliares do projeto. Lamentavelmente, este reator foi levado de volta pela CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear), sem que houvesse qualquer reação das devidas autoridades da UFPE, demonstrando assim o total desinteresse dessa geração de gestores acadêmicos pelos valores históricos-científico das gerações passadas que construíram nosso desenvolvimento.

Com a reforma universitária, o hoje Departamento de Física foi criado em 11 de agosto de 1967, continuando o centro nuclear como uma entidade à parte. É nesta fase, que o pioneirismo do Pe. Borghi de atrair novos talentos para a carreira de física avançada, influencia e contribuiu na formação da segunda geração de bolsistas composta por um grupo de cinco engenheiros formados na turma de 1968, grupo constituído por Cid Bartolomeu de Araújo, Ivon Palmeira Fittipaldi, José Roberto Rios Leite, Marcos Cavalcanti Gameiro de Moura, e Mauricio Domingues Coutinho Filho, que após concluírem os cursos de pós-graduação realizados na USP e na PUC do Rio, fundaram no que hoje se tornou o Departamento de Física do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da UFPE.

Pe. Borghi era um homem alto e esguio, bem claro, como os italianos do norte da Itália. Era autoritário naquilo que defendia e um bom diplomata quando se fazia necessário. Com um cachimbo, fumava enquanto arduamente trabalhava, lembrando um pouco a figura de um lorde inglês. Dom Borghi foi um homem muito honesto e fiel à Igreja. Como todo italiano culto, era amante das artes, em particular da música erudita e da poesia. Sua sensibilidade pela

amizade ficou registrado nesta sua mensagem: “Na viagem da vida, amigos são mais que estradas; são placas que indicam a direção, e por vezes, são o nosso próprio chão”.

Pe. Borghi deixou uma vasta obra científica, com seis textos de física, publicada pelo IFM, sob a direção de Luiz Freire. Começou em 1961 com o “Formalismo Lagrangeano-Hamiltoniano”, até o sexto livro, em 1967, “Introdução à Física Atômica e Nuclear”. Estes livros juntamente com o livro “Bases para uma Axiomática da Termodinâmica” de Luiz Freire, são possivelmente, os livros de física avançada mais antigos publicados em Pernambuco. Publicou também artigos científicos em revistas especializadas, como o Physical Review, e colaborou com outros cientistas da UFPE, como A. Bezerra Coutinho, da Faculdade de Medicina.

Com todo este trabalho profícuo, seu coração não aguentou. Em 1973 sofreu um enfarte do miocárdio e em 1975 abandona definitivamente seu trabalho no centro que passou a se chamar Departamento de Energia Nuclear. Ainda em 1975 volta à Itália. Lá é condecorado pelo presidente Saragat com “la Nomina di Cavaliere della Repubblica” por seu importante trabalho na Itália e no Brasil.

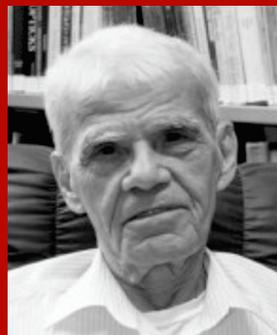
Morreu em 30 de março 1984 em Parma, junto ao seu amigo Dom Camillo Gioria, professor de física na universidade local. Foi enterrado em Calco (Lecco).

Fernando de Souza Barros

(1929 - 2017)

Físico Experimental

Homenageado em 2019



Fernando de Souza Barros, pernambucano nascido no Recife, em 8 de setembro de 1929. Durante seu curso de Engenharia Civil na então Escola de Engenharia do Recife, por ter sido um excelente aluno nas disciplinas de Física, foi incentivado pelo professor Luiz de Barros Freire – também homenageado, em 2009, neste Memorial – a seguir carreira em Física, em vez de ser engenheiro civil. Neste particular, o professor Luiz Freire revelou-se ter sido um extraordinário “caçador de talentos”, motivando para as carreiras das ciências exatas um seleto grupo de alunos da velha escola de engenharia, grupo esse, hoje identificado, como a “geração de ouro”, que além de Fernando de Souza Barros, era composto por jovens talentos que se tornaram notáveis cientistas brasileiros, com grandes projeções nacionais e internacionais, dentre os quais destacaram-se: os físicos, Mário Schenberg, José Leite Lopes, Hervásio de Carvalho, Francisco de Assis Brandão e Samuel Macdowell; e, os matemáticos, Leopoldo Nachbin e Manfredo Perdigão do Carmo.

Logo ao concluir o curso em Engenharia Civil em 1952, tendo como incentivador o Prof. Luiz Freire, Souza Barros aceitou o convite feito pelos Profs. Cesar Lattes e Ugo Camerini, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), Rio de Janeiro, para estagiar, a partir de 1953, no programa de raios cósmicos, trabalhando em montagens experimentais no Laboratório de Radiação Cósmica de Chacaltaya, situado a 5.000 metros de altitude, nas proximidades da cidade de La Paz, na Bolívia, como bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), permanecendo no programa até 1955.

Foi nesse período que Sousa Barros conheceu sua esposa, Susana Lehrer de Souza Barros, nascida em 2 de fevereiro de 1929, na cidade de Santa Fé, na Argentina, também Física Experimental. Em 1956 o casal viaja para a Inglaterra onde Souza Barros foi aceito como aluno no curso de doutorado do Departamento de Física da Universidade de Manchester. Na Inglaterra nasceu o único filho do casal Nicolas de Souza Barros, violonista e professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Em Manchester, Souza Barros trabalhou sob as orientações dos Profs. Samuel Devons e Aubrey Jaffe, em um dos pioneiros estudos sistemáticos de reações nucleares do tipo stripping com feixes de hidrogênio-3 (trítio). Esses estudos constituíram a base para a sua tese de doutorado, defendida em 1960, concluindo, assim, seu PhD em Física Nuclear Experimental na Universidade de Manchester.

Em paralelo, Suzana Lehrer trabalhou no campo de partículas elementares em estudos sobre o decaimento radioativo do Meson Pi. É neste tema em que concluiu sua tese de doutorado defendida na Universidade de Manchester

em 1960. Susana realizou uma brilhante carreira como professora e pesquisadora, tendo sido uma das pioneiras da pesquisa em Ensino da Física no Brasil, realizando inúmeros projetos voltados tanto para formação docente como para estratégias de ensino-aprendizagem. Susana e Fernando formaram um casal exemplar de cientistas, no entanto, o destino separa o casal em 24 de outubro de 2011, com o falecimento de Susana, aos 82 anos.



Em 1961, o casal retornou ao Brasil, com Fernando assumindo o cargo de professor assistente do CBPF e também responsável pro-tempore pela cadeira de Física Aplicada do Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil. Em 1962, foi convidado pelo Prof. Sergio De Benedetti para trabalhar como físico pesquisador sênior no Carnegie

Institute of Technology, em Pittsburgh, Estados Unidos. Dedicou-se neste período, ao estudo das propriedades das interações eletro-núcleo atômico, utilizando técnicas de física nuclear, tendo participado de estudos pioneiros do efeito Mössbauer em isótopos de iodo e em determinações de volumes nucleares pela interação hiperfina.

Retornou ao Brasil em 1963, por um período de um ano, durante o qual colaborou na planificação de laboratórios de pesquisas do Instituto de Ciências Exatas da Universidade de Brasília (UnB); no programa da Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, na implementação de técnicas de efeito Mössbauer no CBPF.

Com o golpe militar de 1964, transfere-se para os Estados Unidos, tendo sido contratado inicialmente como pesquisador, logo em seguida, como professor pela Universidade Carnegie-Mellon, em Pittsburgh. Neste período, participou de estudos de propriedades magnéticas e de fenômenos de relaxação em sólidos moleculares, utilizando principalmente a espectroscopia Mössbauer.

Voltou ao Brasil no início da década de 1970 para implantar o Curso de Pós-Graduação em Física da UFRJ, resultando na criação de um grupo de pesquisa experimental para estudos da estrutura da matéria condensada, com técnicas espectroscópicas (Mössbauer, óptica, raios-X, ressonância magnética) e técnicas de baixas temperaturas. Souza Barros participou ativamente de um grupo de pesquisa interinstitucional de projetos de física aplicada, utilizando técnicas nucleares, no estudo de minerais para fixação de fertilizantes e de materiais de interesse bioquímico e biológico, estudando, inclusive, o papel de minerais na evolução química da vida. Publicou um número superior a 50 artigos completos em periódicos, cinco capítulos de textos especializados e participou da orientação de dez dissertações de mestrado e oito teses de doutorado. Foi Professor Titular da UFRJ durante 26 anos, aposentando-se em 1999.

Em paralelo às suas atividades de pesquisas, Fernando de Souza Barros contribuiu vivamente para o avanço das ciências no Brasil, tendo apoiado em 1971 a implantação do grupo de Física do Recife, contribuindo, inclusive, com palestras, seminários, cursos, e ainda colaborando, eventualmente, em atividades

de pesquisa do grupo. No âmbito internacional, desenvolveu estudos e atividades de divulgação na área de aplicações pacíficas da energia nuclear e eliminação de armas nucleares. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Física (1983-1985). No período 1998-2000, foi membro do Conselho Diretor de Pugwash (Prêmio Nobel da Paz em 1995). Foi membro titular da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e, em 1999, recebeu da UFRJ o título de Professor Emérito. Em 2008, foi agraciado com a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico do Brasil.

Souza Barros foi um exemplo de dedicação à ciência, integridade e generosidade em sua vida pessoal e profissional, tendo contribuído para o crescimento da Física Experimental no Brasil e, para o desenvolvimento intelectual dos seus inúmeros estudantes com quem manteve sempre uma relação de carinho e amizade.

Fernando de Souza Barros faleceu no Rio de Janeiro, no dia 8 de novembro de 2017, aos 88 anos.

CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS



Amaro Soares Quintas

Historiador

Homenageado em 2019



Gilberto de Mello Freyre

(1900-1987)

Sociólogo

Homenageado em 2007

Gilberto de Mello Freyre nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 15 de março de 1900, filho de Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre. Considerado um dos sociólogos pioneiros no Brasil, Freyre, além de escritor, também foi pintor, deputado e jornalista. Dirigiu os jornais recifenses “**A Província**” e o “**Diário de Pernambuco**”. Colaborou com a revista “**O Cruzeiro**” do Rio de Janeiro e vários periódicos estrangeiros.

Em 1908, Freyre iniciou seus estudos no Colégio Americano Batista Gilreath, permanecendo até 1917. Influenciado pelos mestres do colégio, tomou parte em atividades evangélicas e visitou a gente miserável dos mocambos recifenses.

Em 1917, começou a estudar grego e tornou-se membro da Igreja Evangélica, desagradando a família católica. Ao concluir o curso de Bacharel em Ciências e Letras do Colégio Americano Gilreath, é eleito o orador da turma.

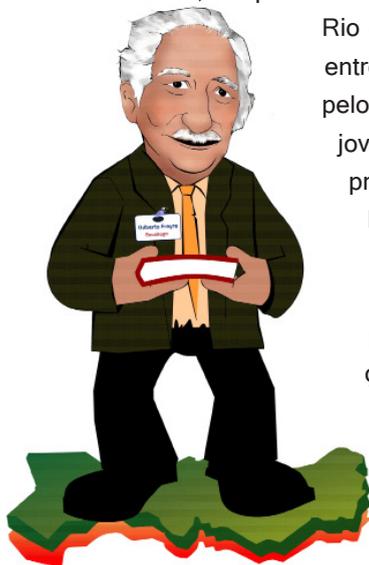
Após deixar o colégio, Freyre, no início de 1918, viajou para os Estados Unidos, onde fez seus estudos universitários. Nessa época, Freyre era colaborador do Diário de Pernambuco, com uma série de cartas intituladas Da outra América. Com seus primeiros artigos em inglês publicados por um jornal de Waco em 1919, fez bacharelado em Artes Liberais, com especialização em Ciências Políticas e Sociais, na Universidade de Baylor e mestrado e doutorado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, na Universidade de Columbia, onde defendeu a tese “Vida social no Brasil em meados do século XIX”.

Antes de retornar ao Brasil em 1924, visitou a Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Espanha e Portugal. Entre as pessoas ilustres que conheceu durante essa fase, estão o poeta irlandês William Butler Yates, poetas ingleses como Vachel Lindsay, Amy Lowell, o poeta místico Rabindranath Tagore e o Príncipe de Mônaco.

De 1927 a 1930, foi chefe de gabinete do então governador de Pernambuco, Estácio Coimbra. Seguiu, a convite da Universidade de Stanford, em 1931, para os Estados Unidos, como professor extraordinário daquela Universidade. Voltando ao Brasil em 1932, Freyre instalou-se no Rio de Janeiro e permaneceu pesquisando e elaborando o livro “**Casa Grande & Senzala**”, e bi-bliotecas e arquivos. Em 1933, enviou os originais ao seu editor, que o publica em dezembro. O livro posteriormente seria pu-blicado em vários países como Argentina, Estados Unidos, França, Portugal, Alemanha, Itália, Venezuela, Hungria e Polônia.

A pedido dos alunos da Faculdade de Direito do Recife, em 1935, e por desig-nação do Ministro da Educação, iniciou na referida escola superior um curso de Sociologia com orientação antropológica e ecológica.

Em 1942, foi preso no Recife, por ter denunciado, em artigo publicado no Rio de Janeiro, atividades nazistas e racistas no Brasil, entre elas, as de um padre alemão a quem foi confiada, pelo governo do Estado de Pernambuco, a formação de jovens escoteiros. Juntamente com seu pai, reagiu à prisão, quando levado para a Casa de Detenção do Recife.



Eleito deputado em 1946, Freyre foi autor do projeto designado para a criação da atual Fundação Joaquim Nabuco e posteriormente presidente do conselho-diretor.

Freyre recebeu diversos prêmios ao longo de sua vida. Entre eles, da Rainha da Inglaterra Elizabeth II, recebeu o título de Cavaleiro

do Império Britânico e do embaixador Hansjorg Kastl a Grã-Cruz do Mérito da República Federativa da Alemanha. Além disso, pode-se citar o título de Cidadão de Olinda (1972), a cadeira 23 que ocupou da Academia Pernambucana de Letras (1986), o Prêmio Jabuti de Literatura (1973) e o título de **Doutor Honoris Causa** de diversas universidades brasileiras e estrangeiras.

Morreu no Recife, em 18 de julho de 1987. Devido à importância de sua obra para as ciências humanas e sociais no Brasil, foi criada a Cátedra Gilberto Freyre, pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de Pernambuco.

Paulo Reglus Neves Freire

(1921-1997)

Pedagogo

Homenageado em 2007



Nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife. Paulo Freire se destacou por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

Vivenciando pobreza na infância, foi alfabetizado pela mãe, que o ensinou a escrever com pequenos galhos de árvore no quintal da casa da família. Desde a adolescência começou a desenvolver um grande interesse pela língua portuguesa e, aos 22 anos, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Casou-se, em 1944, com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos.

Em 1946, Freire foi indicado ao cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI) de Pernambuco, onde iniciou o trabalho com analfabetos pobres. Paralelamente, ainda assumiu diversos cargos públicos como membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife (1956) e diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura (1961).

Em 1959, doutorou-se em filosofia e história da educação, sendo nomeado professor efetivo de história e filosofia da educação da Escola de Belas Artes. Como diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife, em 1961, realizou as primeiras experiências de alfabetização popular que levariam à constituição do “Método Paulo Freire”.

O seu grupo foi responsável pela alfabetização de 300 cortadores de cana em

apenas 45 dias. Após tais resultados, o governo brasileiro, sob a presidência de João Goulart, aprovou a aplicação de seu método para um Plano Nacional de Alfabetização que foi extinto devido ao Golpe Militar de 1964. Devido às suas campanhas de alfabetização, Freire foi acusado de ameaça à ordem, sendo preso e exilado por mais de 15 anos.

No exílio, esteve em países como Bolívia, Suíça, Tanzânia, Inglaterra, Guiné-Bissau e Chile - quando chegou a trabalhar nas Organizações das Nações Unidas (ONU). Após a publicação de "Pedagogia do Oprimido", em 1969, Freire foi convidado para ser professor visitante da Universidade de Harvard.

Em 1980, Freire pôde voltar ao Brasil, assumindo cargos de docência na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Em 1988, dois anos depois da morte de sua esposa, casou-se com a pernambucana Ana Maria Araújo, sua conhecida desde a infância.

Para Freire, um amante de sua terra natal, São Paulo foi uma opção quase inevitável. Com condições políticas ainda difíceis, a retomada de suas antigas funções exigia um requerimento ao governo de Pernambuco. Além disso, tal requerimento poderia ser deferido ou indeferido, estabelecendo restrições. Freire considerou tais exigências ofensivas e recusou-se a aceitá-las, o que o levou a São Paulo.



Entre 1989 e 1991, na gestão de Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores - do qual foi afiliado e um dos fundadores - trabalhou como secretário da Educação da Prefeitura de São Paulo. Neste ano, foi reincorporado ao cargo de diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, do qual havia sido demitido após o golpe de 1964. Logo em seguida, apo-sentou-se.

Em São Paulo, foi fundado, em 1991, o Instituto Paulo Freire, para aplicar, elaborar e estender suas idéias. O instituto realiza numerosas atividades relacionadas com o legado de Freire e a atuação em temas da educação brasileira e mundial.

Em fevereiro de 1997, Freire fez sua última visita ao Recife, quando comemorou os dez anos em que trabalhou no SESI. Freire morreu em 02 de maio de 1997, em São Paulo.

As maiores contribuições de Paulo Freire foram no campo da educação popular e da conscientização política de jovens e operários, tendo eventualmente alcance mais amplo, incluindo o conceito básico de que não existe educação neutra. Segundo a visão de Freire, todo ato de educação é um ato político.



Manoel Correia de Andrade

(1922-2007)

Geógrafo

Homenageado em 2008

Manoel Correia de Andrade nasceu no Engenho Jundiá, em Vicência, Zona da Mata de Pernambuco, em 03 de agosto de 1922, filho de Joaquim Correia Xavier de Andrade e Zulmira Azevedo Correia de Andrade.

Cursou os quatro primeiros anos do ensino formal em Vicência, mas, aos dez anos de idade, muda-se com a sua família para Recife. No Liceu Pernambucano, ele conclui o ensino fundamental e, no Instituto Carneiro Leão, o curso complementar pré-jurídico. Durante o curso pré-jurídico, ele se casa com Maria de Lourdes Sales Menezes, uma colega de curso e, com ela, tem cinco filhos.

Em 1943 ingressou no curso de Direito da Faculdade de Direito do Recife e no Curso de Licenciatura em Geografia e História na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, hoje chamada de Universidade Católica de Pernambuco. Concluiu o bacharelado em Direito em 1945, e dois anos depois graduou-se em Geografia e História.

A partir de 1952, Manoel Correia passa a se dedicar inteiramente à docência. Começa lecionando Geografia do Brasil e História em colégios. Ensina Geografia Física na Faculdade de Filosofia do Recife; Geografia Geral, no Colégio Estadual de Pernambuco; e Geografia Econômica, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco, onde se aposentou oficialmente em 1985, mas mantendo-se sempre atuante como docente e pesquisador. Durante os anos de 2004 até 2007 foi coordenador da cátedra Gilberto Freyre, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, com estudos sobre a geografia brasileira e a realidade do país sendo idealizador

do evento anual “Redescobrimdo o Brasil”. Também lecionou como professor Emérito em Direito Ambiental no Mestrado de Gestão e Políticas Ambientais, no mesmo local.

Em 1965, concluiu uma Especialização em Ecologia Aplicada no Estudo Técnico do Meio Natural da America Latina e, logo em seguida, doutorou-se, em 1967, em Geociências, na Universidade Federal de Pernambuco.

Em uma das viagens que faz ao sul do Brasil, ele conhece pessoalmente Caio Prado Júnior, e surge daí uma preciosa oportunidade. O ilustre sociólogo estava selecionando especialistas em Geografia, em cada região do país, para que escrevessem sobre as diversas questões agrárias do país, e propõe a Manoel Correia que se encarregue da parte concernente à realidade nordestina. Como fruto dessa oportunidade, nasceria o livro “A terra e o homem no Nordeste”, que foi prefaciado pelo próprio Caio Prado Júnior e publicado pela Editora Brasiliense.

Manoel Correia foi convidado, em 1964, pelo então governador Miguel Arraes para comandar a política agrícola, integrando o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (GEPA), para assistir à população pernambucana e ao trabalhador pobre do sertão. Por sua orientação política, como ocorrido com outros intelectuais é preso e exilado devido ao Golpe Militar de 1964.

No exílio, participou dos cursos de Celso Furtado – também exilado – ministrados na Universidade de Paris. Em sua carreira, Manoel Correia visitou vários países: França, onde estudou na École Pratique des Hautes Études; Japão, onde lecionou na Universidade de Sukuba; Argentina, em que lecionou na Universidade de Buenos Aires; Peru, México, Colômbia e Estados Unidos (Califórnia), em que proferiu palestras e conferências.



Entre os vários títulos que recebeu, destacam-se os de Doutor Honoris Causa, por parte de três Universidades Federais, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe, e pela Universidade Católica

de Pernambuco. Além de Professor Emérito da UFPE, em 1989, obteve a Medalha da Ordem Nacional do Mérito Científico do governo brasileiro.

Foi nomeado, em 1984, Diretor do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (CEHIBRA), da Fundação Joaquim Nabuco, ocupando o cargo até 2003.

Como ativo pesquisador, Manoel Correia possui uma destacável produção científica - como podemos aferir de seu Currículo Lattes; 27 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, 33 livros, 18 capítulos de livros e 23 apresentações de trabalhos em congressos ou seminários, além de ter orientado 18 dissertações de mestrado.

Desde 1980 foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Devido a sua ilustre carreira acadêmica, foi eleito, em 2002, para a cadeira 37 da Academia Pernambucana de Letras.

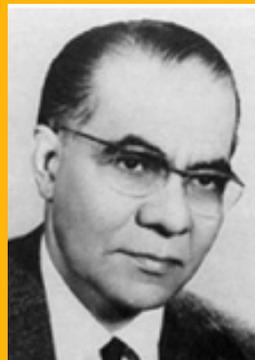
Morreu aos 84 anos, em 22 de junho de 2007.

Josué Apolônio de Castro

(1908–1973)

Geógrafo

Homenageado em 2009



Josué Apolônio de Castro nasceu no dia 5 de setembro de 1908, em Recife. Seu trabalho científico é marcado pela multidisciplinaridade. Além da fome, também estudou diversas questões de interesse global que lhe são relacionadas, como o meio ambiente, o subdesenvolvimento e a paz.

Josué Castro fez seu curso secundário no Recife, no Instituto Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano. Iniciou seus estudos em medicina na Bahia, concluindo o curso em 1929, no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional da Universidade do Brasil, com apenas 21 anos. Ainda em 1929, Castro esteve no México, viajando depois para os Estados Unidos, onde fez um estágio de quatro meses na Universidade de Columbia e no Medical Center de Nova York.

Em 1932, escreve Condições de vida das classes operárias do Recife, pesquisa pioneira que estabeleceu, pela primeira vez, as relações entre a produtividade do trabalhador e sua alimentação. Nesse ano, Castro inicia a carreira de docente tornando-se professor livre-docente, lecionando Fisiologia e posteriormente Geografia Humana, na Faculdade de Medicina do Recife. Em 1933, foi um dos idealizadores e fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife (FAFIRE), onde ensinou Geografia Humana. Em 1934, o jovem médico e professor casa-se com a Miss Pernambuco de 1930, Glauce Rego Pinto – que fora sua aluna na FAFIRE, com quem teve três filhos: Josué Fernando, Anna Maria e Sônia.

Em 1935, muda-se para o Rio de Janeiro e passa a ensinar Antropologia. Castro é convidado oficial do Governo Italiano em 1939 para realizar um ciclo

de conferências sobre “Os Problemas de Aclimação Humana nos Trópicos”. E convidado oficial de Governos de vários outros países para estudar problemas de alimentação e nutrição – entre eles, Argentina (1942); Estados Unidos (1943); República Dominicana (1945); México (1945); e França (1947).

Após o ano de 1940, Castro passa a participar de todos os projetos governamentais relacionados à alimentação, através da coordenação da implantação dos primeiros restaurantes populares, direção das pesquisas do Instituto de Tecnologia Alimentar e colaboração para a execução de várias políticas públicas, como a educação alimentar.

Escreve, em 1946, o livro **Geografia da Fome**, afirmando que a fome não era um problema natural, isto é, não dependia nem era resultado dos fatos da natureza, ao contrário, era fruto de ações dos homens, de suas opções, da condução econômica que davam a seus países.

Durante o Golpe Militar de 1964, Castro, então Deputado Federal, foi considerado subversivo pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Sua luta contra a fome e a necessidade da reforma agrária eram temas inconvenientes para os conservadores que promoveram o Golpe, o que culminou com sua cassação, exilando-se na França. Passou, então, a lecionar na Sorbonne e, ainda inconformado com o exílio, falece, em Paris, em 24 de setembro de 1973.



Entre os cargos que ocupou, Castro foi Presidente da Sociedade Brasileira de Alimentação de 1942 a 1944, Delegado do Brasil na **Conferência de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas**, convocada pela FAO (Food and Agriculture Organization) em agosto de 1947, foi Presidente do Conselho da Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) entre 1952 e 1956, Presidente da Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM), Presidente eleito do Comitê Governamental da Campanha de Luta Contra a Fome da ONU, em 1960, Embaixador do Brasil na ONU, em Genebra, 1962 a 1964, Fun-

dador e Presidente do Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID) em Paris entre 1965 a 1973.

Entre os prêmios e títulos que recebeu, estão o Prêmio Pandiá Calógeras em 1937, o Prêmio José Veríssimo da Academia Brasileira de Letras em 1946, o Prêmio Roosevelt da Academia de Ciências Políticas dos EUA em 1952, a Grande Medalha da Cidade de Paris em 1953, o Prêmio Internacional da Paz em 1954 (conferido pelo Conselho Nacional da Paz), Grã-Cruz do Mérito Médico no Brasil e Oficial da Legião de Honra na França em 1955. Além disso recebeu o título de Professor **Honoris Causa** da Universidade de Santo Domingo, na República Dominicana, em 1945 e da Universidade de San Marcos, no Perú em 1950.



Evaldo Bezerra Coutinho

(1911–2007)

Filósofo

Homenageado em 2010

Evaldo Bezerra Coutinho nasceu em 23 de julho de 1911 e concluiu todos os seus estudos no Recife. Foi um dos fundadores da Escola de Arquitetura e dos cursos de Letras e Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Diplomou-se aos 22 anos em Ciências Jurídicas e Sociais em 1933, pela Faculdade de Direito da UFPE. No entanto, Coutinho não se entusiasmou com o Direito, a não ser pela disponibilidade de livros na biblioteca do curso, onde leu e encantou-se, em 1932, com a *Ética*, de Spinoza, sobre quem publicou um ensaio.

Dedicou-se ao estudo da filosofia, direcionado para as artes em geral e, mais especificamente, para a arquitetura. Enquanto desenvolvia a sua visão do universo, no seu sistema filosófico, começou a refletir profundamente sobre a arquitetura, resolvendo escrever uma obra independente.

Dessa forma, ao longo de nove obras, Evaldo Coutinho atravessou campos distintos como o da arquitetura e do cinema: ainda nos anos 20, também escreveu sobre cinema em jornais. Evaldo Coutinho também atuou como crítico de filmes do cinema mudo, primeiramente em 1929, no *Jornal do Comércio*, e, posteriormente, no *Diário Carioca*, entre 1946 e 1950.

Desde sua juventude, conviveu com algumas personalidades pernambucanas do início do século. Quando cursou o primário, no colégio Americano Batista, foi contemporâneo de Gilberto Freyre. Além disso, Coutinho estudou o secundário

no Ginásio Pernambucano, instituição reconhecida pela qualidade de ensino e por formar alunos talentosos.

Seis anos após sua diplomação, Coutinho ingressa no magistério, em 1938, lecionando Teoria e Filosofia, no Curso de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo posteriormente diretor. Além disso, lecionou também no Curso de Letras da UFPE até 1981.

Substituiu o amigo Joaquim Cardozo na cadeira de Estética da Escola de Belas Artes em 1938, onde permaneceria até 1971, ano em que se aposentou. Na época de fundação do curso – afirmou Coutinho – não havia ainda arquitetos formados em Pernambuco, logo, era grande a escassez de professores para a área e sendo necessário contar com os que chegavam de outros estados ou do exterior. Nesses primeiros tempos, a escola teve nomes importantes, como o arquiteto italiano Palumbo, que projetou vários edifícios residenciais.

Em 1946, pediu licença da Escola de Belas-Artes, convidando Ariano Suassuna a substituí-lo, e foi para o Rio de Janeiro, onde se casou e passou quatro anos. Coutinho volta ao Recife em 1950, reassumindo suas funções de professor e, durante uma reunião da congregação universitária no final da década, defendeu a conversão do curso de arquitetura da Escola de Belas-Artes do Recife em uma faculdade, o que foi aceito. Além de fundador, foi seu primeiro diretor, com apoio unânime dos professores. Dirigiu a faculdade entre 1959 e 1963.

Coutinho recebeu, em 1960, o filósofo francês Jean-Paul Sartre e sua mulher, Simone de Beauvoir, para uma palestra, mediada e traduzida pelo então superintendente da Sudene, Celso Furtado, igualmente homenageado como notável cientista pernambucano.

Em 1970, foi publicado o seu excelente ensaio crítico O Espaço da Arquitetura, de profundidade poucas vezes encontrada na literatura de arquitetura



do Brasil.

Autor de nove livros sobre filosofia, estética da arte, arquitetura e cinema, tendo cunhado uma expressão de sua autoria, “Deus é arquiteto”, que demonstra a relevância da concepção da arquitetura em seu trabalho. O pensamento de Coutinho sempre esteve ligado ao cinema (diegese) e à arquitetura.

Coutinho foi ainda indicado à Academia Pernambucana de Letras, tendo ocupado a cadeira de número 23, que pertenceu a Gilberto Freyre, a partir de 1986. Faleceu em 12 de maio de 2007.

Celso Monteiro Furtado

(1920–2004)

Economista

Homenageado em 2011



Celso Furtado nasceu em 26 de julho de 1920, na cidade de Pombal na Paraíba, alto sertão do estado, mudando-se aos sete anos para Recife, onde permaneceu até 1939, ano em que se muda para o Rio de Janeiro. Durante os doze anos vividos em Recife, concluiu toda a sua formação básica no Ginásio Pernambucano, caracterizando assim a contribuição de Pernambuco para a sua formação de futuro intelectual. No Rio de Janeiro, ingressou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo concluído o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1944, mesmo ano em que foi convocado para integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), servindo na Itália.

Em 1946, ingressou no curso de doutoramento em economia da Universidade de Paris-Sorbonne, concluído em 1948 com uma tese sobre a economia brasileira no período colonial. Em 1949, mudou-se para Santiago do Chile, onde integrou a recém-criada Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), órgão das Nações Unidas.

Retornando ao Brasil, na década de 1950, Furtado presidiu o Grupo Misto CEPAL-BNDES, que elaborou um estudo sobre a economia brasileira que serviria de base para o Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek. Em 1953, assumiu uma diretoria do BNDE. Mais tarde, é convidado pelo professor Nicholas Kaldor ao King's College da Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde escreveu "Formação Econômica do Brasil".

Voltando ao Brasil, criou, a pedido do presidente Juscelino Kubitschek, em 1959, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) sediada em Recife, permanecendo na direção de 1959 a 1964. É durante esta segunda permanência no Recife que Celso Furtado firma a pernambucanidade na sua produção intelectual.

“Formação Econômica do Brasil”, a mais consagrada obra de Celso Furtado, foi publicada em 1959, no mesmo período em que o autor ocupava o cargo de diretor do BNDE do governo de Juscelino Kubitschek. Furtado já havia sido diretor da Divisão de Desenvolvimento da CEPAL por oito anos (de 1949 a 1957), fator que orientou a metodologia e os objetivos da obra.

Em 1962, no governo João Goulart, foi nomeado o primeiro Ministro do Planejamento do Brasil, elaborando o Plano Trienal. Em 1963, retornou à superintendência da SUDENE, criando e implantando a política de incentivos fiscais para investimentos na região.

Com a edição do Ato Institucional nº 1 (AI-1), Celso Furtado foi incluído na primeira lista de cassados, perdendo seus direitos políticos por dez anos.

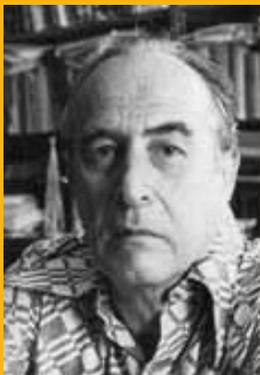
Em abril de 1964, foi para Santiago do Chile, a convite do Instituto Latino-Americano para Estudos de Desenvolvimento (Ildes), ligado à Cepal. Em setembro do mesmo ano mudou-se para New Haven, nos Estados Unidos, assumindo o cargo de pesquisador graduado do Instituto de Estudos do Desenvolvimento da Universidade de Yale. No ano seguinte, mudou-se para Paris, onde foi professor efetivo, por vinte anos, de Economia do Desenvolvimento e Economia latino-americana na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Sorbonne, dedicando-se também a atividades de ensino e pesquisa nas universidades de Yale, American University e Columbia, nos EUA, e de Cambridge, na Inglaterra. Na década de 1970, viajou a diferentes países, seja em



missão das Nações Unidas, seja como conferencista ou professor-visitante, e dedicou-se intensamente à redação e publicação de livros.

Foi beneficiado pela anistia decretada em agosto de 1979, retornando à militância política no Brasil, que passou a visitar com freqüência. Conciliou esta atividade com suas tarefas acadêmicas como diretor de pesquisas da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris.

Em 1981, filia-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Em 1985, foi convidado a participar da Comissão do Plano de Ação do governo Tancredo Neves, e logo em seguida é nomeado Embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Européia, mudando-se para Bruxelas. De 1986 a 1988 foi ministro da Cultura do governo José Sarney, quando criou a primeira legislação de incentivos fiscais à cultura. Nos anos seguintes, retomou a vida acadêmica e participou de diferentes comissões internacionais. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1997. Faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 2004.



Luiz Pinto Ferreira

(1918-2009)

Advogado

Homenageado em 2012

Advogado e Jurista: Luiz Pinto Ferreira, filho de Alfredo Pinto Ferreira e Maria Regina Pinto Ferreira, nasceu no dia 7 de outubro de 1918 na cidade do Recife, Pernambuco.

Cursou o primeiro grau no Colégio Nóbrega, em Recife, e o segundo grau em três instituições distintas: Liceu Pernambucano, em Recife; Colégio Aldridge, no Rio de Janeiro; e Colégio Marista, em Recife.

Graduou-se no ano de 1938 em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Seis anos depois, defendeu tese de livre-docência em Teoria Geral do Estado e, em 1950, tese de doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais, ambas na Faculdade de Direito do Recife.

Pinto Ferreira foi professor de Direito Constitucional e Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade Católica de Pernambuco, da Faculdade de Direito de Caruaru e reitor da Universidade do Agreste, em Caruaru.

Lecionou na Faculdade do Recife por mais de 43 anos. Em 2 de junho de 1999 recebeu o título de Professor Emérito da Faculdade de Direito do Recife, pela ampla contribuição para a consolidação do Direito na UFPE, e de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, Portugal. É autor de um projeto para a Constituição de Pernambuco, por indicação da Assembleia Legislativa do Estado, além de ter sido membro da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais. Ainda foi diretor da Faculdade de Direito do Recife e fundador do

curso de Doutorado em Direito da UFPE e da Sociedade Pernambucana de Cultura e Ensino (Sopece).

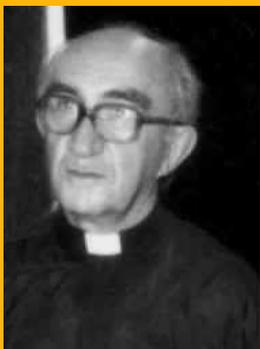
Publicou inúmeros livros, artigos em periódicos no Brasil e no exterior. Teve trabalhos traduzidos em francês, inglês, espanhol, italiano e russo, inclusive algumas obras clássicas na área de Direito adotadas por universidades latino-americanas. Dentre as principais obras estão: “Princípios Gerais do Direito Constitucional Moderno”, “Teoria Geral do Estado”, “Da Soberania” e “Curso de Direito Constitucional”, muitas delas ainda citadas como referência e utilizadas em cursos regulares de direito.

Além da relevância profissional no campo das ciências jurídicas, Pinto Ferreira foi Senador de Pernambuco entre os anos de 1962 e 1963 e, durante o regime militar, foi um dos fundadores do então Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (que deu origem ao atual PMDB), tendo sido seu presidente durante a década de 70.

Foi eleito em 1975 para a Academia Pernambucana de Letras. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras Jurídicas; da Academia Pernambucana de Ciências; da Academia Nacional de Direito, do Rio de Janeiro; da Academia Brasileira de Letras Jurídicas; da Academia Internacional de Jurisprudência e Direito Comparado. Pertenceu a associações estrangeiras, tais como: Sociedade de Semântica Geral de Chicago - E.U.A; Academia Americana de Ciência Política e Social da Filadélfia - E.U.A; Associação de Filosofia e Ciência de Detroit - E.U.A; Instituto Peruano de Sociologia - Peru e Instituto Iberoamericano de Direito Constitucional - México.

Luiz Pinto Ferreira faleceu no dia 7 de abril de 2009, em Recife, aos 90 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos.





Pe. José Nogueira Machado

(1914–1996)

Filósofo

Homenageado em 2013

Pe. Machado nasceu em 04 de agosto de 1914, em Cariri-açu, no sítio Farias, entre Juazeiro e Crato no Ceará. Filho de José Pereira Melo e Ana Machado. Seus pais eram prósperos agricultores que com frequência eram vítimas do bando de Lampião. Neste sítio passou a infância com mais cinco irmãos. Sua mãe cuidou dele até ele completar quinze anos, quando, então o entregou aos Jesuítas para sua educação. Neste processo ordenou-se jesuíta no Rio Grande do Sul em 1946!

Pe. Machado estudou filosofia em Braga, Portugal, matemática e física na Sorbonne, França, e se destacou resolvendo problemas matemáticos considerados insolúveis. Na França estudou com o famoso físico Louis de Broglie, um dos criadores da mecânica quântica. Ainda em Portugal, a Academia dos Sábios de Lisboa, lançou na revista Brotéria, um desafio científico considerado insolúvel sobre equações diferenciais. O Pe. Machado o resolveu mandando sua resposta à revista. Ela considerou correta sua solução e retirou o tal desafio.

Também estudou teologia no Rio Grande do Sul e esteve em missões acadêmicas em vários estados do Nordeste do Brasil. Em 1953 transferiu-se para o Recife. Mais tarde, em 1979, foi nomeado Provincial dos Jesuítas da Região Nordeste Setentrional.

Conhecia doze idiomas: latim, hebraico, grego, francês, alemão, inglês, italiano, árabe, russo, tupi e esperanto. Em sua estadia em Paris dirigiu um congresso desta última língua.

Em 1964, com o golpe militar no Brasil, foi expulso do Recife por ser considerado subversivo, já que colaborava com a obra de Dom Hélder Câmara. Foi exilado no Ceará por vários anos.

O interesse científico de Pe. Machado entendia-se à exegese bíblica, à etimologia, à história da Igreja, à história universal e à filosofia, além certamente, da física, da astronomia e da matemática. Dedicou-se com afinco à Universidade Católica de Pernambuco. Paralelamente, foi também, por muitos anos, professor na Universidade Regional de Campina Grande. Esteve também, por alguns anos, no Piauí, organizando e reforçando, a pedido da SUDENE, a Universidade Federal local, orientando seus melhores alunos para os cursos de pós-graduação em grandes universidades.

Pe. Machado atuou como professor da Escola Politécnica de Pernambuco. Sua notável atuação lhe rendeu reconhecimento e assim em 1987 recebeu o título de Professor Honoris Causa daquela instituição.

Colaborou com a UFPE quando nela se iniciou a pós-graduação em Física. Com o professor Hélio Teixeira Coelho tinha um excelente relacionamento de amizade. Colaborou no ensino do Eletromagnetismo na graduação do Departamento de Física, além de se envolver com pesquisas e discussões na área da física e da filosofia científica.

Pe. Machado era acima de tudo um homem culto, humilde, afável e piedoso. Quem teve a sorte de conhecê-lo pessoalmente, certamente iria concordar com esta afirmação.

Sua contribuição científica é relativamente pequena, mas de excelente nível. Na sua fase inicial constam dois artigos, Uma integração no paralelismo das curvas torsas, e Relatividade restrita neo-positivista, ambos publicados em 1940 pela revista portuguesa Brotéria. Na física em particular, discutiu com o Professor Hélio Coelho alguns aspectos



do princípio da indeterminação de Heisenberg e posteriormente, publicou um artigo no Symposium Revista da UNICAP em 1980, sob o título Determinismo e Indeterminismo na ciência. Outros artigos, principalmente sobre equações diferenciais, foram também publicados durante sua vida.

Em 1989 ele enviou um artigo bem escrito para a revista Veja, que o publicou (Veja, 15/03/1989, página 1) sobre os erros de tradução do livro Uma Breve História do Tempo, do físico e escritor inglês Stephen Hawking.

Nos últimos anos de sua vida dedicou-se, juntamente com o Professor Pe. Paulo Meneses, a traduzir do alemão para o português a Fenomenologia do Espírito, e a Filosofia da Natureza, de Hegel. Foi um trabalho árduo e difícil, pois como dizia o Pe. Meneses, “a maior dificuldade foi o entedimento exato do pensamento de Hegel, e em seguida foi vertê-lo para um português acessível e bonito”. No primeiro trabalho colaborou com a tradução do volume II; no segundo, dedicou-se aos três volumes, sendo responsável pelo segundo, Filosofia da Natureza.

Residiu durante algum tempo na casa dos jesuítas, em Beberibe, Olinda, e lá se dedicou a cultivar frutas. Era considerado um homem feliz e humilde no espírito de um ser dedicado ao Cristianismo.

Faleceu em Recife no dia 31 de outubro de 1996, atropelado estupidamente por um ônibus nas imediações do Colégio Nóbrega.

Pe. Paulo Gaspar de Meneses

(1924 - 2012)

Filósofo

Homenageado em 2014



Paulo Gaspar de Meneses nasceu na cidade de Maranguape, do sertão do Estado do Ceará, em 11 de janeiro de 1924. Nascido no seio de uma família de intensa espiritualidade, ao completar 10 anos, sua mãe ouviu de um eminente sacerdote local que o seu filho viria a ser “um santo Padre Jesuíta”. Desde então, o sacerdócio tornou-se o sonho e o ideal de sua vida. Assim, na década de 1940 aos 16 anos fez o curso de noviciado. Aos 29 anos, em 1953, ordenou-se sacerdote Jesuíta.

Sua formação universitária deu-se no período de 1940 a 1955 ao realizar no Recife, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul os cursos de Humanidades, Letras Clássicas, Bacharelado e Licenciatura em Filosofia e Teologia. Em 1959 obteve o título em Doutor em Filosofia, na então Universidade do Recife e na década de 60, o Diploma de L’Institute d’Etudes Politiques, em Paris, e ainda em Beirute, no Líbano, obteve equivalência da licença em Direito pela Universidade Saint Joseph. Tanto sua formação básica, como sacerdote e pesquisador, bem como toda sua obra, denota e caracteriza vivamente as raízes da sua pernambucanidade.

No período de 1956 a 1960 lecionou no curso de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) as disciplinas de História de Filosofia, Metafísica e Ética; nos anos de 1962 a 1964, após seu retorno de Paris, passou a lecionar no curso de Direito da Unicap as disciplinas de Teoria Geral do Estado, Direito Constitucional e Ciências Políticas. No ano de 1965, transferiu-se para Portugal onde lecionou na Universidade de Évora, no Instituto de Estudos Superiores, junto a Cátedra de Economia, coordenando ainda a seção de ‘Política Internacional’. No ano seguinte, transfere-se para o Chile, onde passa a

lecionar no ILADES as disciplinas de Economia, Ciência Política e Relações Internacionais, permanecendo o Chile até 1970, após ter passado o ano de 1968 como professor visitante no Centro Intercultural de Cuernavaca, no México. Em 1970, retorna ao Brasil passando a lecionar no IBRADES, no Rio de Janeiro, a disciplina de Ciência Política, onde permanece até o ano de 1976, sendo seu Vice-Diretor de 1970 a 1976, sendo ainda no Rio de Janeiro, Diretor do Centro João XXIII. A partir do ano de 1978 retorna a Unicap, passando a lecionar no curso de filosofia, onde permanece até a sua aposentadoria.

Paulo Meneses representa um marco de pioneirismo ao criar em Pernambuco uma verdadeira Escola de Filosofia, contribuindo decisivamente e de modo genuíno para formar uma nova geração de filósofos, tarefa própria de um pesquisador-professor. A peculiaridade de sua obra se dava na síntese da tradição cristã, que une o humanismo, a cultura, e a ciência. Quando em Pernambuco a filosofia era vista como uma mera disciplina de ensino, Paulo Meneses desenvolvia suas atividades de pesquisa, lançando, assim, as bases para o surgimento de um pensamento próprio entre nós brasileiros no campo da filosofia. Além disso, foi o protagonista no Nordeste ao incentivar a efetivação da pesquisa da filosofia no meio acadêmico, contribuindo com traduções de mais de 40 obras, dentre estas, cerca de 30 sobre o pensamento de Hegel e Santo Tomás de Aquino. O legado científico deixado pelo jesuíta Paulo Gaspar de Meneses soma cerca de uma dezena de livros, mais de quarenta traduções dos idiomas alemão, francês, italiano, latim e espanhol, assim como a publicação de diversos artigos, folhetos e três livros de Homílias.

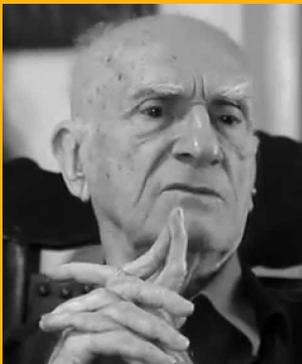
Entre suas publicações devemos registrar os textos *Kultur, Werte und Entwicklung: die Anthropologie und ihr Beitrag zum Entwicklungsprozess in Brasilien*, publicado na Alemanha no ano de 1976 na obra *Politik und Entwicklung in Lateinamerika*, pp. 29-47; *L'Amérique latine n'est pas en voie de*



développement in Etvdes, abril de 1970, pp.512-521, publicado na França; e, Nacionalismo y desarrollo político, publicado no Chile, in Revista Mensaje, setembro de 1967 pp.1-8.

Além de sua intensa atividade como jesuíta e pesquisador-professor, Paulo Meneses ocupou vários cargos de gestão acadêmica, entre os quais: Diretor do curso de Mestrado no ILADES, Chile; Diretor do Centro de Pesquisa João XXIII (IBRADES), Rio de Janeiro; Na Unicap foi Diretor da Biblioteca, Chefe do Departamento de Sociologia, Decano do CTCH, Pró-Reitor de Pesquisa, Presidente da Comissão Editorial, Coordenador do Núcleo de Estudos para a América Latina (NEAL); Assessor Especial do Reitor da Unicap e Diretor do Instituto de Filosofia Social.

Paulo Meneses faleceu em 10 de dezembro de 2012, aos 88 anos, na cidade de Fortaleza, Ceará.



Ariano Vilar Suassuna

(1927 - 2014)

Cientista Social

Homenageado em 2016

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, na cidade paraibana chamada Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Filho de João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna com Rita de Cássia Dantas Villar, Ariano passou os primeiros anos de sua infância na fazenda Acauham em Taperoá, região do semiárido paraibano, e no Rio de Janeiro, então capital federativa do Brasil, onde seu pai exercia mandato de deputado federal, após ter sido governador da Paraíba no período de 1924 a 1928. Ariano encontrava-se com pouco mais de três anos de idade quando ficou órfão de pai, passando a ser instruído pela mãe nos rígidos princípios educacionais e religiosos da época. Seu pai, João Suassuna, fora assassinado no Rio de Janeiro, em consequência de luta política às vésperas da Revolução de 1930. No mesmo ano da morte do pai, sua mãe muda-se com os nove filhos para Taperoá, onde permaneceu até 1937. É lá em Taperoá que Ariano fez os estudos primários e teve os primeiros contatos com a cultura regional assistindo apresentações de mamulengos e de desafios de viola, familiarizando-se com os termos e as formas de expressão da cultura popular que mais tarde iriam nortear suas pesquisas e nutrir a originalidade de sua obra.

Em 1938, a família muda-se para a cidade do Recife,

Pernambuco, onde Ariano ingressa no Colégio Americano Batista e, em seguida estuda no Ginásio Pernambucano, ambos importantes colégios do Recife, verdadeiros celeiros da formação dos mais expressivos jovens talentos da intelectualidade pernambucana durante várias gerações. Ao concluir seus estudos pré-universitários, ingressa, em 1946, na tradicional Faculdade de Direito

do Recife, igualmente berço da formação de notáveis cientistas pernambucanos homenageados no Memorial: Paulo Freire (2007), Manoel Correia de Andrade (2008), Evaldo Bezerra Coutinho (2010), e Pinto Ferreira (2012). Tanto sua formação básica como toda sua obra, denotam e caracterizam vivamente as raízes da pernambucanidade de Ariano.

Em 1950, Ariano conclui o curso de Direito e passa a dedicar-se à advocacia e ao mesmo tempo inicia sua carreira como escritor, ensaísta, dramaturgo, romancista e poeta. É nesta fase que escreve, em 1955, sua obra-prima, “O Auto da Compadecida”, peça de teatro montada e encenada pela primeira vez em 1957, que, avaliada pelos críticos como sendo “o texto mais popular do moderno teatro brasileiro”, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. A peça não só projetou Ariano no país como também foi traduzida e apresentada em nove idiomas, além de adaptada com enorme sucesso para o cinema. Ainda em 1957, no dia 19 de janeiro, o advogado-escritor-dramaturgo casou-se com Zélia de Andrade Lima, com quem teve seis filhos.

Ariano sempre esteve interessado na pesquisa ligada ao desenvolvimento e ao conhecimento das formas de expressões de origem popular, buscando uma nova linguagem estética de interpretação dessa cultura, sem ferir suas raízes tradicionais. Possivelmente impulsionado por estas motivações, Ariano abandona de vez a advocacia em 1959 e se afasta por um tempo da dramaturgia, para se dedicar à carreira acadêmica, ingressando como professor pesquisador na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ministrando as disciplinas de Estética e Teoria da Arte, Literatura Brasileira e História da Cultura Brasileira. Atividades que exerceu até aposenta-se em 1994, após 35 anos de dedicação ao ensino e a pesquisa. Nos anos 1970, inicia suas pesquisas em temas das ciências humanas e sociais, buscando conhecer a cultura popular para formar uma nova arte erudita partindo dos elementos dessa própria cultura, o que resultou no genuíno Movimento



Armorial lançado em outubro de 1970 com uma exposição de gravura, pintura e escultura, e o concerto “Três Séculos de Música Nordestina – do Barroco ao Armorial”, apresentado pela Orquestra Armorial do Recife, na Igreja de São Pedro dos Clérigos. O movimento, que reuniu artistas e músicos de várias origens e vertentes, surgiu no ambiente universitário, mas logo ampliou-se e passou a ter apoio da Prefeitura de Recife e da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Dando continuidade a sua carreira como professor/pesquisador, Suassuna doutorou-se em 1976, em História pela UFPE, defendendo a Tese de Livre Docência, intitulada “A Onça Castanha e a Ilha Brasil”. Sua forte ligação com a cultura o direcionou a ocupar vários cargos públicos e de gestão: Membro fundador do Conselho Federal de Cultura, no período de 1967 a 1973; Membro do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, no período de 1968 a 1972; Diretor do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, cargo exercido de 1969 até 1974; Secretário de Educação e Cultura do Recife, de 1975 a 1978; e no período mais recente foi o Secretário de Cultura no governo de Eduardo Campos.

O legado literário escrito deixado por Ariano é extenso e diversificado, constituindo-se de cerca de vinte e sete obras, composta de romances, peças de teatro e livros de poesia. No conjunto de sua obra destaca-se sua trilogia iniciada em 1971 com o “Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta” (tendo por subtítulo: “Romance Armorial – Popular Brasileiro”), continuada em 1976, com a “História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: ao Sol da Onça Caetana”. Ariano integrou como membro eleito as Academias de Letras: Brasileira (eleito em 1989), Pernambucana (eleito em 1993) e Paraibana (eleito em 2000). Já com a idade avançada, Ariano consagrou-se realizando em várias partes do país “aulas-espetáculos”, que com seu estilo próprio e seus “causos” imaginativos, deixava o público encantado

Ariano Suassuna faleceu no Recife, aos 87 anos, no dia 23 de julho de 2014, decorrente das complicações de um Acidente Vascular Coronariano (AVC) hemorrágico.

Nelson Saldanha

(1933 - 2015)

Jusfilósofo

Homenageado em 2017



Nelson Nogueira Saldanha nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 05 de fevereiro de 1933, filho de Teobaldo Martins Saldanha Jr. e Irene Nogueira Saldanha, sendo o caçula dos três filhos homens do casal. Realizou toda sua formação básica no Recife, e em dezembro de 1955, concluiu o Bacharelado em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Sua vocação para estudos avançados no campo da Filosofia surge ainda como acadêmico do Curso de Direito, participando, em 1953, em Curitiba-PR, do “II Congresso Brasileiro de Filosofia”. Durante os anos de 1956 e 1957, concluiu a Licenciatura e o Bacharelado em Filosofia, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), dando-lhe os fundamentos que certamente norteou o intelectual que foi vocacionado pela busca de compreender a essência da humanidade.

Nelson Saldanha, em 1958, apresentou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sua tese intitulada “As Formas de Governo e o Ponto de Vista Histórico”, obtendo o título de Doutor em Direito, e em 1960, realizou o concurso de “Livre-Docência” na UFPE, apresentando a tese: “O Poder Constituinte: Tentativa de Estudo Sociológico e Jurídico”. Saldanha ingressou como professor da Faculdade de Direito da UFPE, em 1955, onde lecionou por muitos anos a disciplina “História do Direito” do curso de graduação; lecionou no Departamento de Filosofia e nos cursos de mestrado e doutorado em História, Filosofia, Sociologia e Direito da UFPE.

Ao se aposentar da UFPE, em 1992, após 37 anos de dedicação à instituição, Nelson Saldanha, foi agraciado com o título máximo da instituição, o de “Professor Emérito”, por sua qualidade acadêmica e dedicação ao ensino e o

alto padrão profissional com que desempenhou suas funções de professor e pesquisador da UFPE. Além da UFPE, o Professor Nelson Saldanha desenvolveu permanente atividades de ensino e pesquisas na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e na Faculdade Damas da Instrução Cristã (FACIC), dentre outras. Participou ativamente como membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, da Associação Internacional de Filosofia Jurídica e Social, e da Academia Brasileira de Filosofia.

O Professor Nelson Saldanha não se entrincheirou apenas em uma das suas áreas do pensamento, mas sim, sempre buscou nos diversos campos do humano, suas interconexões e suas realidades complementares, destacando-se vivamente como Jurista, Filósofo, Sociólogo, Cientista Político, Historiador, Escritor e Poeta. O legado das suas contribuições na formação de vários novos mestres e doutores e na produção intelectual, são notáveis. Saldanha publicou 48 trabalhos dentre artigos em periódicos nacionais e internacionais, capítulos de livros e anais de congressos. Publicou 24 livros, muitos destes tornaram-se

clássicos da literatura jurídica nacional. Entre estes podem ser

citados: “Legalismo e Ciência do Direito”, Ed. Atlas, São Paulo (1977); “Humanismo e História”, Ed. Fundarpe/José Olimpo, Rio de Janeiro (1983); “Formação da Teoria Constitucional”, Ed. Forense, Rio de Janeiro (1983); “Historicismo e Culturalismo”, Ed. Fundarpe/Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro (1986); “Teoria do Direito e Crítica Histórica”, Ed. Freitas Bastos, Rio de Janeiro (1987); “O Declínio da Nações e Outros Ensaio”, Ed. Massangana, Recife (1990); “O Jardim e a Praça”, Ed. USP, São Paulo (1993). Seu último livro foi publicado em 2010, pela Ed. São Paulo: A Girafa (2010), com o título “Pela Preservação do Humano” e suas notáveis e especiais manifestações como Poeta, foram publicadas nos livros: “Poesia” (1977); “Livro de Sonetos” (1982); e, “A Relva e o Calendário - Poesia”, (1990),



Durante sua carreira docente e como pesquisador, Saldanha participou de diversos eventos acadêmicos,

simpósios, congressos, conferências e exposições, tanto no país como algumas no exterior; integrou vários colegiados e participou como membro de diversas bancas examinadoras de trabalhos de conclusão de cursos de mestrado e doutorado. Exerceu, em 1967, o cargo de Chefe da Casa Civil no governo do então Governador de Pernambuco, Nilo Coelho. Apesar de ter concentrado majoritariamente sua carreira em Pernambuco, Nelson Saldanha era um cidadão do mundo: reconhecido e reverenciado nos grandes centros europeus e latino-americanos.

Nelson proferiu inúmeras conferências em várias instituições e entidades do mundo jurídico; era membro da “Academia Brasileira de Letras Jurídica”, com sede no Rio de Janeiro, e ocupava a cadeira número 12 da “Academia Pernambucana de Letras (APL)”. Em março de 2013 – ano em que Nelson Saldanha completou 80 anos –, a APL lhe rendeu uma efusiva homenagem, publicando pela Editora Bagaço, em 2014, uma edição especial da “Coleção Debate: Vol. IV”, com 420 páginas, na qual transcreveu 21 textos originais e inéditos do homenageado. A seção da APL na qual a justa homenagem lhe foi outorgada, foi conduzida pela Presidente da APL, a acadêmica, Fátima Quintas e a saudação ao homenageado feita pela renomada professora e acadêmica, Margarida Cantarelli.

A exuberância da multidisciplinaridade do intelectual “historiador de ideias”, fez de Nelson Saldanha um dos grandes juristas do nosso tempo. Destacou-se, não apenas no Direito Constitucional e na História das Ideias Jurídicas, mas notadamente no campo da Filosofia do Direito e da Sociologia do Direito, deixando um precioso legado para as futuras gerações de juristas e filósofos brasileiros. Estas características do perfil intelectual do cientista Nelson Saldanha, permitem classificá-lo, no uso da terminologia da linguagem moderna, como Jusfilósofo: humanista em que suas pesquisas são de âmbito filosófico, sendo seu objeto o Direito.

Nelson Saldanha faleceu em 10 de julho de 2015, aos 82 anos, em sua casa, no Recife, por falência múltipla dos órgãos. O Brasil, e em particular, Pernambuco, perdeu um dos seus mais expressivos intelectuais.



Zeferino Rocha

(1928 - 2016)

Psicanalista

Homenageado em 2017

Zeferino de Jesus Barbosa Rocha nasceu no dia 26 de agosto de 1928, na cidade de Escada, Pernambuco. Originário de família de tradição católica, Zeferino, incentivado por sua mãe, tornou-se seminarista muito jovem, seguindo assim, desde a adolescência, sua vocação para ser Padre, vindo a concluir sua formação eclesial em Roma, na Itália. Sua notável inclinação para o campo das ciências humanas revelou-se, desde cedo, pelo seu pioneirismo e talento de ter concluído, com apenas 19 anos de idade - mesmo em condições adversas do período pós-segunda guerra mundial -, o Bacharelado em Filosofia, em 1947, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, distinguido de forma brilhante com Medalha de Ouro (*summa cum laude probatus*), láurea máxima concedida ao aluno que se destacava em primeiro lugar no curso. No ano seguinte, concluiu o Mestrado em Filosofia, na mesma Universidade, com láurea de Medalha de Prata (*magna cum laude probatus*). Somente após consolidar sua formação no campo da Filosofia, Zeferino Rocha concluiu seus estudos de Teologia, na mesma Instituição, finalizando o Mestrado em 1952 e, no mesmo ano, foi ordenado Padre pela Igreja Católica Apostólica Romana, na Basílica de São João de Latrão, em Roma.

Retornando a Pernambuco, o jovem padre vincula-se à Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE), aos 26 anos de idade, lecionando a disciplina História da Filosofia, e passa a atuar como professor de Filosofia e de Teologia no Seminário Maior de Olinda e no Seminário Regional do Nordeste. Exercendo a sua missão de sacerdote na Arquidiocese de Recife e Olinda, desenvolveu atividades como assistente de movimentos de Ação Católica, no setor da JEC - Juventude Estudantil Católica, e tornou-se, aos 31 anos, o padre Reitor do

Seminário Menor da Imaculada Conceição da Várzea, no Recife. Sua atuação como Reitor e professor do Seminário destacou-se pela introdução de novas disciplinas na formação dos seminaristas, criando ações e grupos de estudos voltados para temas da fronteira da filosofia e da teologia, incentivando o culto à leitura dos poetas brasileiros e o lazer para a socialização dos seminaristas.

Zeferino Rocha atuou como perito ad hoc de Dom Helder Câmara no Concílio Vaticano II, em Roma, em 1965, e foi por Dom Helder incentivado a dar continuidade à sua formação pós-graduada, no campo da Psicologia, indo para a França, onde tomou a decisão de renunciar ao presbiterato. No período de 1968 a 1973, durante a sua formação psicanalítica na Associação Psicanalítica da França, realizou o Doutorado em Psicologia pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade Paris X - Nanterre, apresentando a tese intitulada: *L'interprétation freudienne du phénomène religieux*. Ainda nesse período de sua formação, Zeferino Rocha lecionou o curso de Introdução à Psicanálise na conceituada Universidade Paris V - René Descartes, nos anos de 1970 a 1973. Retornando ao Brasil, passou a exercer o cargo de docente e pesquisador do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no qual realizou substancial parte da sua carreira científica, iniciada em 1974 e concluída como Professor Titular, em 1995, quando se aposentou.

Após sua aposentadoria na UFPE, o Professor Zeferino ingressou, em 1999, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), atuando como docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) de Psicologia Clínica, responsável pela linha de pesquisa Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, desenvolvendo suas atividades acadêmicas até 2014.

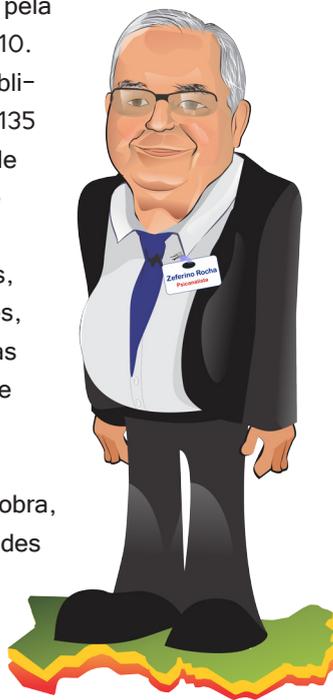
O Professor Zeferino Rocha atuou como revisor e membro do Conselho Editorial e Científico de diversos jornais científicos e revistas, tais como: *Ágora Filosófica* (UNICAP, Recife); *Symposium* (Recife); *Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica* da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); *Pulsional - Revista de Psicanálise* (São Paulo); *Revista Psychê* (São Paulo); foi autor de artigos científicos publicados na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* (São Paulo) e na *Síntese - Revista de Filosofia* (São Paulo), dentre outras. Fundou e foi homenageado com o título de Membro

Honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP) e integrou, como representante da UNICAP, a Comissão de Mérito do Memorial Notáveis Cientistas de Pernambuco, criado pela ALEPE por meio da Lei estadual nº 13.176, de 28/12/2006, Comissão esta que, por decisão unânime de seus membros, outorga-lhe a presente homenagem, distinguindo-o como um dos três Notáveis Cientistas de Pernambuco de 2017.

Sua produção científica reúne importantes contribuições originais e genuínas no campo da Psicologia, sob a perspectiva do diálogo entre a Psicanálise e a Filosofia. Escreveu numerosos ensaios que passam por conceitos de Heráclito, Platão, Aristóteles, Nietzsche, Freud, Heidegger, Lacan, Merleau-Ponty, Ricoeur, dentre outros.

Zeferino escreveu 10 Livros, sendo os três últimos: Ensaios Psicanalíticos em Interface com a Filosofia, publicado pela Cepe - Companhia Editora de Pernambuco, em 2016; O Desejo na Grécia Antiga, pela Editora Universitária da UFPE, em 2011, e Freud entre Apolo e Dionísio: recortes filosóficos, ressonâncias psicanalíticas, publicado pela Edições Loyola, UNICAP, São Paulo, em 2010. Sua produção científica conta ainda com a publicação de 70 artigos completos em periódicos; 135 trabalhos publicados sob a forma de capítulos de livros, resumos em anais de congressos, além de várias conferências proferidas. Zeferino contribuiu de forma expressiva na formação de estudantes, tendo orientado trinta e um Mestres e três Doutores, além de ter participado como membro de inúmeras bancas examinadoras de mestrado, doutorado e concursos públicos.

Zeferino Rocha, pelo conjunto de sua obra, revelou-se um pensador moderno de grandes questões da existência humana, como a angústia, a dor, a ilusão, o desamparo, a depressão, o amor, o cuidado, dentre outras manifesta-



ções inerentes ao ser humano, sempre, e de forma generosa, compartilhando seu monumental saber, como psicólogo, teólogo, filósofo e psicanalista, com seus alunos e orientandos ou com aqueles que o procuravam desejando aproximar-se de sua presença sensível.

Zeferino era acima de tudo um homem profundamente culto, simples, solidário e generoso. Quem teve o privilégio de conhecê-lo em vida, certamente, concordará com esta afirmação.

O Professor Zeferino Rocha faleceu aos 87 anos, no dia 31 de julho de 2016, na cidade de São Paulo. Do seu primeiro casamento deixou três filhas, Katia, Ivana e Vera, e três netos, Pedro, Maria e Francisco. Realizou o segundo matrimônio com Ana Rosa Lehmann Carpzov Rocha, sua esposa e amiga de todas as horas, ao longo de trinta anos. Zeferino deixa para as gerações vindouras de pensadores e cientistas brasileiros, o precioso legado de exemplo de vida galgado na solidariedade e na dedicação à ciência, como formas de atingir a plenitude da existência humana.



Luiz Antônio Marcuschi

(1946 – 2016)

Linguista

Homenageado em 2018

Luiz Antônio Marcuschi nasceu em 15 de maio de 1946, na cidade gaúcha de Guaporé. Filho de Rosalina Vianna Marcuschi e de Ercides Marcuschi, realizou sua formação básica em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Em 1968, concluiu a licenciatura em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Em 1971, foi para a Alemanha, onde estudou Filosofia, Linguística e Sociologia na Universidade de Erlangen-Nürnberg. Essa formação abrangente permitiu que ele viesse a estabelecer, em seus trabalhos, elos entre várias áreas do saber. Em 1975, publicou, na área de Sociolinguística, a obra “Linguagem e Classes Sociais”, Editora Movimento, Porto Alegre. Simultaneamente, de 1973 a 1975, atuou, também na Universidade de Erlangen-Nürnberg, como “Leitor de Português”, lecionando língua portuguesa e literatura brasileira. Concluiu seu doutorado com apenas 29 anos (um feito à época) sobre Filosofia da Linguagem, em março de 1976, na mencionada universidade alemã, com tese sobre Ludwig Wittgenstein, publicada pela editora Palm & Emke, Erlangen, 1976.

No mesmo ano, retornou ao Brasil, pois fora convidado a trabalhar no Recife, onde fixou raízes em definitivo, a ponto de se considerar um “pernambucano de coração e por adoção”. Iniciou sua atuação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em julho de 1976, como Professor Visitante. Em 1981, prestou concurso público para Professor Adjunto, e, em 1992, para Professor Titular em Linguística, ambos na UFPE.

Desde sua chegada à UFPE, Marcuschi desenvolveu programas de pesquisa que serviram de subsídios para dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Em 1978, congregou um grupo de pesquisadores, entre colegas e alunos, para desenvolver o projeto “A Fala da Empregada Doméstica no Recife”. O resultado do estudo teve grande repercussão, não apenas na comunidade acadêmica local, mas também entre os pesquisadores do país preocupados com o papel social da linguagem.

Após seu primeiro pós-doutoramento, realizado em Düsseldorf, Alemanha, Marcuschi publicou, em 1983, “Linguística de texto: o que é e como se faz”, Editora da UFPE, livro pioneiro no Brasil sobre os estudos textuais, cuja primeira edição logo se esgotou.

Da Linguística de Texto, passou pela Análise da Conversação e chegou às questões relativas à fala e à escrita, culminando com a criação do Núcleo de Estudos Linguísticos sobre Fala e Escrita - NELFE (anos 1980), de onde saíram muitos dos trabalhos que ainda hoje circulam por instituições acadêmicas, escolas de ensino fundamental e médio do país, e oferecem uma perspectiva teórico-prática inovadora no estudo e no ensino de língua portuguesa. Em 1987, realizou seu segundo pós-doutorado, em Freiburg, Alemanha, justamente sobre questões de língua falada e escrita. Em decorrência, publicou o livro “Da fala para a

escrita: atividades de retextualização”, em 2001, pela editora Cortez. Nos anos dois mil, dedicou-se principalmente aos estudos dos gêneros textuais, produzindo artigos e proferindo palestras que se tornaram seminais na investigação sobre o tema. Algumas de suas reflexões a respeito foram exploradas na obra “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”, publicada em 2008, pela Parábola Editorial.



Marcuschi colocou a UFPE em lugar de destaque no cenário nacional, não apenas do ponto de vista dos estudos da linguagem, mas também no contexto de ações político-acadêmicas. Contribuiu para a fundação e veio a ser presidente ou a integrar a diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), nos anos 1980. Participou ativamente da criação da Fundação de

Apoio à Pesquisa de Pernambuco (FACEPE) e foi membro das Câmaras da Fundação no início dos anos 1990. Em 1995, fez parte do grupo que deu origem à Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso (ALED), sendo eleito para o cargo de coordenador regional da primeira diretoria. Foi também secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), de 1997 a 1999, e responsável pela organização na UFPE da 45ª Reunião Anual da SBPC, “Ciência, tecnologia e qualidade de vida”, em 1993. Em 2005, foi nomeado Representante de área de Letras e Linguística junto à CAPES. Marcuschi foi também um dos grandes incentivadores da orientação de alunos de graduação de Iniciação Científica. Elaborou, para o CNPq, o relatório intitulado “Avaliação do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq e Proposta de Ação”, que serviu de base para a defesa e aperfeiçoamento do Programa.

Ao longo de sua atuação, recebeu diversas condecorações e homenagens, dentre as quais destacam-se: Medalha Isidoro de Sevilha; Medalha Dom Benedito Zorzi. Mérito Educação; Medalha Serafím da Silva Neto; Prêmio Flamingo de Letras e Linguística; Prêmio Darcy Ribeiro de Educação, concedido pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados.

Mais do que como um grande linguista, Marcuschi deve ser lembrado como um professor, um intelectual, um pensador humanista. Nas suas várias inserções pela ciência e pelas artes, angariou a amizade de inúmeras pessoas. Todas elas são unânimes em reconhecer nele, o amigo incondicional de todas as horas, o Marcuschi que nunca deixava de chamar as pessoas pelo nome, lembrando de todos. Isto refletia sua capacidade de deixar as pessoas à vontade, eliminando qualquer distância entre professor e aluno, chefe e subordinado, independentemente de status, títulos acadêmicos, gênero, classe social ou idade. A sua disponibilidade, empenho e desprendimento para com seus interlocutores sempre ficou evidente. Sua generosidade ultrapassava os muros do seu círculo social mais próximo. Era generoso no empréstimo de seus materiais, dos livros de sua biblioteca e na escuta de todos que o procuravam, fossem alunos da graduação, da pós-graduação, colegas ou mesmo desconhecidos.

Por isso, muitos o chamavam de “Mestre” (entre aspas). “Mestre”, não no sentido de grau de pós-graduação, nem no sentido de alguém que ensina. Mas “Mestre” no sentido de “mentor”, uma pessoa que serve a alguém de guia, de

conselheiro, uma pessoa que inspira, estimula, cria, orienta, acolhe, ou, como define o Dicionário Houaiss Online, uma “pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento”.

Faleceu no Recife em 06 de setembro de 2016, aos setenta anos de idade.



Amaro Soares Quintas

(1911 – 1998)

Historiador

Homenageado em 2019

Amaro Soares Quintas, nasceu no Recife, no dia 22 de março de 1911, filho do Juiz de Direito Gabriel Soares Quintas e de Laura Pacheco Quintas. Sob a influência paterna, desde de muito jovem revelou seu talento para as carreiras das letras. Tal talento foi de pronto identificado por um dos seus influentes mestres, o professor Ismael Lumach, que impressionado com a curiosidade de um aluno que tudo questionava, pedindo explicações, disse uma vez em público e em bom tom: “esse menino vai longe”. A profecia se cumpriu plenamente. O menino tornou-se um dos mais conceituados intelectuais de sua geração, motivo de grande orgulho para seus contemporâneos, notadamente pela sua singular e evidente pernambucanidade.

Amaro Quintas concluiu seus estudos básicos no lendário Ginásio Pernambucano, berço da formação acadêmica de muitos ‘jovens talentos’, tais como: o jurista Luiz Pinto Ferreira; os geógrafos Josué de Castro e Manoel Correia de Andrade; o economista Celso Furtado; o cientista social Ariano Suassuna; o matemático Leopoldo Nachbin; o químico industrial Paulo Duarte; o engenheiro Joaquim Cardoso; o botânico Dárdano de Andrade Lima e, os médicos Aluízio Bezerra Coutinho e Aggeu Magalhães, citando apenas aqueles que já foram homenageados neste Memorial. O que distingue do agora Notável Cientista, Amaro Quintas, dos demais, foi seu amor e dedicação por este histórico educandário, tendo sido, primeiro, aluno, depois professor catedrático de História, e, por fim, seu diretor, fechando assim o ciclo de uma brilhante carreira acadêmica de contribuições à instituição, tendo influenciado de forma construtiva na formação de várias gerações, por ter sido, reconhecidamente – se não o melhor –, um notável professor de História dos colégios e universidades

de Pernambuco.

Concluiu em meados da década de 1930 o curso de Bacharel em Direito pela tradicional Faculdade de Direito do Recife (FDR) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), passando a exercer advocacia no Recife, mas logo abraçou o magistério, sua real vocação, ensinando História em vários colégios e escolas recifenses de ensino médio, públicas e privadas. Consolidou uma notável carreira como professor universitário e pesquisador de diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão, destacando-se a Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE), a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a Faculdade de Filosofia de Campina Grande, e a UFPE – que lhe concedeu o título de Professor Emérito –, contribuindo, assim, de forma efetiva para a formação superior de várias gerações de pesquisadores, notadamente da região nordeste.

Como cronista, foi colaborador do Diário de Pernambuco e do Jornal do Commercio, nos quais publicou uma série de artigos sobre história e política, alcançando grande repercussão nos mais avançados centros intelectuais do país, sempre advogando a relevância e o supremo significado da liberdade. Neste particular, o trabalho de Amaro Quintas em grande parte dedicado à análise dos movimentos libertários brasileiros, fizeram dele autêntico merecedor do reconhecimento de seus pares como: “O Historiador da Liberdade”.

Foi membro associado do Instituto de Coimbra, Portugal, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi o primeiro Diretor do Departamento de História Social do Instituto Joaquim Nabuco (atual Fundaj), cargo que exerceu até 1964. Foi eleito membro da Academia Pernambucana de Letras (APL), tomando posse no dia 26 de janeiro de 1962, ocupando a cadeira de Nº 32. Seu primeiro centenário de nascimento, ocorrido em 22 de março de 2011, foi celebrado com todas as honras pela APL, com a promoção do “Seminário Amaro Quintas: O Historiador da Liberdade”, coordenado – sem deixar de lado as emoções familiares –, por sua filha, então presidente da APL, escritora e acadêmica, Fátima Quintas. Evento que teve grande repercussão nos meios literários e intelectuais do Recife.

Como pesquisador, realizou diversas investigações históricas em Portugal e

na França, trazendo à luz novos e originais achados históricos, que lhe permitiu fundamentar suas pesquisas, deixando uma extensa e valiosa obra, caracterizada por cerca de vinte e um livros. Proferiu inúmeras conferências em temas históricos portugueses e brasileiros, constituindo-se no mais respeitado historiador brasileiro especialista nos movimentos libertários pernambucanos, colaborando inclusive para a série “História Geral da Civilização Brasileira”, editada sob a supervisão de Sergio Buarque de Holanda. No conjunto de sua obra, destacam-se: “O Sentido Social da Revolução Praieira”; “A Gênese do Espírito Republicano em Pernambuco e a Revolução de 1817”; “Capitalismo e Cristianismo”; “Um Analista Político do Século Passado: O Padre Lopes Gama”; “Reflexões Sobre o Destino do Mundo”; “Um Pioneiro da Ordem dos Advogados”, e “Padre Lopes Gama Político”. Em seu mais fecundo trabalho, “Gênese do Espírito Republicano em Pernambuco e a Revolução de 1817” - escrito como trabalho de Tese com o qual conquistou a Cátedra de História no Ginásio Pernambucano -, Amaro Quintas contextualiza os argumentos que justificam e consolidam a classificação

do movimento emancipacionista de 6 de março de 1817 em Pernambuco, como Revolução, e não como uma possível Rebelião Coloquial ou mesmo uma mera Sedição, como alguns historiadores assim descreviam o movimento na literatura. Sua narrativa foi construída com base em elementos irrefutáveis, como as constantes aspirações libertárias do povo pernambucano, associada à falência do sistema colonial como parte, à época, da conjuntura mundial, ou sejam: o fato de ter sido um movimento separatista com adesão popular; que superou a fase conspiratória chegando a tomar o poder local; ter constituído um governo provisório por mais de dois meses; ter instituído símbolos e uma constituição provisória.



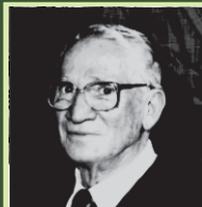
Episódio marcante na vida de Amaro Quintas - de expressivo significado que cabe aqui relatá-lo -, ocorreu logo no início da ditadura militar, advinda do Golpe de

Estado de 1964, em pleno ano de 1964. O Prof. Amaro Quintas em exercício livre de suas atribuições intelectuais como historiador, fizera uma Conferência no Teatro Santa Isabel sobre o tema “A Livre Determinação dos Povos”, incluindo no texto o assunto referente a livre escolha do regime político, o que provocou o descontentamento dos militares. Não chegou a ser preso, graças a providencial proteção de guarda e ocultação, do seu grande amigo Gilberto Freyre – que por ser amigo pessoal do Gen. Humberto de Alencar Castelo Branco, que se tornara o primeiro Presidente da República da ditadura militar –, e ainda, por ter Gilberto Freyre apoiado publicamente o golpe militar, tinha “trânsito livre” junto ao alto Comando do 4º Exército, sediado em Recife. Entretanto, o nosso homenageado, teve a pior das punições para um intelectual de sua estirpe poderia ter, ou seja: cassação de seus direitos políticos, impedindo-o de lecionar em instituições federais de ensino e pesquisa.

Amaro Quintas foi casado com Edith Quintas, mãe dos seus três filhos (Mardônio, Fátima e Elisa), formando um casal com forte tradição católica tendo sido Edith sua eterna companheira. O Historiador da Liberdade, faleceu no Recife, no dia 20 de maio de 1998, de insuficiência respiratória.

Foram 87 anos de exemplo de vida, sempre irradiando ideias iluminadoras, deixando um legado inestimável de contribuições ao conhecimento, como historiador, pesquisador, professor, escritor, conferencista. Foi um homem plural, múltiplo, regional e ao mesmo tempo universal, deixando sua presença continuamente viva em nossa memória.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE



Salomão Kelner

Médico Cirurgião

Homenageado em 2019

Aluízio Bezerra Coutinho

(1909–1997)

Biólogo

Homenageado em 2007



Aluízio Bezerra Coutinho nasceu na cidade de Nazaré da Mata, no dia 29 de março de 1909, tendo obtido toda a sua formação básica em Recife, no Colégio Americano Batista e no Ginásio Pernambucano. Em 1925, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1930 e já no ano seguinte foi cumprir estágio em Toronto - Canada e na Columbia University - Estados Unidos.

Motivou-se para a Patologia quando ainda estudante, tendo sido convidado pelo Prof. Aggeu Magalhães (igualmente notável cientista pernambucano) para trabalhar com ele em sua cátedra na Escola de Medicina do Recife. Aos 27 anos obteve, por concurso, a cátedra de Patologia na Escola de Medicina do Recife, na qual passou a ensinar até 1979, quando se aposentou compulsoriamente. Manteve-se, entretanto, como professor da pós-graduação, além de orientar teses de mestrado e de doutorado.

Bezerra Coutinho foi pioneiro em diversas áreas das ciências, sobretudo nos aspectos hoje conhecidos como multidisciplinaridades das interações biológicas e não-biológicas, entre animais e vegetais. Nessa seara fazia hipóteses teóricas e se interessava, particularmente, pela vivência prática das questões. Prova disso foi a notável pesquisa com caramujos urbanos do gênero *Biomphalaria*, encontrando-os infestados com formas larvárias de *Schistosoma mansoni*, em percentuais considerados altos. Postulou, então, que os casos humanos da doença decorrente desse parasita, vistos nas metrópoles, seriam mais graves que aqueles detectados na zona rural, em função da carga parasitária a que estariam submetidos os doentes da cidade.

A questão da Esquistossomose serviu de grande polêmica quando se discutia o tratamento da parasitose, haja vista as posições rígidas de Bezerra Coutinho sobre a não indicação de terapêutica farmacológica, pelo risco de levar para o fígado grande volume de vermes mortos. Como argumentava o mestre: “o órgão seria transformado em cemitério de vermes”. Dessa forma, ele postulava que as drogas eram ótimas para matar os vermes, mas também matabam o hospedeiro, ou seja, o homem doente. O pensamento e as contribuições de Bezerra Coutinho nesta área estão inseridos em diversos periódicos nacionais e estrangeiros.

Como médico, a preocupação natural de Bezerra Coutinho era com a higiene da habitação, objeto de estudo que partilhava com os engenheiros sanitaristas que o precederam no século XIX. As propostas de Coutinho para a casa higiênica tinham, também, um componente social significativo, propondo como solução a produção em escala da maior parte possível dos componentes das habitações, a fim de obter a redução do custo de construção.

No ensaio intitulado “Idéias sobre um Recife de ama-nhã”, de 1932, Coutinho profetiza, quando sustenta que a circulação de veículos é um dos mais graves problemas do Recife e formula a ideia de bairros satélites, alinhando-se com as atuais preocupações de mobilidade veicular na cidade do Recife.

Bezerra Coutinho não era um médico comum, foi um cientista. Deixou 54 trabalhos publicados na sua área específica e com especulações, contestações e contribuições brilhantes em outras áreas de conhecimento, como a arquitetura e o urbanismo. Proferiu inúmeras palestras e conferências, bem como apresentou resultados de pesquisas em congressos científicos.

Como Professor de Patologia, suas aulas teóricas eram marcadas pelo domínio e profundidade do conteúdo, com exposição dos temas de modo fascinante, sempre com um sorriso cativante.

Faleceu no Recife, em 31 de julho de 1997.



Nelson Ferreira de Castro Chaves

(1906–1982)

Nutricionista

Homenageado em 2007



Nelson Chaves nasceu em 8 de junho de 1906, no Engenho Vênus, Município de Água Preta, localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco, filho de Eurico de Castro Chaves e de Francisca Ferreira de Castro Chaves.

Em 1930, aos 24 anos de idade, diplomou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1931, retornando à cidade do Recife, foi assistente do professor Fernando Simões Barbosa no Hospital do Centenário. Em 1932, em sua clínica particular, desenvolveu atividades médicas na especialização de endocrinologia e nutrição. Neste mesmo ano publicou, em periódicos editados no Recife, seus três primeiros artigos científicos referentes a casos clínicos sobre cretinismo endêmico, hipertireoidismo e artrite pulmonar.

Em 1934, tornou-se professor assistente da cátedra da clínica terapêutica na Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. Consagrou-se livre-docente da mesma cátedra em 1935. Em 1941, abdicou de sua clínica particular para dedicar-se exclusivamente à carreira universitária. No ano de 1943, tornou-se titular da cátedra de fisiologia, com a defesa da tese: “As Adrenais na Fisiologia Sexual”.

No período de 1940 a 1943, época do governo de Agamenon Magalhães, exerceu o cargo de diretor geral do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco, dando início à sua atuação na gestão de instituições públicas estaduais.

Abandonou a medicina para dedicar-se a pesquisas no campo da Nutrição,

especialmente às carências alimentares. O motivo que o levou a esta decisão foi o seu encontro com crianças do Hospital Infantil do Recife que apresentavam um quadro de carência protéica sendo portadoras de marasmo.

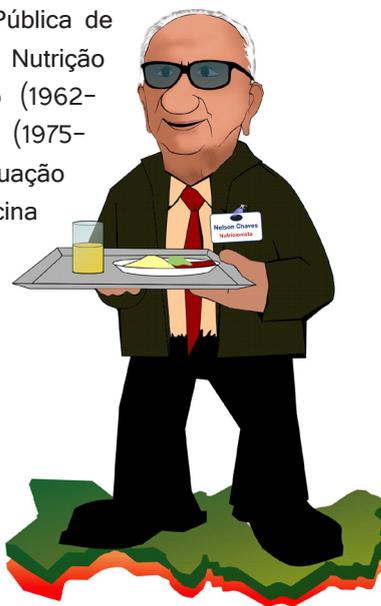
Médico e nutricionista se tonou um dedicado estudioso da desnutrição infantil no Nordeste brasileiro. Desenvolveu a tese do nanismo nutricional em crianças da Zona da Mata pernambucana e foi o criador do **Nutriente V** - um alimento à base de feijão, farinha de milho, cálcio e vitaminas - com o objetivo de combater os efeitos da desnutrição infantil.

Publicou vários livros, entre os quais: Método de Estudo das Proteínas (1962); Nutrição, Emoção e Arteriosclerose (1962); O Clima Tropical e a Nutrição (1963); Nutrição e Saúde Pública (1964);

Os Alimentos Proteicos no Brasil (1964); Fotossíntese, Nutrição e Energia (1965); Trópico e Nutrição (1966); Sistema Nervoso, Educação e Nutrição (1974).

Sua carreira acadêmica foi extensa, e contribuiu muito para a educação em Pernambuco. Na Universidade Federal de Pernambuco foi Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco (1940-1943); Diretor do Curso de Nutrição (1957-1965), Diretor do Instituto de Nutrição (1962-1972), Diretor do Departamento de Nutrição (1975-1976) e Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (1971). Foi presidente das Sociedades de Medicina de Pernambuco, Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, e Brasileira de Nutrição. Foi Secretário de Saúde e Assistência Social do Estado de Pernambuco (1949-1951) e consultor da ONU para assuntos nutricionais.

Fundou a Escola de Enfermagem da UFPE, a Casa Universitária, o Instituto Álvaro Osório de Almeida, o Instituto de Fisiologia e Nu-



trição (atual Departamento de Nutrição/UFPE) e o Curso de Nutrição da UFPE.

Chaves foi membro de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras, dentre elas: a Academia Nacional de Medicina, a Academia Nacional de Medicina Militar, a Sociedade de Medicina de Pernambuco, a Sociedade Brasileira de Nutrição, a Sociedade Brasileira de Fisiologia, a Associação Latino-americana de Ciências Fisiológicas, a Sociedade Argentina de Biologia e a Sociedade Latino-americana de Nutrição.

Nelson Chaves morreu no Recife, em 24 de maio de 1982, deixando um vasto legado científico no campo da nutrição humana para o povo pernambucano.



Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira

(1919–2003)

Médico

Homenageado em 2008

Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira nasceu em 4 de fevereiro de 1919 na cidade portuguesa de Figueira da Foz. Sua genitora Maria Alice Pedrosa dos Santos Figueira encontrava-se em Portugal, porque seu marido, Joaquim Simão dos Santos, precisava de um tratamento especial contra a perda progressiva da visão e aqui no Brasil não havia tratamento adequado.

Diplomou-se médico em 1940 pela Faculdade de Medicina do Recife. Iniciou sua vida profissional como clínico geral em Quebrangulo, interior de Alagoas. Em 1948, foi médico do Hospital das Clínicas e assistente da disciplina de Clínica Pediátrica na Universidade de São Paulo (USP). Após nove anos, voltou ao Recife obtendo com distinção a Livre Docência, da Faculdade de Medicina do Recife.

Nos anos seguintes, adquiriu experiência profissional como Professor Visitante nos Estados Unidos, México e em Paris. Através de concurso, em 1960 assumiu a Cátedra da disciplina de Pediatria da Universidade Federal de Pernambuco, e em seguida o cargo de Professor

Titular da Faculdade de Ciências Médicas. Foi ainda presidente da Associação Brasileira de Reprodução e Nutrição em saúde do Estado de Pernambuco, entre 1971 e 1975. Mas foi na pediatria que ele promoveu uma verdadeira revolução no Nordeste, porque adotou novas condutas terapêuticas em relação à saúde infantil, concebendo a visão integral do modelo de atenção à saúde da criança, da mulher e por extensão de toda a família. A medicina estava intimamente ligada às práticas da solidariedade e da ética. E os seus colaboradores

absorveram seus princípios, inicialmente como alunos e depois como médicos-assistentes e mestres.

Sua luta na medicina foi a de um profissional inquieto, indignado com as injustiças e desigualdades sociais. E suas contribuições continuam vivas nas diversas áreas da assistência, da pesquisa, do ensino e da administração pública. Suas idéias até hoje influenciam as gerações de médicos que se especializaram no atendimento à criança.

A principal realização do professor Fernando Figueira foi em 1960, a fundação, do Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, IMIP, onde desenvolveu políticas e serviços inovadores na pediatria, e na ampliação da atenção à saúde da mulher e da família. Também foi no IMIP que impulsionou o Banco de Leite Humano e o Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno.

Durante os seus 63 anos de carreira médica, o professor Fernando Figueira implantou serviços pioneiros na pediatria e no aleitamento materno, lutou pelo incentivo a amamentação e revolucionou a atenção aos recém-nascidos prematuros, com a implantação do método “Mãe Canguru”. Na área científica, o professor Fernando Figueira publicou 6 livros e diversos trabalhos científicos em revistas especializadas. Foi Secretário de Saúde no governo de Eraldo Gueiros.



Fernando Figueira também criou as seguintes instituições: Fundação de Saúde Amaury de Medeiros (FUSAM), Laboratório Central de Pernambuco (LACEN), Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (CISAM), Centro de Oncologia da Faculdade de Ciências Médicas (CEON), Academia Pernambucana de Medicina, Centro de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (HEMOPE), Associação Pernambucana de Médicos Generalistas, Associação Brasileira de Reprodução e Nutrição em Saúde Materno Infantil, Associação do Diabético Jovem, Associação Pernambucana de Apoio aos portadores de Fibrose Cística, Fundação Alice Figueira de

Apoio ao IMIP (FAF).

Recebeu diversos prêmios, condecorações e homenagens em reconhecimento à sua brilhante carreira, sempre voltada à medicina social. Entre as condecorações, destacam-se a Medalha Nacional da Ordem do Mérito Médico, a Medalha do Mérito do Estado de Pernambuco, a Medalha do Mérito do Município do Recife, e a Medalha do Mérito do IMIP.

Foi Cidadão Honorário de Alagoas pelos serviços prestados à medicina brasileira e àquela região, Cidadão de Quebrangulo - Alagoas, Cidadão Honorário da Paraíba e Comendador da Ordem de Malta, sendo o terceiro brasileiro a receber tal Comenda. O Governo de São Paulo o homenageou pelo seu trabalho na área de Aleitamento Materno, na inauguração do primeiro Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno - Centro Fernando Figueira - no Hospital dos Servidores Públicos do Estado de São Paulo.

O carinho e a dedicação do professor ao atendimento hospitalar humanizado é um exemplo a ser seguido pelos médicos de todo o Brasil. Uma justa homenagem a esse médico notável, foi a criação, pelo Ministério da Saúde, por meio da Portaria MS nº728, de 17/07/2003, do Prêmio Nacional Professor Fernando Figueira, instituído para dar reconhecimento às experiências bem sucedidas de humanização no atendimento pediátrico.

Augusto Chaves Batista

(1916–1967)

Micologista

Homenageado em 2009



Augusto Chaves nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 15 de julho de 1916. Filho de José Otaviano Batista e Teodora Amelia Chaves Batista, passou toda a sua infância e juventude em Santo Amaro, onde frequentou a escola primária e o ensino médio.

Formou-se em agronomia na Faculdade Agrícola da Bahia, em dezembro de 1937 e especializou-se em Bacteriologia, Fitopatologia e Micro-Técnicas pela **A&M College Graduate School** (Estados Unidos) e estagiou no **Commonwealth Mycological Institute** (Inglaterra). Sua formação científica em fitopatologia e micologia foi influenciada pelo pesquisador Camillo Torrend.

Iniciou suas atividades como docente na Escola Agrícola da Bahia ensinando Fitopatologia e Microbiologia Agrícola. Em 1946 ingressou, como professor, na Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE). Atuou no Instituto de Pesquisas Agrônomicas de Pernambuco (IPA) até 1951, como chefe da Seção de Fitopatologia.

De março de 1954 até o seu falecimento em 1967 foi diretor do Instituto de Micologia da Universidade Federal de Pernambuco. Augusto Chaves foi um taxonomista de rara habilidade, dedicando-se durante toda sua vida ao estudo das variações morfológicas dos fungos. Por não ter se especializado em um tipo particular de fungo recebeu o título de “o mais versátil micologista”, concedido pelo **Commonwealth Mycological Institute** (CMI) da Inglaterra, onde estagiou na década de 1930.

À frente do Instituto de Micologia, criou a **micoteca**, que hoje constitui uma coleção de referência registrada no CMI sob a sigla de URM (University Recife Mycologia) e filiada ao **World Directory of Collections of Culture of Microorganisms**. Seu trabalho no Instituto de Micologia resultou na descrição de mais de 4.600 espécies de fungos e o registro na 7ª edição do **Dictionary of the Fungi do CMI**.

Publicou trabalhos sobre vários tipos de microorganismos. Produziu cinco livros e vários artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Quarenta e quatro gêneros estabelecidos em suas monografias e chaves de identificação foram validados por grandes nomes da micologia moderna, entre os quais: Von Arx; Muller; Hughes; Luttrell; Ellis; Sutton e Kendrick. Devido a sua grande capacidade de trabalho, bem como a sua dedicação à pesquisa, conseguiu até a data de sua morte um notável volume de resultados publicados sobre os mais variados microorganismos, ganhando respeito nacional e internacional na área da micologia.

Profissionais que atuaram com Augusto Chaves relatam a sua pontualidade e dedicação ao trabalho ficando até altas horas no seu laboratório. Era exigente com os seus alunos, requisitando relatórios semanais sobre as atividades realizadas. Relata-se que ele “parecia querer identificar todos, ou a maioria dos fungos que pudesse”.



Augusto Chaves faleceu prematuramente aos 51 anos, vítima de um acidente vascular cerebral, enquanto trabalhava em seu laboratório no Instituto de Micologia. Deixou um respeitável legado científico, passando a ser reconhecido como um destacado micologista brasileiro.

Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho

(1892–1943)

Psiquiatra

Homenageado em 2010



Ulysses Pernambucano nasceu em Recife, no dia 6 de janeiro de 1892, filho de José Antonio Gonçalves de Mello, formado em Direito, e de Maria da Conceição de Mello.

Foi alfabetizado pelo seu pai e continuou os estudos no Ginásio Aires Gama, educandário particular que ficava na Rua do Hospício. Ainda jovem, decidiu-se pela carreira médica. Na época, não havia faculdade de medicina no Recife. Com isso, ainda adolescente, foi estudar no Rio de Janeiro.

Especializou-se em psiquiatria. Foi orientado academicamente pelo Prof. Juliano Moreira, considerado fundador da psiquiatria brasileira, e teve oportunidade de presenciar a revolução nos procedimentos médicos e na humanização das condições de vida dos pacientes internados. Em 1912, graduou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Entre os anos de 1913 e 1917, de volta a Pernambuco, sensibilizado pelas precárias condições de vida e das necessidades da população, trabalhou como clínico geral em cidades do interior do estado.

Em janeiro de 1918, foi formalmente criada, no Recife, a cadeira de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal Oficial do Estado de Pernambuco, sendo então aberto concurso para esta cátedra. Ulysses concorreu com a apresentação da dissertação “Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas: a instabilidade e a astenia mental”. Foi classificado em primeiro lugar, mas, por motivos políticos, o então Governador

de Pernambuco Manoel Antonio Pereira Borba nomeia o segundo colocado, para provimento da cátedra.

Em agosto do mesmo ano, Ulysses inscreve-se para o concurso de professor catedrático de Lógica, Psicologia e História da Filosofia. Novamente consegue o primeiro lugar e, desta vez, é nomeado professor catedrático do Ginásio Pernambucano, onde anos mais tarde se tornaria diretor.

Em 1923, Ulisses foi nomeado diretor da Escola Normal, pelo Governador Sérgio Loreto. Sua gestão foi marcada por reformas de caráter social. Introduziu o exame de seleção para admissão à Escola Normal, quando anteriormente o ingresso nesse estabelecimento obedecia a critérios de amizade ou apadrinhamento.

Ulysses não foi brilhante apenas em instituições de ensino; também deixou muitas contribuições para o setor hospitalar. Ainda na direção da Escola Normal, em 1924, foi nomeado para dirigir o Hospital de Doenças Nervosas e Mentais. Entre seus feitos estavam a destruição dos calabouços e das camisas de força, a criação do Pavilhão de Observação, Laboratório de Análises, Pavilhão de Hidroterapia, entre outros.

Em 1930, deixou a direção do Ginásio nas mãos de Olívio Montenegro, quando foi convidado, pelo Interventor Carlos de Lima Cavalcanti, para direção dos serviços de Assistência aos Psicopatas da Tamarineira. Ao observar que o aparelhamento era insuficiente e os métodos terapêuticos utilizados eram absolutamente inadequados, Ulysses promoveu uma reforma no Hospital da Tamarineira.

Realizou vários estudos e pesquisas, muitas das quais publicadas no “Jornal de Medicina de Pernambuco”; nos “Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco” e na Revista “Neurobiologia”, os dois últimos criados por ele, em 1931



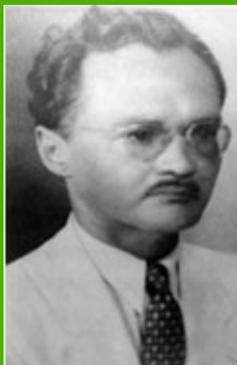
e 1938, respectivamente. Publicou também: em 1924, “Bases fisiopsicológicas da ambidestria”; em 1927, “As médias de estatura dos escolares em Pernambuco”; em 1935, “As doenças mentais entre os negros de Pernambuco”.

Ulysses Pernambucano sempre atuou em defesa das minorias marginalizadas da sociedade, tais como: crianças com necessidades especiais, portadores de deficiência mental, negros e adeptos de religiões africanas. Ao assumir essa posição, foi, muitas vezes, mal interpretado, sendo acusado de comunista, gerando conflitos e dificuldades nas ações administrativas, em decorrência da redução das verbas para manutenção da qualidade do atendimento aos pacientes da Assistência a Psicopatas. Em 8 de novembro de 1935, pediu demissão do cargo de diretor da instituição que implantara.

Em 27 de novembro de 1935, surge em alguns pontos do País a denominada Intentona Comunista. Ulysses, pessoa não grata ao regime, é denunciado pelos seus adversários como “comunista” e “subversivo”, sendo detido e preso na Casa de Detenção do Recife, por 60 dias.

Apesar das amarguras vivenciadas, Ulysses ainda encontrou forças para lutar por seus ideais. Assim, em 12 de julho de 1936, fundou o Sanatório Recife, instituição modelar de prestação de serviços aos doentes mentais, na Rua do Padre Inglês, nº 257. Como o primeiro sanatório do Estado de Pernambuco no âmbito da iniciativa privada, logo se tornou um centro psiquiátrico de reconhecido valor.

Faleceu no dia 5 de dezembro de 1943, no Rio de Janeiro, deixando suas contribuições pioneiras no campo da psiquiatria brasileira como legado para o povo pernambucano.



Aggeu de Godoy Magalhães

(1898–1949)

Médico

Homenageado em 2011

Aggeu de Godoy Magalhães nasceu no dia 7 de dezembro de 1898, em Petrolândia, Sertão de Pernambuco. Filho de Sérgio Nunes de Magalhães e Antônia de Godoy Magalhães, passou sua infância no Recife e estudou no Ginásio Pernambucano.

Aos 22 anos, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920, sendo o laureado da turma. Na faculdade, como contemporâneos, conheceu o professor Carlos Chagas e o médico Belisário Penna, dos quais se tornou amigo. Recém-formado, foi convidado pela direção da faculdade a permanecer no Rio de Janeiro, mas recusou o convite e voltou ao Recife para trabalhar e ajudar a família.

Na época de seu retorno a Pernambuco, a febre amarela e a malária eram endêmicas em toda a Região Metropolitana do Recife. A taxa de mortalidade por tuberculose e varíola também era elevada. Sua carreira de sanitarista começou quando foi convidado por Amaury de Medeiros para trabalhar em sua equipe. Posteriormente, foi nomeado diretor do Serviço de Profilaxia Rural, onde desenvolveu um grande trabalho no combate à febre amarela e à malária, abrindo vários postos de saúde em Pernambuco.

Em 1922, tornou-se membro na Sociedade de Medicina de Pernambuco (SMP). Foi nomeado professor titular da cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Recife em 1925. Tornou-se, em 1928, presidente da SMP, posição mantida até 1929, quando, por indicação da Fundação Rockfeller,

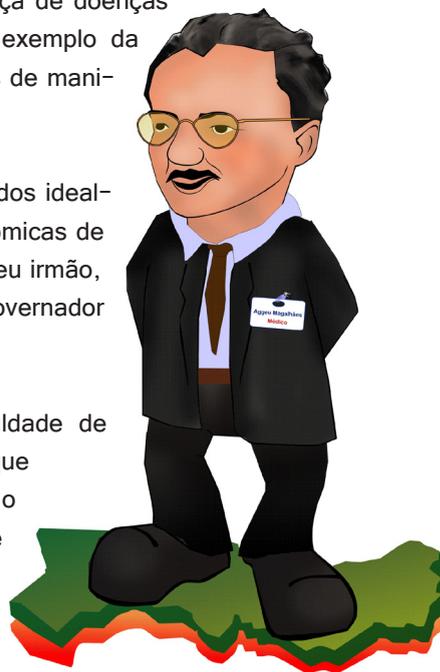
do Rio de Janeiro, foi convidado a fazer um curso de especialização nos Estados Unidos, onde permaneceu por seis meses, estagiando no Departamento de Patologia da Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Em seguida, transferiu-se para o Departamento de Patologia da Universidade de Toronto, no Canadá, onde estagiou por mais seis meses. Nessa instituição, desenvolveu trabalhos experimentais em macacos infectados com o vírus da febre amarela e descreveu, pela primeira vez, lesões encontradas em células renais, chamadas “inclusões nucleares”.

Ao retornar ao Recife, em 1930, voltou a dedicar-se à cadeira de Anatomia Patológica no Hospital Infantil Manoel Almeida, onde havia laboratórios da Faculdade de Medicina. No local, passou a aplicar técnicas trazidas dos Estados Unidos, como necrópsias e preparações histológicas.

Em 1933, o Departamento de Saúde do Estado de Pernambuco cria o Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), sob a direção de Aggeu Magalhães. O serviço destinava-se a realizar necropsias em pessoas que haviam falecido de causas desconhecidas e sem assistência médica. A partir do trabalho desenvolvido, foi possível detectar a presença de doenças até então desconhecidas na Região, a exemplo da esquistossomose mansônica e suas áreas de manifestação.

O professor Aggeu Magalhães foi um dos idealizadores do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco (IPA), criado em 1935 pelo seu irmão, Agamenon Magalhães, na época, governador do estado.

Em 1937, tornou-se diretor da Faculdade de Medicina do Recife. Entre os fatos que marcaram sua administração estão o apoio à Casa do Estudante, à Sociedade Acadêmica de Medicina e à construção de um novo prédio para o SVO. Suas



pesquisas, desenvolvidas principalmente na área de esquistossomose, passaram a despertar o interesse de médicos de todo o país.

Em 1946, Aggeu Magalhães, que no fim da década anterior já se mostrava preocupado com a organização dos serviços de assistência hospitalar em Recife, é nomeado presidente do Instituto de Assistência Hospitalar. Naquele mesmo ano, por sugestão sua, o então governador José Domingues criou a Secretaria de Saúde e Educação do Estado de Pernambuco. Indicado ao cargo, permaneceu de março a agosto de 1946. Inaugurou as instalações do primeiro banco de sangue estadual e instalou um serviço de urgência no Hospital de Olinda. Na área da educação, firmou parcerias com a iniciativa privada para ampliar a distribuição da merenda escolar, realizou uma reforma técnica do ensino primário, cons-truiu uma escola normal rural no interior e criou a Faculdade Estadual de Filosofia.

Em 1948, autoridades do Ministério da Saúde e Educação visitaram Pernambuco para tratar da instalação de um centro de helmintoses no Estado, sonho antigo de Aggeu Magalhães. O então governador Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho concedeu o terreno. A construção foi iniciada, mas Aggeu Magalhães não chegou a ver o prédio concluído.

Aggeu Magalhães faleceu em 1949, um ano antes da inauguração do centro de pesquisas. Como homenagem, a instituição recebeu seu nome - inicialmente, chamou-se Instituto Aggeu Magalhães, tornando-se, mais tarde, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), integrado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na década de 1970. Em 1986, sob a direção de Aggeu Magalhães Filho, transferiu sua sede para o campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente compreende os departamentos de Imunologia, Parasitologia, Microbiologia, Entomologia, Patologia e Biologia Celular e Saúde Coletiva, e é um centro de referência internacional em filariose, da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Naíde Regueira Teodósio

(1915 - 2005)

Médica

Homenageado em 2012



Médica e Nutróloga: Naíde Teodósio nasceu em 6 de junho de 1915, em Sirinhaém, município do interior de Pernambuco. De família pobre, graças aos esforços do seu pai, Naíde conseguiu estudar na sua terra natal, interna no Colégio da Sagrada Família, que foi, para ela, sua iniciação no mundo do conhecimento e berço de sua formação ética e intelectual. É nesta fase de sua juventude que, estimulada pelo ambiente educacional em que vivia, aprende a ler e a falar bem o francês.

Aos 16 anos, acompanhada de duas irmãs mais novas, contrariando a vontade paterna, audaciosamente decidiu vir para o Recife, para trabalhar e estudar na concretização de um sonho, a de ser médica. Esse sonho é realizado em 1946 ao concluir o curso pela Faculdade de Medicina do Recife.

Naíde Teodósio ingressou na carreira docente em 1962, como professora da Faculdade de Medicina, tendo participado ativamente, como integrante do grupo de pesquisadores liderado pelo cientista Nelson Ferreira de Castro Chaves (1906 - 1982), também um dos Notáveis Cientistas Pernambucanos, homenageado em 2007, e pelo químico e microbiologista Oswaldo Gonçalves de Lima (1908 - 1989), idealizador e fundador do Instituto de Antibióticos do Recife, criado por ele em 1952, dando origem ao atual Departamento de Antibióticos da UFPE, que leva seu nome e completa 60 anos de existência, neste ano de 2012.

Mesmo antes da Faculdade de Medicina do Recife se incorporar à Universidade, Naíde e colaboradores, inicialmente dedicados ao estudo da fisiologia,

da técnica operatória e da histologia, começam, de forma pioneira, a dirigir suas pesquisas para os campos da fisiologia da nutrição. O intercâmbio de pesquisadores nacionais e estrangeiros, promovendo conferências, cursos e trabalhos experimentais, foi fecundo na formação do grupo do Recife. Houve, inclusive, a participação e cooperação internacional de alguns Prêmios Nobel da Medicina e Fisiologia, a exemplo do argentino Bernardo A. Houssay (1887 - 1971: Nobel em 1947) e o sueco Ulf S. von Euler (1905 - 1983: Nobel em 1970), que exerceram grande influência na formação científica de Naíde.

A qualidade das pesquisas desenvolvidas por Naíde Teodósio e colaboradores assegurou a publicação de mais de 50 artigos científicos em revistas especializadas estrangeiras e nacionais, tais como *Annals of the New York Academy of Sciences*, *Nutritional Neuroscience*, *Brazilian Journal of Medical and Biological Research* e *Rev. Bras. Medicina*. Naíde sempre se preocupou com a formação de pesquisadores e de novos talentos locais para o magistério. Formou mais de uma geração de cientistas, consolidando grupos de pesquisa na área de Nutrição. Fundou o Laboratório de Fisiologia da Nutrição do Departamento de Nutrição da UFPE, hoje “Laboratório de Fisiologia da Nutrição Naíde Teodósio” (LAFINNT). No campo da nutrição aplicada, Naíde pesquisou, desenvolveu e disseminou o uso de um suplemento nutricional de baixo custo chamado Prothemol, que foi criado à base de farinha de trigo, clara de ovos e hemácias (glóbulos vermelhos) de sangue bovino com o objetivo de combater as consequências da desnutrição e da anemia em crianças e mulheres grávidas.

Sua amizade com o ex-governador Miguel Arraes e simpatia para com os comunistas foram a “gota d’água” durante o Golpe Militar de 1964, fazendo-a ser presa durante um ano na extinta Casa de Detenção do Recife, acusada de subversão. Apesar das perseguições políticas, Naíde Teodósio conseguiu vencer todos os obstáculos



em sua trajetória universitária, sendo aprovada em concurso público, na década de 1960, para o honroso título de professor “Livre-Docente”.

Deixou um legado importante para a sociedade, tanto no aspecto científico quanto do ponto de vista social e político. Foi agraciada com a primeira Medalha do Mérito Sanitário Josué de Castro, concedida pela Assembleia Legislativa de Pernambuco e pelo Conselho Regional de Medicina que lhe outorgou a “Medalha de São Lucas”. Como reconhecimento deste legado, a Secretaria Estadual da Mulher do Governo de Pernambuco criou, em sua homenagem, em 02 de julho de 2007, o Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero – Concurso de Redações e Artigos Científicos.

Naíde faleceu no dia 17 de abril de 2005, aos 89 anos. Seu corpo foi velado no salão nobre da Universidade Federal de Pernambuco e o enterro realizado no Parque das Flores. Deixou-nos um exemplo de amor genuíno pelo próximo e pelo seu trabalho.



Oswaldo Gonçalves de Lima

(1908–1989)

Químico

Homenageado em 2013

Oswaldo Gonçalves de Lima, filho de Vicente Gonçalves Ourém de Lima – que exercia a profissão de solicitador (advogado provisionado) –, e Júlia Baptista de Lima, nasceu no dia 7 de novembro de 1908, em Recife, Pernambuco. Tendo a família fixado residência na cidade de Olinda, ali concluiu o curso primário quando tinha apenas 10 anos, ingressando em seguida, em 1919, ainda em Olinda, no Colégio Arquidiocesano, onde concluiu o curso ginásial. Finalizou sua formação básica, de 2º grau, durante os anos de 1923 e 1925 realizando o equivalente ao curso colegial no Colégio Nóbrega do Recife. É nesta fase de sua formação que recebeu a forte influência acadêmica do Prof. Pe. Leo Meyer. Atuando como seu monitor na elaboração das aulas-práticas, despertou-o para a beleza da formação dos cristais, por sua variada morfologia, o que definitivamente, levou-o a decisão de estudar química. Oswaldo Lima não apenas recebeu do Pe. Meyer ensinamentos e estímulos para se dedicar à ciência, mas também o admirou pelo seu lado humano, pela sua personalidade e caráter incorruptível, cujo comportamento lhe imprimia a dignidade e a veracidade de sua ciência.

Oswaldo Lima, logo após ter concluído sua formação básica no Colégio Nóbrega, iniciou sua formação superior no curso de química industrial, na Escola de Engenharia de Pernambuco. No entanto, transfere-se para o curso de química do Ministério da Agricultura, na praia vermelha, no Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1928. Inicia sua carreira profissional em 1930, como químico da Usina Professor Portela, Granjas Reunidas do Norte, localizada em Bocaiúva, Minas Gerais. Em seguida, já de retorno a Pernambuco, em 1932, trabalhou como químico e gerente da Usina Água Branca.

Foi em 1934 que Oswaldo Lima ingressou na carreira docente, como Professor da Escola de Engenharia de Pernambuco, regente titular das disciplinas de microbiologia industrial, técnicas das fermentações e química analítica quantitativa. No período entre 1937 e 1944, foi químico-diretor das indústrias Carlos de Brito e Cia, empresas conhecidas por “Fabricas Peixe”, de doces e derivados de tomates, com sede em Pesqueira-PE. É nesta condição de químico-diretor das Fabricas Peixe, que Oswaldo Lima, reconhecendo o talento e vocação para a ciência do jovem José Leite Lopes, brilhante aluno do curso de química industrial, e conluente do ano de 1939 – igualmente um dos Notáveis Cientistas Pernambucano –, conseguiu com o proprietário da empresa, Manuel de Brito, uma bolsa de estudo que permitiu Leite Lopes estudar física na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Oswaldo Lima, a partir de 1934, além das atividades de docência, inicia seus primeiros trabalhos de pesquisa, dedicando estudos pioneiros ao problema de destinação das caldas (vinhaças) de destilarias como fertilizante – prática hoje disseminada nos plantios de cana, solucionando a intrigante questão de variação do pH do solo, algumas semanas após a irrigação de vinhaça, efeito este indesejável para o plantio da cana. Nos anos de 1950 e 1951, desenvolveu atividades de pesquisa na Colômbia e na Guatemala e como pesquisador visitante na Universidade Nacional Autônoma do México, isolou a partir de amostras de seiva de agave fermentada (pulque) vários microrganismos, dentre os quais a bactéria móvel de Barker-Hillier-Lindner, denominada, *Zymomonas mobilis*. Após 20 anos de pesquisa com esta espécie de bactéria, Oswaldo e colaboradores, conseguem isolar, a partir do caldo de cana fermentado, uma nova amostra de *Z. mobilis* (CP-4), que revelou-se ser a mais eficiente produtora de etanol, descoberta que colocava Pernambuco no centro do pioneirismo da biotecnologia moderna. As contribuições do pesquisador Oswaldo Lima, traduzidas em artigos científicos publicados, levaram à industrialização de produtos pelo Laboratório Farmacêutico de Pernambuco



(LAFEPE), como o Imunoparvum, e os antibióticos antitumorais, Bioact-D e o Lapachol e para doenças parasitárias - como, amebíase e giardíase -, dando origem ao remédio Menta Crispa, produzido e comercializado atualmente, pelo laboratório privado Hebron.

O pioneirismo do Prof. Oswaldo Lima se evidencia em 1952, quando fundou o Instituto de Antibióticos da então Universidade do Recife, fruto da sua persistência, obstinação e dedicação. Transformado no atual Departamento de Antibióticos: Instituto Oswaldo Lima, do Centro de Ciências Biológicas da UFPE, se constitui numa importante unidade de pesquisa da UFPE, reconhecidamente, desenvolvendo atividades de pesquisa e formação de pesquisadores, nas áreas de fronteira da genética de microrganismos, fármacos de origem microbianas, farmacologia e cancerologia experimental.

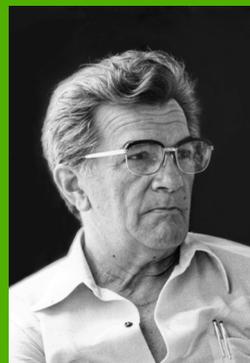
O notável cientista pernambucano, Oswaldo Lima, faleceu no Recife, em 21 de setembro de 1989, de complicações decorrentes do Mal de Parkinson.

Dárdano de Andrade Lima

(1919 – 1981)

Botânico

Homenageado em 2014



Filho de João Francisco de Lima e Francisca Farias de Andrade Lima, Dárdano de Andrade Lima nasceu em 02 de setembro de 1919, na cidade de João Pessoa/PB, de onde se transferiu alguns anos mais tarde para Pernambuco. Em Recife, fez seus preparatórios no Ginásio do Recife e Ginásio Oswaldo Cruz, onde desenvolveu importante parte de sua formação profissional e exerceu suas funções como pesquisador permanente. Formado em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no ano de 1943, pós-graduado (Master of Science) em Botânica Florestal no “New York State College of Forestry”, Estados Unidos da América, em 1954. Iniciou suas atividades de magistério superior na Universidade Católica de Pernambuco (1948–51). Pertenceu desde 1949 ao corpo docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Foi igualmente professor do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Pernambuco a partir de 1959.

Na qualidade de professor convidado, teve oportunidade de colaborar em Cursos de mestrado, de aperfeiçoamento ou de especialização em diversas Universidades, Escolas isoladas ou Institutos, entre os quais Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional), Instituto Joaquim Nabuco e Faculdade de Filosofia do Crato, Ceará. Contribuiu diretamente para o aumento e a organização das coleções botânicas do Herbário da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA). Somente sua coleção pessoal naquele Herbário atingiu cerca de 8.000 espécimes.

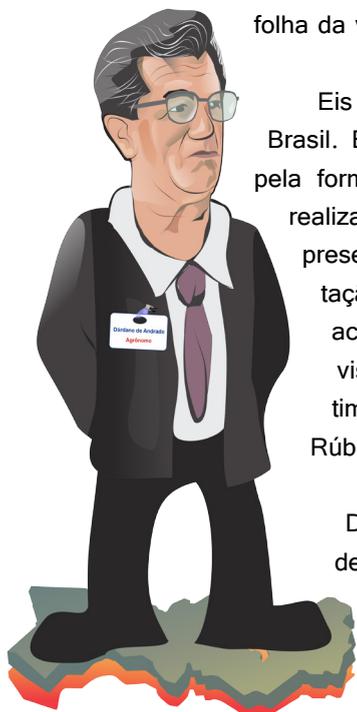
Foi responsável pela criação do Curso de Mestrado em Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em 1973, primeiro Curso de Pós-Graduação em Botânica de todo o Norte e Nordeste do Brasil, tendo sido seu primeiro Coordenador. Ocupou o cargo de Pesquisador do Instituto de Pesquisas Agronômicas - IPA, atual Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária - IPA, seção de Botânica, no período de 1974 a 1978, onde se aposentou. Integrou expedições científicas promovidas por instituições estrangeiras e nacionais. Entre elas merece destaque: Expedição de Oxford e Cambridge à América do Sul, para realizar observações florísticas e fitogeográficas no Brasil central (1958); Expedição Reading University (Inglaterra) ao Nordeste brasileiro para a pesquisa sobre formas primitivas de plantas de interesse econômico (1972); Expedição ligada ao projeto da ecologia da Caatinga, organizada pela Academia Brasileira de Ciências (1970/72 e 1974); Excursão ao Chaco Argentino (1979), tendo em vista elucidar questões relacionadas com a origem e evolução das Caatingas do Nordeste brasileiro; Excursões ao Paraguai (1981) dentro do programa de pesquisas sobre problemas de imigração de espécies, além de inúmeras outras viagens de estudo no Brasil, particularmente no Nordeste, sempre tendo em vista o conhecimento da vegetação e da flora para o entendimento de diversos fenômenos fitogeográficos.

Realizou estágio no ROYAL BOTANIC GERDENS, em Kew, na Inglaterra, com o Dr. N.Y. Sandwith, durante 09 meses nos anos de 1956/57, para estudo das coleções de plantas brasileiras depositadas naquele herbário. Regressou à mesma instituição, em 1975, para estudo das espécies brasileiras do gênero *Mimosa*. Continuou na Europa, realizando durante os meses de fevereiro e março de 1975, estágio no Herbário e Jardim Botânico de Munique, Alemanha, para estudo e levantamento das coleções realizadas no Nordeste de Philip von Luetzelburg.

Proferiu palestras em Instituições estrangeiras e nacionais, a maioria delas relacionadas com vegetação e flora do Nordeste brasileiro, merecendo destaques as preferidas na Argentina com o patrocínio da "Sociedade Argentina de Botânica", na Alemanha, junto a Universidade de Hamburgo, na França sobre o patrocínio da "Société de Biogeographie", na Inglaterra (Kew Royal Botanical Gardens) e nos Estados Unidos da América, junto ao New York Botanical Garden.

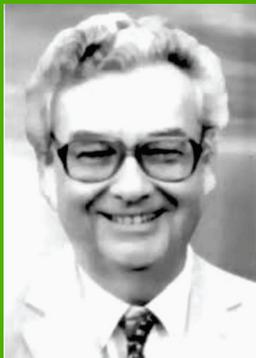
Classificou inúmeras espécies botânicas, recebendo de seus alunos, a homenagem de espécies novas como *Manilkara dardanoi* Ducke. Publicou diversos trabalhos científicos, entre eles: *A Botânica na Carta de Pêro Vaz de Caminha*; *A flora de Pernambuco e suas relações fitogeográficas*; *Lista de Nomes Vulgares e Científicos de Plantas do Brasil e Paisagens do Nordeste*; e, *Evidências através da Botânica*. Membro Associado da Academia Brasileira de Ciências; da *Société de Biogeographie de Paris*; da *International Association for Plant Taxonomy, Utrecht*; da *Sociedade Argentina de Botânica*, e Sócio Fundador e remido da *Sociedade de Botânica do Brasil*. Tornou-se renomado pesquisador da UFRPE e do CNPq.

Publicou 70 trabalhos científicos, em revistas nacionais e internacionais ou como publicações isoladas associadas a entidades científicas da área de botânica, destacando-se entre estas publicações: *Estudos Fitogeográficos de Pernambuco* (1957), *A Fitogeografia do Brasil* (1963), *Bromeliaceae de Pernambuco* (1964), *Vegetation of Brazil* (1966), *Cactaceae de Pernambuco* (1966), *Estudo crítico da nomenclatura fitogeográfica Latino-americana* (1966), *Contribuição ao estudo de Paratelmismo da Flora Amazônia-Nordestina* (1966) e *folha da vegetação do Brasil (Atlas Nacional do Brasil)* (1966).



Eis aí o cientista que dignificou o Nordeste e honrou o Brasil. Botânico excelente, sistemata completo pela cultura, pela formação, pela vivência no campo e pelas pesquisas realizadas, batalhador incansável em prol da conservação e preservação da natureza, profundo conhecedor da vegetação e da flora nordestinas. Sua devoção à Botânica o acompanhava em todos os atos de sua existência, haja visto, a manifestação mais pura e profunda de um sentimento familiar, qual seja a escolha dos nomes Myrcia, Rúbia, Selene, Érica e Cássia para suas diletas filhas.

Dárdano faleceu na noite de 13 de setembro de 1981, deixando como legado para as novas gerações de cientistas brasileiros, seu exemplo de vida de inteira dedicada à Ciência Amabilis.



Frederico Simões Barbosa

(1916 – 2004)

Médico Epidemiologista

Homenageado em 2015

Nasceu em 27 de julho de 1916, na cidade do Recife (PE), filho de Fernando Simões Barbosa e Maria Simões Barbosa. Formou-se em 1938 pela Faculdade de Medicina do Recife. Desde o início da carreira engajou-se tanto na vida acadêmica – onde foi docente das cadeiras de microbiologia, parasitologia, zoologia e medicina preventiva na então Universidade do Recife, posteriormente, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (UPE) –, quanto no desenvolvimento de pesquisas e políticas voltadas para as condições de saúde de sua região ao longo das décadas de 1940 e 1950. Em 1952 formou-se em história natural pela Faculdade Católica de Pernambuco (Unicap).

O foco de suas investigações foi a esquistossomose mansônica, cujos fatores de desenvolvimento foram seu objeto de estudo. Participou da fundação do Instituto Aggeu Magalhães em Pernambuco, atual Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (CPqAM), que dirigiu por dois períodos, em 1950– 1961 e 1964–1969, e com o qual esteve sempre vinculado profissionalmente. Entre as décadas de 1950 e 1970 construiu uma significativa carreira de consultor e perito junto à Organização Mundial da Saúde (OMS), à Organização Pan-Americana da Saúde e à Organização para Agricultura e Alimentação das Nações Unidas. No entanto, mantinha intercâmbios acadêmicos internacionais desde a década de 1940, quando realizou o mestrado em saúde pública na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins e outros cursos e treinamentos nos Estados Unidos. Na passagem pela OMS, atuou como parasitologista responsável pela avaliação do uso de moluscidas no combate à esquistossomose em regiões africanas. Participou de pesquisa em Gana, refutando relatórios anteriores da instituição que aprovavam o uso

de tais produtos no mais importante lago daquele país. Após seu retorno ao Brasil, foi coordenador do Programa Internacional Brasil, Egito e Hungria de pesquisa sobre recursos humanos e atenção primária à saúde (1972-1975) e iniciou sua trajetória na Universidade de Brasília. Na Faculdade de Ciências da Saúde, como professor de medicina comunitária (1972-1981) e como diretor (1975-1976), desenvolveu programa de integração docente-assistencial junto a comunidades carentes do Distrito Federal. Esse trabalho pioneiro contribuiu para a área de formação de recursos humanos em saúde, combinando conceitos das ciências sociais e das ciências médicas, desenvolvendo nos estudantes e de modo consistente, o ensinamento de um acurado pensamento crítico sobre os determinantes da doença e seu componente político/social. Integrou o grupo de pesquisadores pioneiros da fundação da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da qual foi o primeiro presidente (1979-1981). Foi igualmente, na década de 1990, o fundador da Secretaria Regional da SBPC em Pernambuco e seu primeiro secretário regional.

Em 1983 ingressou na Escola Nacional de Saúde Pública como professor de epidemiologia, e foi seu diretor entre 1985 e 1989. Desempenhou papel central na criação do Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa, transformado em departamento em 1993, onde abriu espaço interdisciplinar direcionado às pesquisas dos fatores e das estratégias de controle social do processo saúde-doença, em sua dimensão coletiva.

Em 7 de novembro de 1995, recebeu da Universidade de Brasília o título de “Professor Honoris Causa”. No seu pronunciamento ao receber o Título, o Prof. Frederico Simões Barbosa revela seu compromisso como cientista-educador ao afirmar: “A produção científica deve ser simultaneamente um bem cultural e um instrumento de trabalho socialmente comprometido. As atividades docente e científica são parte da sociedade e só poderão ser entendidas como instrumentos de realização de objetivos sociais bem determinados”.

Após a aposentadoria, retornou ao CPqAM e deu continuidade aos estudos que o acompanharam ao longo de sua carreira: epidemiologia e estratégias de controle da esquistossomose. Morreu em 8 de março de 2004, no Recife.





Adonis Reis Lira de Carvalho

(1928 - 2014)

Médico Patologista

Homenageado em 2015

Nascido em Recife, em 6 de janeiro de 1928, Adonis Reis Lira de Carvalho é filho de um comerciante e imigrante português, Joaquim Correia de Carvalho, com uma pernambucana, Constância Lira de Carvalho. Era o primogênito entre 4 irmãos - incluindo a irmã Ástrea, que faleceu aos 9 anos por diabetes -, Joaquim Correia de Carvalho Junior e Rossini Lira de Carvalho. Seu desejo em se tornar médico surgiu ainda na infância pela vontade de curar sua irmã. cursou o primeiro e segundo graus no Colégio Leão XIII e no Colégio Oswaldo Cruz. Ingressou na Faculdade de Medicina do Recife em 1945, aos 17 anos, recebendo influência dos professores Mário Ramos, Aluizio Bezerra Coutinho, Arnaldo Marques, Ruy João Marques e Joaquim Cavalcanti. Foi Acadêmico Interno da Cátedra de Clínica Propedêutica Médica até sua formatura e plantonista do Hospital do Pronto-Socorro, classificado em primeiro lugar em ambos concursos. Presidiu a Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife em 1950.

Concluiu o curso médico em 1950, como aluno laureado, o que lhe valeu os prêmios Raul Leite e Diário de Pernambuco. Após a colação, foi contemplado com bolsa de estudos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no serviço de Gastroenterologia do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), onde também frequentou o Departamento de Anatomia Patológica. Ao retornar, foi designado Professor Assistente Voluntário da Clínica Propedêutica Médica e, paralelamente, assistia e auxiliava necropsias na Cátedra de Anatomia Patológica, regida pelo Prof. Raimundo de Barros Coelho. Em 1952 ingressou na Cadeira de Anatomia Patológica da UFPE como Prof. Assistente Voluntário e no Serviço de Verificação de Óbitos, sendo nomeado efetivo em 1954. Em 1953, assumiu o cargo de Prof. Assistente na Disciplina

de Patologia Geral da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE). Ainda em 1954, foi selecionado para uma bolsa de estudos do Institute of International Education (New York), no M. D. Anderson Hospital, da Universidade do Texas, Houston (EUA), tendo recebido grande influência de Dr. Alvan G. Foraker. Ao regressar ao Brasil, defendeu a sua primeira Tese de Livre Docência em Anatomia Patológica. Pouco depois, aos 27 anos, foi convidado a integrar a Clínica de Câncer de Pernambuco – hoje Hospital de Câncer de Pernambuco (HCP). Em 1958 conseguiu estabelecer o Departamento de Patologia do HCP, o qual foi responsável pela formação e treinamento de patologistas, técnicos e médicos residentes de várias procedências do País. Através do Prof. Adonis esse hospital foi pioneiro no exame intraoperatório, em 1954, na informatização do banco de dados no início dos anos 80 e na introdução do exame imunoistoquímico, anos depois.

Na UFPE, Adonis criou a Divisão de Patologia Cirúrgica, na Cadeira de Anatomia Patológica, formalizada em 1958, introduzindo as descrições sistemáticas das peças cirúrgicas. Em 1957, criou o Registro de Câncer de Pernambuco, o primeiro com base populacional no Brasil e cujos dados foram publicados internacionalmente em 1982. Em 1959, foi bolsista no Royal Marsden Hospital, em Londres. No seu regresso, iniciou pesquisas em Patologia Experimental, que resultaram na tese de sua segunda Livre Docência, para a Cadeira de Patologia Geral, dirigida pelo Prof. Aluísio Bezerra Coutinho.

Entre os anos de 1962 a 1967, fez parte da comissão que elaborou o Volume II da série *Histological Typing of Tumors*, da Organização Mundial de Saúde. De 1969 a 1974, assumiu a Cadeira de Cancerologia da UPE. Desse período, destacam-se as publicações e conferências sobre linfomas, cuja repercussão o fez membro do Committee on Geographical Pathology da Union International Contre Le Cancer (UICC), a qual prestou serviços durante quatro anos. Em 1971 foi eleito para a Vice-Presidência da Sociedade Latino-americana de Patologia (SLAP), na Venezuela. Eleito Presidente dois anos depois, realizou em 1975, em Recife, o X Congresso Latino-americano de Patologia / XI Congresso Brasileiro de Patologia / IX Congresso Brasileiro de Patologia Clínica. Em 1971, foi Visiting Professor no MD Anderson Hospital, EUA. Ainda nessa década, tornou-se um dos componentes do Breast Tumor Study Group da UICC, em Bethesda, que revisou a classificação dos tumores da mamae, dos tumores do testículo e ovário. Criou e coordenou o primeiro Curso de Especialização em

Anatomia Patológica da UFPE, entre 1972 e 1974, que antecedeu a criação da Residência Médica. Em 1973, fundou o Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica da UFPE, o primeiro da área a ser reconhecido pelo Conselho Federal de Educação. Pela criação da área da Concentração em Patobiologia no Programa, o Prof. Adonis abriu um novo campo para todos os outros profissionais da área de saúde.

Realizou trabalhos em colaboração com a International Agency for Research on Cancer (IARC), OMS, em Lyon, França, no projeto sobre Carcinogênese do Colo Uterino e do Pênis. Comandado pela epidemiologista Núbia Muñoz, este resultou na descoberta do HPV como principal causa do câncer do colo uterino. Em 1974, foi eleito Membro da Academia Pernambucana de Medicina. Participou do Conselho Universitário da UFPE em vários mandatos, totalizando 20 anos de exercício. Foi Presidente do Conselho Regional de Medicina de PE, de 1978 a 1981. Pela sua atuação na Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), na Sociedade de Medicina de Pernambuco e na Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), recebeu, respectivamente, o título de Sócio Emérito, a Medalha do Mérito Maciel Monteiro e o título de Sócio Honorário. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia, de 1994 a 1997, o primeiro patologista no cargo.



Adonis foi eleito Vice-Presidente para a América do Sul da International Academy of Pathology (IAP), em 1976, em Washington DC, EUA, sendo reeleito em 1978 (Jerusalém); 1980 (Paris) e 1981 (Sidney). Em 1977 recebeu o título de Admiral in the Texas Navy, pelo Governo do Estado do Texas, EUA. Após 8 anos de trabalho, foi eleito Presidente da IAP em setembro de 1984, em Miami, EUA. Foi o primeiro Presidente não norte-americano e não europeu a ocupar o cargo. Em 1998, recebeu da IAP, a mais alta premiação da instituição, IAP's Gold Meda. Em 2014, a IAP patrocinou uma Jornada Internacional, em Buenos Aires, Argentina, a ele dedicada in memoriam, tendo publicado uma homenagem em seu News Bulletin. Foi membro da Academia

Brasileira de Médicos Escritores e da Sociedade Regional de Pernambuco. Em 1985, tornou-se Professor Titular do Departamento de Patologia da UFPE, após concurso público de provas, títulos e defesa de tese. Neste ano, recebeu título de Membro Honorário da Sociedad Espanhola de Anatomia Patológica e foi Professor Visitante da Universidade de Keyo, Tóquio. Em 2000, foi-lhe outorgado o título de Professor Emérito pela UFPE e, em 2014, o de Acadêmico Emérito in memoriam pela Academia Pernambucana de Medicina. Foi membro dedicado da Academia Pernambucana de Ciências. Seu entusiasmo pela vida acadêmica e pela UFPE fez com que permanecesse em atividade até os 70 anos. Ao HCP, dedicou 59 anos de sua vida.

Casou-se em Recife, em 7 de novembro de 1953, com Cecy do Rêgo Maciel, tendo dois filhos: Maria do Carmo e Marcus Joaquim. A primeira seguiu a carreira do pai, de médica e patologista e seu filho é historiador, com pós-graduação nos EUA, e Professor Titular de História da UFPE, por concurso público. Adonis foi um esposo, pai, avô e bisavô muito querido, admirado e presente. Tinha grande liderança entre os estudantes e, nos anos da Ditadura Militar, representou uma voz libertária na Universidade. Foi Professor Homenageado e Parainfo em diversas ocasiões. Sem vinculações político-partidárias e apenas levado por seu senso de justiça e humanidade, Adonis tomou várias atitudes corajosas para a época, como visitas a presos políticos e o acolhimento clandestino em sua casa de um jovem, depois incluído na lista dos desaparecidos. Nesse período atendia gratuitamente a população carente na sua residência no bairro da Caxangá. No âmbito privado, fundou o Laboratório de Patologia Adonis Carvalho.

Faleceu em Recife, em 12 de fevereiro de 2014. Adonis foi formador de gerações de patologistas em Pernambuco e em outros estados no Brasil e contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento do ensino e da Medicina Diagnóstica de Pernambuco. A criação do Registro de Câncer foi fundamental para a modificação nos conceitos do Ministério da Saúde à época, cuja atenção estava voltada para as doenças infecciosas. Pelo seu grande destaque internacional, Prof. Adonis divulgou o nosso Estado e País no âmbito científico-internacional. Contribuiu em pesquisas fundamentais para o conhecimento universal com benéficos direto para a humanidade, como àquelas lideradas pela epidemiologista Núbia Muñoz e colaboradores, que resultaram na descoberta do vírus do papiloma humano (HPV) como causa do câncer cervical.



Suely Lins Galdino

(1954 - 2012)

Farmacêutica

Homenageado em 2017

Suely Lins Galdino nasceu em 02 de maio de 1954, na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, no seio de uma família nordestina de classe média, filha de mãe professora e pai artista. Uma vez concluída sua formação básica do Curso Secundário, Suely ingressou na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, em 1977, aos 23 anos, concluiu o curso superior em Ciências Farmacêuticas. No ano seguinte, transferiu-se para Recife como bolsista de pós-graduação, e em 1980 concluiu na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o mestrado em Ciências Farmacêuticas e, neste mesmo ano, através de concurso público, ingressou na UFPE como docente de nível superior. Suely realizou seus estudos em Pernambuco e na França, obtendo em 1984, o título de “Docteur d’Etat en Sciences Pharmaceutiques”, pela conceituada Universidade Joseph-Fourier de Grenoble I. Seu trabalho de doutorado foi publicado na Revista da Universidade de São Paulo, em coautoria com o professor Andrejus Korolkovas, sendo considerado o primeiro trabalho realizado no Brasil versando sobre Relações Quantitativas Estrutura - Atividade - QSAR, na área de Química Medicinal. O pioneirismo e relevância deste trabalho se revela diante da sua citação e homenagem, a ele prestada, na celebração dos 40 Anos da Revista Química Nova no ano de 2017, como também, na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde a série dos Workshops ali realizados sob o tema, levam o nome da Professora Suely: “Workshop em Métodos Computacionais Aplicados às Ciências Farmacêuticas - Prof^a. Suely Lins Galdino”.

Retornando à Recife passou a desenvolver sua carreira de pesquisadora e professora no Departamento de Antibióticos do Centro de Ciências Biológicas da

UFPE. Ainda consolidando sua formação acadêmica de alto nível, Suely retornou a Universidade Joseph-Fourier de Grenoble I, para no período de 1990 a 1992, realizar programa de Pós-Doutorado.

A notável ascensão acadêmica de Suely Galdino traduz-se por sua dedicação ao galgar o mais alto nível da carreira docente, a de Professora Titular da UFPE e na excelência de suas atividades de pesquisa, atingindo o Nível de Pesquisadora 1A do CNPq, o mais alto nível nacional do programa de bolsa de produtividade do referido órgão.

Suely publicou 94 artigos completos em revista indexadas, internacionais e nacionais; publicou 188 resumos em anais de congressos, publicou 7 Livros, como autora principal ou colaboradora, orientou 31 Mestres, 21 Doutores, e supervisionou 4 programas de alunos de Pós-Doutoramento, como também, orientou um expressivo número de bolsistas de Iniciação Científica. Participou com apresentações de trabalhos em vários Congressos Científicos no país e no exterior, bem como, integrou diversas bancas examinadoras de mestrado, doutorado, e de concursos públicos. Desta forma, toda sua extensa produção científica, bem como sua carreira acadêmica profissional, foi exclusivamente dedicada e desenvolvida em Pernambuco, o que caracteriza sua autêntica “pernambucanidade”, justificando assim, esta homenagem prestada por este Memorial nos termos da Lei Estadual nº 13.176, de 28/12/2006.

Suely Galdino instituiu e liderou o Grupo de Pesquisa em Inovação Terapêutica da UFPE, grupo voltado para a descoberta, desenvolvimento e inovação de fármacos e medicamentos anticâncer, neuroativos, anti-hipertensivos, anti-diabéticos, anti-inflamatórios, analgésicos e antiparasitários, e no desenvolvimento de rotas sintéticas de fármacos genéricos de interesse para o Sistema Único de Saúde (SUS). Integrou o grupo de pesquisadores do “Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Inovação Farmacêutica (INCT-if)”, exercendo a coordenação da área “Dimensão-2: Formação de Recursos Humanos”. Constata-se sua liderança na fronteira científica do conhecimento no campo da farmacologia moderna, pela qualificada, diversificada, e ativa colaboração que mantinha com pesquisadores de instituições acadêmicas e de pesquisas, internacionais e nacionais, incluindo orientações de estudantes de iniciação científica e alunos de mestrado e doutorado da UFPE.

Suely tinha grande interesse em temas relacionados ao desenvolvimento econômico e social. Liderou o “Grupo Integrado de Estudos e Pesquisas em Economia da Saúde (GIEPES)”, que tem como objetivo investigar a gestão e os aspectos econômicos no campo da saúde no País. Nesta área, sua agenda tinha a preocupação de promover discussões e aprendizado em sintonia com os objetivos da Política Nacional de Saúde (PNS) e da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (PNCTIS), somando-se também a estes esforços, o de articular os setores da saúde, da educação e da ciência e tecnologia, sempre promovendo a força imanente dos usuários, dos trabalhadores, dos prestadores de serviços e dos gestores do SUS para melhoria da saúde da população brasileira. Numa de suas entrevistas, Suely avaliou que “a saúde no Brasil é importada”, mas se dizia “otimista” com a diminuição da dependência externa. Ponderou quando afirmou que o “setor precisa de mais investimentos em formação de recursos humanos e em pesquisa, desenvolvimento e inovação para verticalizar a produção”. Idealizadora do Projeto Sist-Farma junto a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Pernambuco com o objetivo da implantação de uma estrutura de base tecnológica, operando em planta piloto multipropósito para produção de farmoquímicos essenciais ao Brasil, em execução pela Startup Centro Avançada para Inovações em Saúde, que leva seu nome: “Instituto Suely Galdino” (CAIS-ISG).



No campo das atividades de gestão acadêmica e profissional, Suely Galdino contribuiu no exercício das funções de membro representativo, integrando diversos colegiados: Coordenadora no período de 2005 a 2008 do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da UFPE; coordenadora-adjunta da área de Farmácia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre 2008 e 2011; membro da Comissão Executiva da Associação Brasileira de Ciências Farmacêuticas (ABCF) no período de 2010 a 2011.

Quando faleceu exercia mandatos em vários colegiados: coordenava o Programa de Pós-Graduação em Inovação Terapêutica da UFPE, com mandato

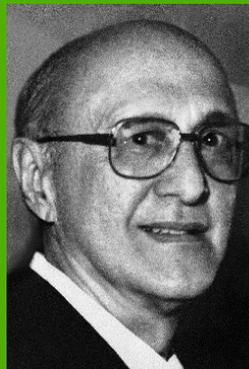
iniciado 2008, cujo término previsto para 2013, não chegou a concluir; membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco (FACEPE), representando a área de Ciências Biológica e Saúde, com mandato iniciado em 2008, cujo término em 2014, igualmente, não conseguiu concluir; membro do Conselho de Administração do Instituto de Tecnologia de Pernambuco (ITEP-OS), mandato iniciado em 2012 (ano de seu falecimento), que era previsto para ser concluído em 2016.

Suely Lins Galdino, faleceu prematuramente, vítima de um AVC gravíssimo, aos 58 anos, no dia 16 de dezembro de 2012, quando ocupava a Presidência da Comissão Executiva da Associação Brasileira de Ciências Farmacêuticas (ABCF), em pleno exercício de seu segundo mandato como membro da Comissão, iniciado em 2012. Pernambuco perde assim, de forma traumática, uma de suas principais lideranças científicas no campo da farmacologia moderna, deixando-nos como legado para as novas gerações de cientistas brasileiros seu exemplo de vida inteira dedicada às ciências biológicas.

Amaury Domingues Coutinho

(1918–1995)

Médico e Pesquisador
Homenageado em 2018



Amaury Domingues Coutinho nasceu no Recife, juntamente com seu irmão Maurício, em 16 de abril de 1918. Teve mais três irmãos, Murilo, Lourdes e Symphronio. Os gêmeos, Amaury e Maurício, não conheceram o pai, Symphronio César Coutinho, falecido precocemente, vítima da gripe espanhola, quatro meses antes do nascimento. A mãe, Esther Domingues Coutinho, criou os cinco filhos e na viuvez foi amparada pelos irmãos Ageleu e José Domingues que, em grande parte, lhe compensaram a falta da figura paterna. De consistência física franzina, Amaury era considerado, de fato, o caçula. Estudou no Ginásio Pernambucano do Recife, sempre excelente aluno, recebeu prêmios anuais e aprovação por média. Nessa época, segundo contava, despertou sua vocação para a Medicina pelo exemplo e convívio com os parentes médicos, o tio Oscar Coutinho, irmão do pai, o primo Artur Coutinho e o tio Ageleu Domingues.

Concluiu o curso médico da Faculdade de Medicina do Recife aos 21 anos de idade, recebendo o “Prêmio Raul Leite” por ter sido o melhor aluno da turma de 1939 e ainda o “Prêmio do Diário de Pernambuco” como o melhor aluno nas Cadeiras de Laboratório. Nos últimos anos do Curso de Medicina foi interno da Cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas e estagiário da 1ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Recife, dirigida pelo Prof. Fernando Simões Barbosa, Cadeira na qual depois exerceu uma longa carreira no magistério superior. Realizou diversos cursos e estágios de aperfeiçoamento, destacando-se o de Bioquímica e o de Farmacologia (Alergia e Imunologia), no Instituto Biológico de São Paulo, em 1944, e o estágio no Instituto de Investigações Físicas aplicadas à Patologia Humana (Secciona de Alergia), em Buenos Aires, 1947. De setembro de 1954 a junho de 1955

realizou importantes estágios em Clínica Médica, propiciados por uma Bolsa de Estudos da W. K. Kellogg Foundation, nas áreas de Gastroenterologia, no Bellevue Hospital da Cornell University Medical College, em New York; de Alergia, no University Hospital de Michigan, em Ann Arbor; e de Hematologia, no New England Center Hospital, em Boston. Tais estágios foram reconhecidos pelo American College of Physicians como programas avançados de Pós-Doutoramento.

Iniciou a carreira docente em 1940, ano seguinte após sua graduação, na Faculdade de Medicina do Recife, como Assistente das Cadeiras de Farmacologia e Fisiologia, e na 1ª Cadeira de Clínica Médica. Em 1950 obteve o título de Livre Docência como docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 1960, logrou o 1º lugar no concurso público para a Cátedra de Clínica Médica, na qual ensinou até a sua aposentadoria, em 1988. Nesse período, além do cargo de Professor Titular de Clínica Médica, teve forte atuação na gestão acadêmica e administrativa da UFPE, dentre estas destacam-se: Chefe do Departamento de Medicina Clínica; Diretor do Centro de Ciências da Saúde, e membro do seu Conselho Departamental por vários anos; além de ter participado de inúmeras comissões acadêmicas e de ter sido membro dos Conselhos Superiores da UFPE. Como merecido reconhecimento por suas relevantes contribuições, em 1990, após sua aposentadoria, recebeu o título de



Professor Emérito da UFPE. Como docente e pesquisador, Amaury atuou em diversas sociedades e associações profissionais, nacionais e internacionais, dentre as nacionais destacam-se as que foi 'sócio fundador': a Academia Pernambucana de Medicina; a Sociedade Brasileira de Alergia; e, a Sociedade Brasileira de Hepatologia; dentre as internacionais destacam-se: "The American College of Allergists"; "The International Society of Hematology"; "The American College of Physicians"; "The American Society of Tropical Medicine&Hygiene"; "Société Internationale de Medicine Interne"; "International Association for the Study of the Liver".

O Professor Amaury Coutinho foi pioneiro e incentivador de avanços tecnológicos, tanto no âmbito clínico como laboratorial, tendo sido o responsável pela montagem de várias técnicas em laboratório de bioquímica e de radioisótopos para diagnóstico e para pesquisa clínica, que dispunham dos mais modernos equipamentos da época, obtidos em convênio internacional com a entidade americana “Kellogg Foundation”. Na área da extensão universitária, sob sua liderança, foi criado na UFPE, em 1975, um “Programa de Saúde Comunitária” que passou a funcionar nos municípios de Vitória de Santo Antão, Pombos e Chã Grande, e que ficou conhecido como “Projeto Vitória”, O “Projeto Vitória” foi certamente um dos mais empolgantes empreendimentos de sua vida acadêmica, instituindo pelo seu caráter humanista, a ideia-força da integração docente-assistencial como motor na formação do médico de uma consciência crítica na área de saúde. Essa rica experiência, precursora do atual conceito de “Medicina Comunitária”, durou nove anos, e contou com o apoio da “Kellogg Foundation” e da Secretaria Estadual de Saúde, integrando a UFPE com a Zona da Mata de Pernambuco, propiciando um marco social relevante, do papel do ensino e da pesquisa, na formação de médicos, odontólogos, nutricionistas e assistentes sociais.

Ao longo da sua carreira como pesquisador, Amaury realizou intensa atividade científica que resultou numa vasta produção intelectual, com grande ênfase nas duas linhas de pesquisa que desenvolveu sobre as doenças tropicais: Filariose e Esquistossomose. Além dos aspectos técnicos e científicos tinha grande interesse pelos aspectos epidemiológicos, ecológicos e principalmente sociais dessas doenças. Foram mais de 100 trabalhos publicados em revistas nacionais e internacionais, e diversos capítulos de livros. Mesmo não sendo comum pesquisadores da área médica de sua geração, Amaury Coutinho teve o mérito de atingir o mais alto padrão de pesquisador no Brasil, obtendo e mantendo por vários anos Bolsa de Produtividade do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no nível de Pesquisador A-1. Seus estudos contribuíram para confirmar a importância do tratamento da esquistossomose, pois na época de suas pesquisas havia grandes controvérsias e intensa discussão sobre a segurança e os benefícios do tratamento. Testou as principais drogas para o tratamento dessas duas doenças parasitárias, contribuindo para elucidar a patogenia da esquistossomose e a hemodinâmica da hipertensão portal, estabelecendo, inclusive, protocolos que até hoje são utilizadas. Suas duas

Teses Acadêmicas foram inéditas e ainda hoje são citadas como referência. A primeira, de Livre Docência, defendida em 1950, versou sobre “Eosinofilia Tropical: Estudo Etiopatogênico, Clínico e Terapêutico”. A segunda tese, defendida para obtenção da Cátedra em 1960, versou sobre “Hipertensão Portal na Esquistossomose Hepatoesplênica”. Em 1981, devido à originalidade e relevância da sua produção científica, recebeu a “Medalha CNPq” e a Academia Nacional de Medicina outorgou-lhe o “Prêmio Alfred Juryhowski” como reconhecimento pelas suas contribuições à Gastroenterologia e à Medicina Tropical e, ainda, por sua dedicação ao ensino de Clínica Médica. Após sua aposentadoria compulsória da UFPE, ele continuou a trabalhar como pesquisador convidado do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, da FIOCRUZ, em Recife. Nos últimos sete anos de vida publicou cerca de 14 trabalhos científicos. Na do ensino, Amaury Coutinho contribuiu para a formação de toda uma geração de Médicos, especialmente de excelentes Médicos Clínicos, que ainda hoje atuam na sociedade e na Universidade, deixando, assim, um importante legado para os estudos científicos e para a ética médica.

Amaury casou-se, em julho de 1945, com Anna da Silva Galvão, então estudante da Escola de Belas Artes do Recife, com quem constituiu uma bela família com seis filhos. Como pai, Amaury não interferiu diretamente na escolha profissional dos filhos, mas incentivou-os a obter formação universitária pós-graduada. Os filhos deram-lhe 18 netos, que, por sua vez, geraram 26 bisnetos.

Horas antes de internar-se com angina estava finalizando um dos seus últimos trabalhos científicos, publicado post-mortem, em coautoria: “História da Filariose Linfática em Pernambuco: Aspectos Epidemiológicos e de Controle” (Rev. Soc. Bras. Med. Trop., 1996), revelando, mais uma vez, sua preocupação pela questão social.

Em 30 de agosto de 1996, após seu falecimento, a Prefeitura da Cidade do Recife inaugurou a “Policlínica Professor Amaury Coutinho”, situada na Campina do Barreto, em Recife, destinada a dar assistência médica aos moradores dos bairros de Arruda, Água Fria, Dois Unidos e periferia.

Amaury Coutinho nos deixa um legado inestimável de contribuições a medicina e ao conhecimento científico, como pesquisador, professor, humanista

e como exemplo de vida ética dedicada a prática de uma medicina social. Foi um homem que deixa sua presença continuamente viva na memória das novas gerações de pernambucanos.

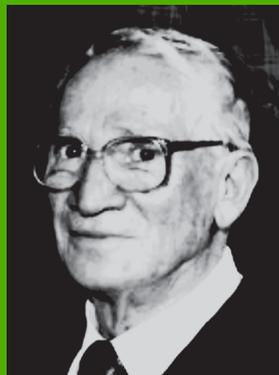
Faleceu em 26 de abril de 1995, dez dias após ter completado 77 anos.

Salomão Kelner

(1916-2003)

Médico Cirurgião

Homenageado em 2019



Salomão Kelner nasceu em Buenos Aires, em 2 de março de 1916. O Prof. Salomão Kelner era descendente das famílias judaicas Kelner (família paterna) e Krutman (família materna), que emigraram da Ucrânia e Rússia, fugindo da perseguição dos czares, por meio dos pogroms. Nemésio Kelner e sua esposa Berta Rachel Kelner (Krutman) fugiram com suas famílias desembarcando em Buenos Aires, Argentina, possivelmente em 1915, para escapar da perseguição antissemita. Em 1918, toda a família residente na Argentina migrou para o Brasil. Todos conseguiram visto de entrada permanente, exceto Salomão, sob a justificativa que era criança de colo. Isso trouxe problemas para Salomão Kelner quando atingiu a maioridade e requereu a cidadania brasileira. A naturalização só foi autorizada por Getúlio Vargas em 31 de janeiro de 1941. Em 1922, entrou no Grupo Escolar Maurício de Nassau, no Cais José Mariano, onde fez o curso primário. Estudou depois na Escola Normal, no Ginásio Pernambucano e no Ginásio Oswaldo Cruz. Desde menino admirou a profissão médica e desde adolescente dava aulas de Português e Matemática para crianças, para ganhar algum dinheiro e financiar seus estudos. Em 1935, presta vestibular na Faculdade de Medicina do Recife e inicia o curso médico. Foi um bom aluno no curso médico, apesar de ter trabalhado durante os seis anos para pagar seus estudos.

Formou-se médico em 8 de dezembro de 1940, pela Faculdade de Medicina do Recife. A vida acadêmica foi iniciada na segunda metade da década de 1940, a convite do professor Eduardo Wanderley Filho, com muito entusiasmo ficou como voluntário algum tempo, e em seguida, foi nomeado o primeiro assistente voluntário da Cátedra de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da então

Universidade do Recife. Em 1943, classificado por concurso em segundo lugar (escrita, operação no vivo e no cadáver) como Cirurgião Assistente do Serviço de Pronto Socorro do Recife, como também foi médico credenciado do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, entre 1943 e 1955. Cirurgião e Proctologista–Chefe do Departamento Médico do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar no Estado de Pernambuco, entre 1943 e 1945. Classificado em 3º lugar no Concurso para Cirurgião do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, exerceu o cargo de 1947 até 1976.

Salomão Kelner realizou em 1949, estudos na Argentina, estagiando no serviço do Dr. Arnaldo Yódice, Professor de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas e de Proctologia da Escola de Graduados, e chefe de Cirurgia Geral do Hospital Municipal Dr. Cosme Argerich. No período de agosto de 1951 e janeiro de 1953, estagiou no serviço do professor de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Buenos Aires, Ricardo Finochietto, como Bolsista da Kellogg Foundation, Boston, USA. Intensificou seus estudos realizando Curso de Pós-graduação em Doenças Torácicas, promovido pela American Trudeau Society, com a colaboração da Massachusetts Tuberculosis and Health League, na Boston Medical Library, entre 24 a 28 de março de 1952. Continuando, realizou o Curso de Pós-graduação em Endoscopia no Massachusetts General Hospital (Dr. Edward B. Benedict), Harvard Medical School, em Boston, Massachusetts, EUA, entre maio a julho de 1952. Em 1953, Salomão elaborou a primeira tese de Livre Docência em Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, em São Paulo, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), tendo o cuidado de repassar a literatura todos os dias sobre os trabalhos que seriam citados, tendo defendido em 1954. Em 1953, foi médico visitante da Lahey Clinic na Philadelphia, USA, do serviço dos Doutores Taussing e Blalock na John Hopkins University. Em 22 de abril de 1954 recebeu o título de Fellow do Collège International de Chirugiens, em Genebra, Suíça. Ainda em 1954, Kelner e Wanderley realizaram, pela primeira vez no país, a esplenectomia associada à sutura a céu aberto das varizes do terço inferior do esôfago, como tratamento definitivo para as varizes sangrantes do esôfago, na esquistossomose mansônica. Em 1963, assume interinamente a Cátedra de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1964, torna-se fellow do famoso e respeitado pelo American College of Surgeons, Chicago, USA, tornando-se fellow do American College of Surgeons, Chicago,

USA. Ainda, em 1964, desenvolveu estudos no Curso de Pós-graduação em Cirurgia Torácica, no Serviço do professor Richard H. Overholt, no New England Deaconess Hospital e The New England Center Hospital, em Boston (EUA), e no Cambridge Tuberculosis Hospital, em Cambridge (EUA). Em 1965, tornou-se membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões no Brasil. Salomão Kelner defende a Tese Avaliação da Esplenectomia e Ligadura Intraesofágica das Varizes do Esôfago na Esquistossomose Mansônica em concurso para provimento do cargo de Professor Catedrático da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental (4ª Clínica Cirúrgica Abdominal), Faculdade de Medicina da UFPE, em sessão pública no auditório da Faculdade de Medicina, Cidade Universitária, em 27 de maio de 1966. Dr. Salomão Kelner foi homenageado pela Assembleia Legislativa de Pernambuco, em 2 de junho de 1966, por votos de congratulações por haver obtido a Cátedra de Cirurgia da Faculdade de Medicina. Na posse, ele se comprometeu com o ensino, a pesquisa e a extensão, o que cumpriu rigorosamente até sua aposentadoria compulsória, em 1986, contudo, ainda, continuou com atividades na pós-graduação.

Na pós-graduação, em 1973, institui o curso de Mestrado em Cirurgia na UFPE do qual foi seu Coordenador até 1986, quando se aposentou. Em 1975, foi professor visitante, durante três semanas em centros de ensino médico da Grã-Bretanha, principalmente na Universidade de Dundee, Escócia, sob o patrocínio do Conselho Britânico. Em 18 de outubro de 1985, recebeu a Medalha do Mérito São Lucas, outorgada pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, Conselho Regional de Medicina e Sindicato dos Médicos de Pernambuco. Salomão Kelner tornou-se membro fundador da Academia Pernambucana de Medicina, ocupando a Cadeira 39, cujo patrono foi o cirurgião João Alves de Lima (1871 - 1934), professor catedrático da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Como Acadêmico do Ano pela Academia Pernambucana de Medicina publicou com colaboradores na Revista do



Colégio Brasileiro de Cirurgiões, uma avaliação de 25 anos da efetividade da ligadura de varizes esôfago-gástricas na hipertensão porta esquistossomótica; publicou “Dez anos de Mestrado em Cirurgia: Avaliação e Perspectivas pela Editora Universitária. 1983”; em parceria com outros pesquisadores publicou “História da Faculdade de Medicina do Recife 1915 - 1985 pela Liber Gráfica e Editora”.

Diante das efetivas contribuições como médico, Professor e Pesquisador recebeu o Título de Professor Emérito pela UFPE em janeiro de 1988. Homenageado com a Medalha do Mérito Maciel Monteiro, durante a comemoração do sesquicentenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 4 de abril de 1991. Recebe em 11 de dezembro de 1991, o Prêmio Colégio Brasileiro de Cirurgiões, diploma e medalha de ouro, “Concedido ao cirurgião brasileiro, Membro Titular ou Emérito do CBC” que, pelo acervo de atividades desempenhadas na sua vida profissional, tenha contribuído para o ensino, progresso e desenvolvimento da Cirurgia no Brasil”. Da suas publicações ressalta-se o artigo Critical evaluation of surgical treatment of schistosomotic portal hypertension (revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, v. 87 suppl. IV, p. 357-68, 1992) e o livro Varizes de esôfago na esquistossomose mansônica, organizado em parceria com Marcello Silveira, Editora Universitária da UFPE (15 de maio de 1997). Orientou muitas teses de mestrado e doutorado e foi chefe do Departamento de Cirurgia da UFPE e membro do Conselho Departamental da mesma Universidade. E é citado em um grande número de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de trabalhos científicos, considerando suas pesquisas em cirurgia da Esquistossomose mansônica, principalmente, no Núcleo de Cirurgia Experimental, que dirigiu de 1966 até sua aposentadoria. Exerceu o cargo de chefe do Departamento de Cirurgia da UFPE e membro do Conselho Departamental da mesma Universidade. Outra homenagem foi feita em 18 de dezembro de 1999, pelo Sindicato dos Médicos de Pernambuco, inaugurando o auditório da instituição com o nome Salomão Kelner. É citado em numerosas teses e trabalhos científicos por suas pesquisas em cirurgia da Esquistossomose mansônica e por suas qualidades de pesquisador, formador de pesquisadores, principalmente no Núcleo de Cirurgia Experimental, que dirigiu de 1966 até sua aposentadoria.

Dos aspectos familiares, casou com a médica Miriam (Ludmer) Kelner em 1942. Teve uma filha única, médica e professora universitária (UFPE), Gilda Kelner, , mestre e psicanalista, professora aposentada de UFPE; com três netos, Sérgio Kelner Silveira (Economista, Mestre e Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco), Raquel Kelner Silveira (Médica, Cirurgiã, Professora da UFPE e da Faculdade Pernambucana de Saúde, Mestre ,Doutora e Pesquisadora) e Carlos Kelner Silveira (Engenheiro, com Mestrado na UNICAMP, pós graduação na Fundação Getúlio Vargas em SP, consultor); e acompanhou de perto duas bisnetas, Marina Kelner Silveira, Médica Oncologista e Cecília Kelner Silveira, Advogada. Após seu falecimento, nasceram mais três bisnetos, Pedro Kelner Silveira, Davi Barbosa Kelner Silveira e Luíza Kelner Silveira.

Salomão era um homem extremamente culto e de muita leitura. Sempre aproveitava as viagens para visitar museus, teatros, óperas, ballet, desfrutando dos belos lugares. Prevaleceu seu espírito pioneiro, sabedoria e o bom senso cirúrgico, honestidade científica e perseverança, corroborados pelos estudos das duas doenças demonstrando diferenças importantes na sua fisiopatologia e fortalecendo sua tese de uma cirurgia preconizada por brasileiros para uma doença que afligia nossa população. Mais uma vez, inovou, criou, preocupando-se sempre em reproduzir estes conhecimentos, sem esquecer o culto à memória de seus mestres e antecessores. Mais detalhes, como entrevistas e depoimentos do próprio Salomão e de familiares, discípulos e amigos podem ser encontrados no livro “Um Marco na Medicina Pernambucana”, organizado pelos médicos Gilda Kelner e Djalma Agripino de Melo Filho e editado pela Cepe.

Salomão Kelner faleceu no Recife, no seu apartamento na Av. Beira-Rio, no dia 25 de maio de 2003.



**ESTADO DE PERNAMBUCO
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Legislatura 15ª Ano 2006**

LEI Nº 13.176, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2006

EMENTA: Cria o memorial de ho-menagens póstumas a cientistas pernambucanos, denominado: Notáveis Cientistas Pernambucanos: Um Memorial do Seu Povo.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE PERNAMBUCO:

Faço saber que tendo em vista o disposto nos §§ 6º e 8º do artigo 23, da Constituição do Estado, o Poder Legislativo decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o memorial de homenagens póstumas a cientistas pernambucanos, denominado “Notáveis Cientistas Pernambucanos: Um Memorial do Seu Povo”.

Art. 2º Constituem os objetivos do Memorial:

- I - divulgar e reconhecer publicamente o importante papel dos cientistas pernambucanos no desenvolvimento da ciência no seu tempo e no seu campo específico de atuação, procurando compreender o alcance de suas contribuições na construção do conhecimento científico universal;
- II - valorizar um patrimônio intelectual existente, preservando a memória das contribuições à ciência gerada por pernambucanos;
- III - estimular a vocação científica das novas gerações.

Art. 3º O Memorial homenageará anualmente, até no máximo três (03) personalidades representativas dos principais campos do conhecimento, associadas a uma das seguintes grandes áreas:

I - Ciências Exatas, da Terra e Engenharias;

II - Ciências Humanas, Letras e Sociais;

III - Ciências Biológicas e da Saúde.

§1º Respeitado o número máximo de até três (03) indicações por ano, é facultada a possibilidade de ser homenageado mais de um cientista para uma dada área do conhecimento.

§2º No ano de sua implementação, o memorial, excepcionalmente, homenageará até seis (06) personalidades, observando-se o máximo de dois (02) cientistas em cada campo do conhecimento.

Art. 4º Os homenageados serão escolhidos por uma Comissão de Mérito, constituída por sete (7) eméritos cientistas pernambucanos, de notório saber, que tenham ao longo de suas carreiras revelado, de forma concreta, interesse pelo campo da literatura bibliográfica científica regional, nacional ou internacional.

§1º A Comissão de Mérito será compostas por:

I - um (01) cientista representando a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), indicado pelo Reitor e homologado pelo seu Conselho Superior;

II - um (01) cientista representando a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), indicado pelo Reitor e homologado pelo seu Conselho Superior;

III - um (01) cientista representando a Universidade de Pernambuco (UPE), indicado pelo Reitor e homologado pelo seu Conselho Superior;

IV - um (01) cientista representando a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), indicado pelo Reitor e homologado pelo seu Conselho Superior;

V - um (01) cientista pertencente aos quadros da Academia Pernambucana de Ciências (ACP), indicado pelo Presidente e referendado pelo seu Conselho Superior;

VI - um (01) cientista representando a comunidade científica de Pernambuco, escolhido pela Secretária Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC);

VII - um (01) cientista representando a comunidade científica de Pernambuco, escolhido pela representação em Pernambuco da Academia Brasileira de Ciências (ABC).

§2º O mandato dos membros da Comissão de Mérito, elencados nos incisos V, VI e VII será de dois (02) anos e aqueles referidos nos incisos I, II, III e IV, será de três (03) anos, sendo facultado, independentemente da origem da representação, uma única recondução para mandatos consecutivos.

§3º A Comissão de Mérito será presidida por um dos seus membros durante a vigência do seu mandato, escolhido pelos seus pares por maioria simples, e reunir-se-á ordinariamente uma (01) vez por semestre e extraordinariamente, quantas vezes for necessário, quando convocada pelo seu Presidente, ou pela maioria de seus membros.

Art. 5º A escolha dos homenageados atenderá objetivamente e simultaneamente aos seguintes critérios:

I - cientista nativo de Pernambuco ou naturalizado, ou ainda, nascido em outro local - no país ou exterior - mas que tenha, de forma comprovada, parte importante de sua obra caracterizada como originária de sua pernambucanidade;
II - produção científica comprovada, constituída de contribuições relevantes ao conhecimento, caracterizada por sua abrangência e dimensão universal.

Parágrafo Único. A divulgação dos cientistas homenageados, ocorrerá anualmente durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, instituída pelo Decreto Federal de 9 de junho de 2004, publicado no Diário Oficial da União em 11 de junho de 2004.

Art. 6º Os trabalhos da Comissão de Mérito serão assessorados por uma Secretaria Executiva, cujos membros serão indicados pela Direção Superior da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), Coordenação do Espaço Ciência, Representação Regional em Pernambuco da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e pela Comissão de Ciência, Tecnologia e Informática da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, sob a coordenação desta última.

Parágrafo Único. A Secretaria Executiva, uma vez constituída com a participação das entidades referidas no caput, elaborará o Plano Anual de Ação para as

atividades da Comissão de Mérito, oficializando sua composição, passando a ter as atribuições de coordenação e gestão do Memorial.

Art. 7º Com a finalidade específica de concretizar seus objetivos, nos termos do disposto no art. 2º, a Comissão de Mérito promoverá:

I - a edição de textos de referência de Bibliografia Científica, com o relato da trajetória científica de cada homenageado, contendo análise técnica-literária de sua obra, para divulgação nas diversas formas de interesse;

II - ampla divulgação do Memorial, com material bibliográfico dos homenageados, junto à rede de ensino público e privado do Estado;

III - exposições do Memorial em feiras de ciências e em ambientes públicos de grande circulação;

IV - a construção e criação, dentro das instalações do Espaço Ciência, de uma galeria intitulada: "Notáveis Cientistas Pernambucanos: Um Memorial do Seu Povo", com os respectivos retratos dos homenageados, suas biografias e sinopse de suas principais contribuições científicas;

V - a produção de multimídia para divulgação das biografias dos homenageados ;

VI - a criação do site: "Notáveis Cientistas Pernambucanos: Um Memorial do Seu Povo".

Parágrafo Único. Caberá à Comissão de Mérito, firmar convênios e acordos com entidades públicas ou privadas, visando obter os meios necessários, bem como recursos financeiros, para a consecução dos seus objetivos.

Art. 8º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º Revogam-se as disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, em 27 de dezembro de 2006.

ROMÁRIO DIAS

Presidente

Galeria de Fotos



